DEFESA DE DISSERTAÇÃO

HAIDO, Tereza M. de Carvalho. A reorganização discursiva em entrevistas jornalísticas. Rio de Janeiro: UFRJ Faculdade de Letras, 1996. 153 fl.mimeo. Dissertação de Mestrado em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Sebastião Josué Votre
Orientador

Professora Doutora Maria Luiza Braga

Professora Doutora Maria Lucia Leitão de Almeida

Suplentes:

Professor Doutor Mário Eduardo Martelotta

Professora Doutora Mariangela Rios de Oliveira

Examinada a Dissertação
conceito "EXCELENTE"
Em 14 / 02 / de 1996

A REORGANIZAÇÃO DISCURSIVA EM ENTREVISTAS JORNALÍSTICAS

por

TEREZA MARIA DE CARVALHO HAIDO

Dissertação de Mestrado em Lingüística apresentada à Coordenação dos Programas de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientação Acadêmica: Professor Doutor Sebastião Josué Votre.

Rio de Janeiro, 1996

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Sebastião Votre, pela orientação crítica e decisiva;

À CAPES, pelo suporte financeiro no decorrer do curso de Mestrado;

A Maria Lúcia Leitão de Almeida pelas sugestões sempre valiosas e pelo incentivo irrestrito;

A Marina Machado Rodrigues, pelo companheirismo e cumplicidade;

A Evelin Orrico, pelas inúmeras discussões sempre proveitosas;

A Monica Nobre e Aniela Improta, pelo estímulo e inestimável ajuda;

A Sandra Bernardo e Soraya Goulart, pela força e entusiasmo;

Aos meus pais, Newton e Norma, pelos exemplos e pelo carinho;

Aos meus sogros, Ivonete e Elias, pelo estímulo permanente;

A Antonio Bartz, pelo contínuo suporte.

A toda a minha família, pelo carinho e compreensão;

A Antonio, meu companheiro, pelo apoio paciente e incondicional, sem o qual nada seria possível;

A Fernanda e Júnior, meus filhos, que sempre me compreenderam e me estimularam,

dedico esse trabalho.

SINOPSE

Análise da codificação lingüística de entrevistas jornalísticas através do confronto entre as versões oral e editada. Descrição dos cortes recorrentes no processo de edição influenciados por fatores de ordem pragmático-discursiva. Aspectos referentes à reorganização do texto editado com base no princípio da iconicidade.

In: HAIDO, Tereza M. de Carvalho. A reorganização discursiva em entrevistas jornalísticas.Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1996. 153 fl.mimeo. Dissertação de Mestrado em Lingüística.

SUMÁRIO

0 - INTRODUÇÃO 1

0.1 - Objeto de estudo: principais questões e hipóteses 1
0.2 - Metodologia 4
0.3 - Corpus 6

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS 11

1.1 - Funcionalismo em Lingüística 11
1.2 - Princípio da iconicidade 12
1.3 - Plano 14
1.4 - Distinção fala **vs** escrita 15
1.4.1 - Perspectiva cognitiva e interacional 15
1.4.2 - Perspectiva multidimensional 17
1.5 - Transformação da fala em escrita 19
1.5.1 - Perspectiva da retextualização 19
1.6 - Tópico semântico-discursivo 24

2 - CONTEXTO DISCURSIVO DAS ENTREVISTAS 27

2.1 - Entrevista oral e entrevista editada 27
2.2 - Análise das características lingüísticas 28
2.3 - Quantificação total dos dados e análise global dos resultados 85

3 - ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA DAS ENTREVISTAS 96

3.1 - Considerações iniciais 96
3.2 - Categorias analíticas figura e fundo nas entrevistas 96
3.3 - Categoria analítica tópico discursivo nas entrevistas 101
3.4 - Estratégia de edição das entrevistas 104
3.4.1 - No plano pragmático 104
3.4.2 - No plano semântico-discursivo 105
3.5 - Princípios norteadores da edição 118
3.5.1 - Manifestação do subprincípio da proximidade/concernência 118
3.5.2 - Manifestação do subprincípio da ordem seqüencial/pontualização 119
3.5.3 - Manifestação do subprincípio da quantidade/relevância . 119

4 - CONCLUSÃO 121

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 123

6 - BIBLIOGRAFIA GERAL 126

7 - ANEXO 127

0 – INTRODUÇÃO

0.1 – Objeto de estudo: principais questões e hipóteses

O interesse no estudo das entrevistas jornalísticas deve-se fundamentalmente a uma curiosidade pela organização discursiva dessa modalidade. Trata-se de um gênero discursivo que apresenta certas peculiaridades que merecem ser investigadas, tais como: é formado a partir de outro discurso – a fala do entrevistado; é um dos tipos textuais da mídia e como tal estruturado, parcialmente, em função das imposições do veículo.

Comparando-se as duas versões das entrevistas: a oral, gravada pelo jornalista quando do encontro com o entrevistado; e a editada, a que aparece fisicamente publicada no jornal, percebi que a codificação desse gênero discursivo desempenha um duplo papel, de acordo com a perspectiva adotada. Do ponto de vista do entrevistado, evidencia um interesse em transmitir a mensagem em função de seus propósitos comunicativos; do ponto de vista do editor, consiste na fonte de referência para a interpretação e reorganização da mensagem recebida, face ao perfil ideológico do jornal e ao recorte do público-alvo do veículo. Essa **reorganização** será o foco de atenção desta pesquisa.

Várias questões surgiram quando comecei a investigar e buscar explicações que pudessem dar conta do processo de edição:

– Que diferenças formais básicas havia entre as duas versões?

– Que formas lingüísticas eram abandonadas?

– Haveria procedimentos recorrentes para a reorganização da versão editada?

– Seriam os contrastes funcionais e pragmáticos os determinantes básicos da estrutura das entrevistas?

Verifiquei a existência, na literatura, de alguns estudos que levam em consideração os fatores lingüístico-pragmáticos na análise do processo de edição. A obra mais

específica nessa linha está relacionada ao fenômeno da retextualização, nos termos de Van Dijk e Marcuschi, que constitui a dissertação de mestrado de Isaltina Gomes (1995), apresentada em detalhes no item 1.5.1 desta dissertação. Além do trabalho de Gomes e daqueles referidos por esta, o que encontrei foram apenas afirmações, nos manuais de redação e estilo dos jornais, que servem como recomendações, como as que se seguem:

"A menos que haja alguma razão especial para mantê-los, elimine do texto os erros e repetições que as pessoas cometem habitualmente quando falam"; (Manual de redação e estilo – O Estado de São Paulo: p. 32)

"Evite estender-se demais nas perguntas e resuma as respostas do entrevistado. Conserve, no entanto, a essência da opinião dele e suas frases mais expressivas ou contundentes"; (Manual de redação e estilo – O Estado de São Paulo: p.33)

"Por mais caótica que seja a entrevista, você pode ordená-la no texto final, agrupando os assuntos em blocos para a melhor compreensão do leitor, em vez de manter a falta de conexão ou de seqüência do texto". (Manual de redação e estilo – O Estado de São Paulo , 1990: p.33).

Neste estudo, a exemplo do de Gomes, enfatizo a importância de uma análise das entrevistas, em termos das caracterizações lingüísticas nas versões orais e escritas, mais precisamente, em termos da codificação morfossintática, levando em conta o conteúdo semântico.Viso a identificar e a explicitar as principais pistas lingüísticas que norteiam os procedimentos regulares e recorrentes de redução do texto gravado. Procuro, portanto, elucidar os contextos discursivos e pragmáticos que levam o editor a, dentre todas as informações obtidas, codificar apenas algumas porções selecionadas.

Adotei e adaptei alguns postulados da perspectiva funcionalista para atingir esse objetivo, admitindo que, para uma melhor compreensão da língua em uso, é preciso correlacionar os mecanismos gramaticais aos contextos discursivos em que aparecem e levar em conta as diferentes especificidades e necessidades comunicativas.

Tomo como dado que o processo de edição das entrevistas é coerentemente orientado por fatores pragmáticos e discursivos. Nesse contexto, as hipóteses básicas que orientam a pesquisa são as seguintes:

1 – Mais que simplesmente a transposição da modalidade oral para a escrita, são os fatores discursivo-pragmáticos que determinam a estruturação das entrevistas e, consequentemente, a elaboração do texto editado;

– O princípio da iconicidade juntamente com as propriedades tópicas de *centração* e organização hierárquica norteiam a produção do texto impresso (editado);

– O estabelecimento de cortes efetuados pelo editor está associado à relevância discursiva relacionada aos planos figura e fundo postulados por Hopper (1979), adaptados a esta modalidade devido a um dos seus cânones principais que é a *concisão*.

O estudo será estruturado como se segue:

No Capítulo I, faço uma apresentação dos pressupostos teóricos que servem de suporte à análise e mostro em que aspectos este estudo se distingue do de Gomes (95).

No Capítulo II, apresento a análise do contexto discursivo das entrevistas.

A entrevista jornalística é uma produção em duas etapas: o momento da conversa entre o entrevistador e o entrevistado e o momento da edição quando se formatará a mensagem oral para o contexto jornalístico e para um leitor habitual.

No primeiro momento, a entrevista aproxima-se da conversação face a face. No entanto, no segundo momento, distingue-se dela não só pela modalidade escrita, como também pela troca dos interlocutores, que passa a ser jornal versus leitores.

Investigo nesse capítulo as características lingüísticas dos textos das entrevistas editadas em comparação com as características dos textos orais, analisando as semelhanças e diferenças entre ambas, respaldada pelas contribuições de Biber (1988), procurando, a partir dessa investigação, especificar a "entrevista jornalística" enquanto modalidade discursiva.

No Capítulo III, retomo o estudo feito por Gorski (1994) sobre o tópico-semântico-discursivo em narrativas orais e escritas, e testo sua atuação quando em outro tipo discursivo (entrevista) que pode ser visto como um discurso argumentativo *lato sensu.* Investigo a organização discursiva dessa modalidade, utilizando também a propriedade definidora de tópico *centração* (Jubran et alii, 1992). Discuto os princípios cognitivos norteadores do processo de edição da entrevista e as estratégias utilizadas pelo editor ao efetuar os cortes.

No Capítulo IV, apresento algumas respostas às questões que orientaram a dissertação, e proponho alguns itens para projetos futuros, na interface entre a Lingüística e o Jornalismo.

0.2 – Metodologia

O estudo concentra-se em entrevistas jornalísticas, em suas versões editada e oral. Interessa-me, particularmente, investigar a estratégia de organização do texto editado, já que este tem como característica ser formado a partir da fala do entrevistado. Para alcançar tal fim, organizei o trabalho nas seguintes etapas:

– Na primeira etapa, fiz uma transcrição ortográfica das fitas das entrevistas orais. Não levei em consideração os fatores prosódicos e estipulei alguns sinais padronizadores.

LEGENDA: ... = pausa

( ) = segmento ou palavra indecifrável

X = ausência de algum segmento na escrita e/ou fala (esses segmentos aparecerão sempre em itálico).

– Num segundo momento, delimitei a análise das características lingüísticas apenas às cinco primeiras perguntas e respostas de cada entrevista. Apoiei-me na técnica do "lead" e na estruturação de pirâmide invertida (cf. Luiz Amaral – Técnica de

Jornal e Periódico, p: 65) que postula serem as primeiras perguntas as mais relevantes, pois corresponderiam à organização típica dos jornais que tenta prender a atenção dos leitores logo no início dos textos.

Como não havia uma correspondência biunívoca entre perguntas e respostas nas duas versões, sendo a oral muito maior, o texto escrito serviu de base para o cotejamento. Parti do que estava concretamente editado no jornal para então procurar a sua realização na versão oral, já que muitas perguntas e respostas da entrevista oral são abandonadas. Embora tenha transcrito as versões orais integralmente, para que pudesse compará-las, destaquei o texto escrito e analisei a sua contraparte oral.

O mesmo tratamento foi dado ao texto escrito que não apresentava correspondente no texto oral, conseqüentemente, as inserções de enunciados nas entrevistas editadas não foram objeto de estudo dessa dissertação, que se propôs a fazer um confronto do editado versus o falado.

Os sinais de pontuação que estabelecem os períodos no texto escrito foram utilizados como delimitadores para a comparação com a contraparte oral. O período foi escolhido como critério delimitador por ser a maior unidade da estrutura gramatical e possibilitar o estabelecimento de associações tanto entre os constituintes da oração como entre orações e ainda entre os períodos, propiciando assim uma análise também de natureza discursiva.

Cotejei a versão editada e a oral de cada entrevistado, colocando-as lado a lado, investigando esses dois textos em termos de suas caracterizações lingüísticas, analisando os cortes e alguns aspectos da organização discursiva, como os deslocamentos efetuados pelo editor.

0.3 – Corpus

O corpus consta de 5 entrevistas em suas versões editadas e orais, publicadas por um grande jornal brasileiro na década de 90.

Cada entrevista oral, após a transcrição, resulta, em média, em 15 laudas, tendo-se um total de 75 laudas de texto oral e a sua contraparte escrita publicada pelo jornal.

Dei aos dados um tratamento qualitativo, cotejando as versões editadas e orais, examinando-as em busca de fatos que testassem as minhas hipóteses. O tratamento quantitativo serviu apenas para evidenciar algumas tendências.

As entrevistas analisadas foram as seguintes:

ENTREVISTA I

TEMA: REVISÃO CONSTITUCIONAL

ENTREVISTA II

TEMA: PROGRAMA DE ESTABILIZAÇÃO ECONÔMICA / URV

ENTREVISTA III

TEMA: SITUAÇÃO POLÍTICA E ECONÔMICA DO PAÍS

ENTREVISTA IV

TEMA: MENORES DE RUA E A MATANÇA NA CANDELÁRIA

ENTREVISTA V

TEMA: ECONOMIA POPULAR

Apresento aqui um segmento da entrevista IV para ilustrar como foi feito o cotejo entre as duas versões.

A numeração das perguntas da entrevista editada segue a ordem do jornal, já a da oral foi mantida para que se pudessem analisar também os deslocamentos efetuados pelo editor na reorganização do texto final.

Ao final do segmento destacado, apresento alguns comentários a respeito das análises que foram realizadas durante a pesquisa.

EDITADA	ORAL
2 – O Juiz de Menores, Liborni Siqueira, responsabiliza as entidades de proteção ao menor pela matança da Candelária. Você concorda?	**1 – O juiz Liborni Siqueira ... hoje tá nos jornais que ele acusa as entidades de proteção aos menores de serem as principais responsáveis pelo que aconteceu ... diz que são tantas as entidades interessadas em receber verbas do exterior que se criou uma indústria do menor ... e que o menor permanecer na rua é uma coisa que favorece ... como é que você vê isso?**
R: Isso é ambíguo.	**R:** *olha* ... isso é ambíguo *né*
Por um lado, se não fossem as entidades não governamentais, os meninos de rua não teriam absolutamente qualquer oportunidade na vida.	eu acho que se não fossem as entidades não governamentais os meninos de rua não teriam absolutamente nenhuma oportunidade de nada...
X	*quer dizer ... é ... ou seja ...*
Essas entidades suprem o papel que as autoridades não fazem.	as entidades não governamentais estão suprindo o lugar que seria governamental *você vê ...*
Não há escolas para eles e nem atendimento na rede pública que se nega a atendê-los.	não existe escola para o menino de rua ... a saúde não atende o menino normalmente ... é raríssimo você conseguir ser atendido por um hospital público ...
	quer dizer ... você não ter possibilidade de ter um salário decente em família...
X	*ter que sair na rua para tentar garantir a sua sobrevivência e o aumento da renda familiar ...*
	então ... são uma série de fatores ... que são fatores sociais que tão embutidos nessa questão
As entidades surgiram para suprir este vazio.	*aliás* ... as entidades não governamentais a rigor elas surgiram para suprir esse buraco ... esse fato ...
E eu mesma não trabalho mais com o governo.	eu mesma não trabalho lá com o governo

Você trabalha, implanta um projeto, tem reconhecimento, consegue doações para o projeto.	*porque* você trabalha ... implanta um projeto ... você tem reconhecimento profissional do seu projeto ... você consegue uma série de pessoas que estão doando dinheiro pro projeto ... *o dinheiro é todo controlado a nível da própria prefeitura* ...
Aí, de repente muda o prefeito e começa tudo da estaca zero, como se nada até então feito tivesse valor.	e de repente muda o prefeito e começa tudo da estaca zero ... como se nada daquilo que *eu* tivesse feito tivesse valor...
X	*ou seja ... tá certo ... a gente pode até não ter conseguido chegar no máximo dentro da ( ) social a ponto de ter a roda perfeita ...*
X	*mas parte da roda perfeita ... mas parte da roda já estava inventada ... a gente já tinha quebrado a cabeça ... já tinha aprendido como trabalhar com os meninos né ...*
X	*então tudo isso é desperdiçado quer dizer ...*
Trabalhar com o governo é ter 100% de desperdício.	trabalhar com o governo é ter 100% de desperdício a cada mudança de mandato
3 -Por outro lado ...	***X***
Por outro lado, há de fato um indústria do menor com proliferações dessas entidades.	*25* – tem um monte de programas
E os meninos estão cada vez mais nas ruas, mais descalços.	e o menino tá ficando cada vez mais na rua... mais descalços ... não têm dinheiro nem pra comprar um sapato...
Existe uma disputa na rua, muito grande, pelo menino de rua.	*4* – existe uma disputa na rua muito grande
"Esse menino é meu é meu.	"esse menino é meu esse menino é meu"
Só que ele não é de ninguém.	todo menino é de todo mundo ... ou seja ... o menino é da sociedade e é dele mesmo né... basicamente ...
É dele mesmo e de toda a sociedade.	
X	**11 – Você falou que existe uma disputa pelo menor na rua como é que isso se dá assim... na prática... por que essa disputa?**
A disputa é exatamente pela questão da verba que dá poder.	**R:** é exatamente pela questão dessas verbas né que é um ... a rigor pensar ... são ... é .... uma coisa meio mítica sabe

A verba é um fetiche.	é um fetiche *entendeu ... é como se não existisse... as verbas potencialmente podem existir... mas na realidade elas não existem entendeu ...*
X	*então é uma procura eterna de conseguir conquistar essas verbas né*
Tanto podem ser milhares de dólares como pode ser absolutamente nada.	elas podem ... essas verbas podem ser milhares e milhares de dólares e podem não ser nada ...
X	*é isso que eu quero dizer entendeu ... eu acho que existe uma disputa ... às vezes sai no jornal que tal projeto ganhou milhares de dinheiro quando na realidade não ganhou nada daquilo ... se você expremer você vai ver que não deu nem 10 mil dólares... 10 mil dólares não daria para você fazer grandes coisas né ... nem pra indústria do menor vamos dizer assim ... que não daria nem para você viver muito tempo com esse dinheiro né...*

Como pode ser observado, o cotejo facilita a visualização de algumas alterações feitas pelo editor.

No segmento acima, houve uma reorganização discursiva tanto em nível macrotextual como em nível microtextual. Entendendo-se como macrotextual o nível temático-semântico global do texto e como microtextual o nível da representação lingüística superficial. Nos dois níveis, as trasformações são advindas tanto da mudança de canal fala/escrita como decorrentes de critérios de relevância.

O editor reestruturou o texto, deslocando fragmentos de outras respostas orais que poderiam dar continuidade ao tópico em desenvolvimento, como pode ser verificado através da numeração das respostas na versão oral (25-4-11). A reorganização foi possível graças à resposta da entrevistada na versão oral *"olha ... isso é ambíguo né ..."*, que propiciou ao editor o desdobramento em *"Por um lado ..."* e *"Por outro lado..."*.

O subprincípio da proximidade e a propriedade tópica de *centração* são fatores preponderantes no estabelecimento dessa reorganização. Ao privilegiá-los, o editor

pôde deslocar os fragmentos e eliminar a pergunta 11 da versão oral, já que o referente *disputa* havia sido mencionado anteriormente, podendo permanecer nesse mesmo tópico. As cláusulas que conduzem informações interdependentes semanticamente tendem a ocorrer em contigüidade no texto editado.

Os cortes são motivados por várias razões não transparentes. Podemos aventar, dentre elas, uma economia determinada pelas restrições de espaço físico para a publicação das entrevistas nos jornais. Essa necessidade de concisão exige que haja cortes, porém, estes devem ser efetuados de forma a alterar minimamente o conteúdo básico veiculado nas respostas dos entrevistados. Constatei que esses cortes incidem, normalmente, em **fundo**, pois, ora são passíveis de recuperação na morfossintaxe, ora através do próprio esquema discursivo. Classifiquei-os como: **fundo gramatical, fundo lexical e fundo discursivo**. O primeiro engloba os sujeitos recuperáveis na flexão verbal; o segundo, os itens lexicais repetidos e falsos começos; finalmente, o terceiro, as expressões performativas de opinião "eu acho que ...", marcadores discursivos e alguns operadores argumentativos, principalmente o *porque*, que são intuídos a partir do esquema opinião/justificativa que permeia essa modalidade discursiva.

Há ainda os cortes de **fundo discursivo** que não são passíveis de recuperação, pois são decorrentes de critérios de relevância, estabelecidos através do grau de concernência entre o tópico da pergunta e a resposta. Classifiquei-os em ordem decrescente de integração com o tópico da pergunta como: **fundo de justificativa, fundo de exemplificação ou testemunho, fundo de reiteração, fundo de redundância e de digressão.** Na entrevista acima, ocorreu um corte de **fundo de reiteração**, onde a entrevistada a partir do operador *ou seja* introduz uma asserção derivada que esclarece e desenvolve a sua enunciação anterior *"... como se nada daquilo que eu tivesse feito tivesse valor"*.

1 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, resenho as teorias que serviram de embasamento para a análise das entrevistas, colocando em pauta suas principais características teóricas e situo o trabalho no arcabouço teórico do Funcionalismo, cf. sobretudo Givón, 79, 90, 91e 95 e Votre 91 e 92.

Na revisão, apresento, em primeiro lugar, o que caracteriza a abordagem funcional da língua, na qual se insere este trabalho, enfatizando a natureza discursiva das entrevistas e os princípios funcionais que mais se destacaram em suas análises; em segundo lugar, apresento os estudos sobre fala e escrita que foram utilizados no decorrer da pesquisa; finalmente, discuto o conceito de tópico usado no trabalho.

1.1 – Funcionalismo em Lingüística / Concepção de língua

Adoto a abordagem funcionalista que postula ser a língua uma estrutura maleável, dependente de funções e princípios comunicativos (Bolinger 77, Givón 79,90,91e 95 e Votre 91, 92). Dessa forma, as estratégias sintáticas são consideradas como derivadas de estratégias discursivas, condicionadas, principalmente, por princípios e funções de natureza sócio-comunicativa.

Analiso as expressões lingüísticas como sensíveis e codeterminadas por fatores pragmáticos da interação verbal humana, sendo, portanto, a Gramática não autônoma em relação à Semântica e à Pragmática. Dentro desse quadro teórico, o fenômeno lingüístico é resultante de um complexo de motivações de bases comunicativa, cognitiva, sócio-cultural e gramatical (cf. Givón, 90,91).

Ao comungar com essa visão de língua, busco identificar o padrão de uso que orienta as estratégias discursivas utilizadas no texto editado, pressupondo regularidades no processo de edição, já que há um esquema comunicativo que se mantém (editor/público-alvo e limitações/restrições impostas pelo veículo). Também discuto os fatores pragmático-discursivos que determinam a forma das entrevistas editadas.

1.2 – Princípio da iconicidade

Este princípio, em sua versão forte, assegura que a codificação lingüística é motivada na relação entre a forma e a função, em situação oposta à arbitrariedade. Prevê uma relação de *um– para– um* entre a forma (codificação morfossintática) e a função, no sentido em que a primeira reflete de algum modo a função que desempenha.

Segundo Givón (1990,1991), a sintaxe da linguagem humana não é totalmente arbitrária, já que resulta da interação dos princípios icônicos com os simbólicos de codificação sintática. Para o autor, a gramática é construída a partir de um pequeno número de princípios icônicos cognitivamente transparentes que, em cada domínio gramatical, combinam-se com convenções estruturais aparentemente mais arbitrárias. (1991 b: 87). Esses princípios subdividem-se em:

a – Subprincípio da quantidade

Prevê que a quantidade de informação de um enunciado está relacionada com a quantidade de matéria fônica utilizada para representá-lo; conseqüentemente, um texto mais longo conterá mais informações que um texto menor.

Como estou tratando de um processo de enxugamento de textos, já que a edição redunda em redução do texto falado, postulo que esse subprincípio pode ser testado em suas premissas maiores:

– Uma fatia maior de informação receberá uma fatia maior de codificação.

– Informação mais imprevisível receberá mais material de codificação.

– Informação mais importante, em termos de continuidade temática ou discursiva, receberá mais material de codificação.

b – Subprincípio da proximidade

Postula que "os conceitos que são mais integrados no plano cognitivo também se manifestam com maior integração morfossintática. Em contraparte, conceitos que se

acham menos integrados no plano do conteúdo tendem a estar menos integrados também no plano da codificação morfossintática".(Votre 92: 60).

Não posso testar esse subprincípio, num confronto em termos do grau de integração morfossintática, entre as versões orais e editadas, visto que isto seria inapropriado, pois elas não foram produzidas pela mesma pessoa, e, além disso, o editor afasta-se o *mínimo possível* da fala do entrevistado, em função das peculiaridades da modalidade discursiva da entrevista jornalística.

No entanto, este subprincípio cognitivo é o norte do editor para estabelecer os critérios de cortes necessários à redução do texto oral, pois a partir de uma relação iconicamente motivada, o seu trabalho será aproximar o mais possível as respostas dos entrevistados aos tópicos das perguntas.

No caso, amplio a extensão da investigação desse subprincípio para o discurso, testando a sua atuação ao nível da relação integrada entre perguntas e respostas.

c – Subprincípio da ordem linear

Este subprincípio prevê que a informação mais relevante e/ou imprevisível tende a ser colocada antes ou em primeiro lugar na cadeia discursiva, tanto no nível do parágrafo como no nível da entrevista. Permite depreender o grau relativo de importância dos conceitos de um texto na perspectiva de quem o produz, pela ordem em que esses enunciados são codificados tanto no nível macrotextual – como no do parágrafo ou da entrevista, quanto no nível micro – como no do período ou oração.

Givón (1990) postula que, em nível cognitivo, a informação mais importante e/ou mais imprevisível demanda mais atenção. Como a posição inicial no fluxo discursivo é a que desperta mais atenção e a que favorece uma melhor memorização, ela é a posição natural para codificar informações importantes e/ou imprevisíveis.

1. 3 – Plano

Esta é uma das principais propriedades que caracterizam funcionalmente um discurso organizado. São as categorias analíticas Figura e Fundo as responsáveis por sua manifestação na codificação morfossintática, orientadas pelos princípios gerais da iconicidade e da marcação.

O fundamento cognitivo dessa propriedade deriva da Gestalt, no que diz respeito ao fato de que há, no plano ambiental, uma dupla organização: de relevo – figura, onde alguns elementos são percebidos como mais salientes; e de moldura – fundo, caracterizada como neutra ou não marcada em relação à primeira.

A investigação de Hopper (1979), em narrativas do malaio, levou-o a constatar a existência desses dois planos no discurso narrativo, correspondendo à Figura as orações que reproduzem o eixo dêitico-temporal em que os fatos se deram no real, ou seja, orações que representam iconicamente a seqüência de ações; e ao Fundo as orações que, através da suspensão da ação, clarificam circunstâncias factuais, descrevendo, explicando, avaliando o que está sendo relatado nas orações Figura.

Os conceitos de Figura e Fundo são importantes para esta dissertação, já que o estabelecimento de cortes efetuados pelo editor pode estar relacionado à codificação da *relevância*, que se caracteriza por estabelecer planos distintos na estruturação do discurso, em que um dos planos será mais saliente que os demais (cf. Jubran et alii, 1992).

Este estudo concentra-se em entrevistas jornalísticas, que se caracterizam como um discurso predominantemente argumentativo, em que o entrevistado tem como objetivo principal defender/apresentar pontos de vista, embasados numa série de argumentos que os justifiquem, conseqüentemente, o que preponderará não será a seqüencialidade cronológica e sim, a lógica.

1.4 – Distinção fala vs escrita

O estudo das similaridades e diferenças entre a fala e a escrita ocupa espaço apreciável nas pesquisas em lingüística. Dentre essas, para o meu estudo, tornam-se importantes, sobretudo, as seguintes:

1.4.1 – Perspectiva cognitiva e interacional

Chafe (1982,1985) apresenta duas grandes dimensões que distinguem a linguagem escrita da linguagem falada. São elas: o envolvimento/afastamento e a integração/fragmentação.

A primeira dimensão decorre da diferença na condição de interlocução. Na modalidade falada, a situação face a face favorece a construção de sentido, já que falante e ouvinte interagem, resignificando continuamente o texto um do outro, havendo assim a possibilidade de se redirecionar, reformular e repetir. Além disso, é possível utilizar recursos paralingüísticos como o gesto e a entoação, que ajudam a estabelecer a coesão e a coerência nesse tipo de discurso.

Já na modalidade escrita, a distância entre os interlocutores faz com que o produtor do texto seja o responsável maior pela sua significação, devendo ele hipotetizar as dificuldades do seu texto e cuidar para que as relações entre as idéias estejam explicitadas.

A segunda dimensão (integração/fragmentação) decorre da diferença na produção de um texto oral em comparação com o texto escrito. A escrita é produzida muito mais lentamente que a fala, e é passível de revisão. Ao falar, nós vamos produzindo e ajeitando a produção ao mesmo tempo em que estamos pensando; já a escrita é um pouco mais livre da coação imposta pela limitação temporal e da limitação do foco de atenção, o que possibilita prestar atenção numa soma maior de informação e tentar organizá-las com mais cuidado.

Essas diferenças resultam em estruturas diferenciadas, que, segundo Chafe (1985), só podem ser entendidas com referência à noção de "unidade de idéia". De acordo com Chafe, a fala é produzida numa série de jatos que ele denomina "unidade de idéias", as quais contêm todas as informações que um falante pode controlar num único foco de consciência. Elas se apresentam na fala, justapondo-se independentemente ou coordenando-se umas às outras, e se caracterizam por serem produzidas num único contorno entoacional; por serem precedidas e seguidas por pausas; por conterem aproximadamente sete palavras entre as quais um verbo, e por durarem cerca de dois segundos.

Chafe postula que a escrita também se organiza em unidades de idéias, porém, sem as limitações da capacidade temporal e informacional da consciência, é possível, ao produtor do texto, utilizar os recursos lingüísticos de forma mais elaborada. Assim, ele pode integrar mais informação numa mesma unidade de idéia, e, conseqüentemente, estas unidades de idéias da escrita são mais longas, apresentando uma maior complexidade sintática e uma maior densidade e diversidade lexical.

A fala, pelo fato de sua produção e sua recepção serem simultâneas, apresenta os traços nomeados por Chafe como controladores do fluxo e disfluências (falsos começos, repeticões, correções), que sinalizam os processos de sua própria criação. Quem escreve tem tempo suficiente para cortar esses traços no processo de edição e apresentar apenas o resultado mais ou menos polido.

Essas duas dimensões expostas acima são pólos dicotômicos. Chafe não leva em conta, assim, que há fala não envolvida como, por exemplo, um discurso público; nem que, por outro lado, há também escrita envolvida, como as cartas pessoais. Observa-se haver entre esses dois pólos um *continuum* que varia de acordo com as exigências comunicativas, que ora privilegiam as características da modalidade oral, ora as da escrita. É necessário modalizar a polaridade, pois ou se estará olhando para o texto oral prototípico (conversação comum), cujas características são a fragmentação e o

envolvimento, ou para a escrita prototípica, como por exemplo um texto acadêmico, que supostamente terá como características o afastamento e a integração.

Tannen (1985) afirma que, em alguns gêneros escritos, há combinações de características do discurso falado e do discurso escrito, o que já aponta para uma visão menos polarizada. A autora acentua que a diferença básica entre os dois tipos de discurso não é a modalidade (oral e escrita), mas os focos no envolvimento interpessoal ou no conteúdo ou informação conduzida. Segundo o seu ponto de vista, as estratégias orais são o resultado do foco maior no envolvimento interpessoal, e as estratégias da escrita são o resultado do foco menor no envolvimento interpessoal com conseqüente ênfase na informação dada.

A partir do estudo das entrevistas, verifiquei também que é possível ter comunicação por escrito onde a codificação morfossintática, em determinados momentos, apropria-se das características lingüísticas da modalidade oral, tentando criar o efeito de uma conversação face a face, corroborando portanto a proposta de Tannen (1985).

As entrevistas jornalísticas, em termos de suas características lingüísticas, não podem ser enquadradas exclusivamente nem na modalidade oral nem na modalidade escrita. Desta forma, faz-se conveniente o estudo das caracterizações lingüísticas das versões orais e editadas das entrevistas, procurando-se identificar as semelhanças e diferenças entre ambas.

1.4.2 – Perspectiva multidimensional

Dadas as considerações acima, tornou-se importante incorporar ao estudo as contribuições de Douglas Biber (1988), ***"Variation across speech and writing"***, e suas acepções de que não existem diferenças absolutas entre a fala e a escrita, e de que não existe um único parâmetro de variação lingüística que permita distinguir adequadamente o gênero falado do gênero escrito.

Biber mostra que as relações entre os gêneros são complexas e que uma simples dimensão não capta adequadamente as similaridades e diferenças entre a fala e a escrita. Ele exemplifica essa afirmação com alguns gêneros falados e escritos que são muito similares, como os discursos públicos e a exposição escrita, e com alguns gêneros falados que são totalmente diferentes, como a conversação e mesmo o discurso público. Segundo Biber, apenas um modelo de análise multidimensional pode dar conta dessa complexidade.

É evidente a convergência de opiniões entre Tannen e Biber, no sentido de que ambos concordam que não é apenas a modalidade (oral ou escrita) que define as diferenças entre a fala e a escrita. O estudo das entrevistas dá evidências empíricas a favor desta visão.

Existem duas noções básicas na proposta de Biber: dimensões textuais e relações textuais. As dimensões textuais são definidas como características lingüísticas que coocorrem nos textos e juntas marcam alguma função subjacente comum. As relações são definidas através das dimensões e especificam as maneiras pelas quais quaisquer dois gêneros são lingüisticamente similares ou distintos, bem como mostram a extensão dessa similaridade/distinção.

Portanto, a fala e a escrita são comparadas ao longo de dimensões da variação lingüística, já que são *continuuns* de variação, mais do que pólos dicotômicos.

Neste trabalho, pesquisei as seis dimensões textuais propostas por Biber: 1ª – discurso com foco no envolvimento, sem possibilidade de edição X discurso com foco na informação, com possibilidade de edição ; 2ª – discurso narrativo X outros tipos de discurso; 3ª – discurso explícito e elaborado com referência endofórica X discurso situacionalmente dependente com referência exofórica; 4ª – discurso persuasivo X discurso não persuasivo; 5ª – informações abstratas X informações não abstratas; 6ª – elaboração informacional *on-line* . Analisei as características lingüísticas com maior peso dentro de cada dimensão, nas entrevistas orais e editadas, buscando identificar e

interpretar as funções compartilhadas por essas características, e determinar o contexto discursivo da entrevista jornalística.

1.5 – Transformação da fala em escrita

A reorganização discursiva das entrevistas jornalísticas analisada nessa dissertação, em um de seus níveis, trata da transformação fala-escrita. É relevante avaliar criticamente e, quando for o caso, incorporar ao trabalho as contribuições de Gomes (1995) que, na sua dissertação de mestrado, orientada por Marcuschi, trabalha também com essas transformações, numa perspectiva teórica parcialmente semelhante à aqui desenvolvida, uma vez que compartilha idéias de alguns teóricos clássicos, como Chafe, Tannen e Van Dijk.

Tecerei alguns comentários sobre a dissertação da referida autora, estabelecendo os pontos convergentes e divergentes entre a análise proposta por ela e a que proponho nesta pesquisa.

1.5.1 – Perspectiva da retextualização

O trabalho de Gomes – *Dos Laboratórios aos Jornais – Um estudo sobre Jornalismo Científico* – tem como objetivo investigar as operações de retextualização envolvidas na transformação de entrevistas entre o repórter e o cientista para matéria jornalística. Há, além da mudança de modalidade (oral para escrita), a variação de gênero textual (entrevista– texto jornalístico), o que no caso da presente pesquisa não ocorre, por tratarem-se de gêneros textuais semelhantes (entrevista oral – entrevista editada). Apesar de não haver essa mudança de gênero, as entrevistas orais passam por processos de adequação ao contexto jornalístico, que redundam em alguns procedimentos semelhantes aos observados por Gomes.

A autora chama de retextualização (transformação, transposição (p.50)) a todas as modificações sintáticas, semânticas e estilísticas que decorrem da reconstrução feita pelo jornalista no texto obtido na entrevista. Segundo Gomes, essa retextualização se dá

em dois níveis: um referente à passagem da fala para a escrita e outro referente à transformação das entrevistas em textos jornalísticos.

Baseia-se, para a sua análise da retextualização, sobretudo na teoria das Superestruturas e Macroestruturas textuais (Van Dijk, 1985,1989,1992) e nas investigações sobre a relação fala-escrita (Marcuschi, 1993).

Com este suporte teórico, Gomes assevera que no processo de retextualização algumas mudanças se verificam: há formas lingüísticas que podem ser eliminadas ou introduzidas, outras que são substituídas e outras reordenadas. As primeiras mudanças estão relacionadas à idealização e à regularização lingüística, que dizem respeito tanto às eliminações das marcas características da interação verbal como às modificações em função da norma lingüística padrão. Já a reordenação envolve operações cognitivas, podendo afetar o léxico, o estilo, a ordenação tópica e a argumentatividade.

Gomes considera a *eliminação, a substituição, o acréscimo e a reordenação* como operações fundamentais para a retextualização da entrevista realizada com o cientista em matéria jornalística. Demonstra dificuldade de delimitar essas operações, chegando a afirmar que correspondem a *operações encaixadas.*

Penso que parte da dificuldade da análise reside no fato de a autora tentar isolar essas operações. No meu estudo, reorganização discursiva corresponde às transformações advindas do processo de edição das entrevistas, pois, ao cortar, substituir, acrescentar ou reordenar, reorganiza-se discursivamente o texto oral, transformando-o em editado.

Embora tenhamos trilhado caminhos parcialmente diferentes em nossas análises, as conclusões do estudo de Gomes, tanto sobre as modificações regulares em termos de regularização e idealização lingüística como sobre as modificações em função da norma lingüística padrão, foram ratificadas na transformação das versões orais em editadas desta dissertação.

Como o foco desta pesquisa é a análise dos cortes estabelecidos pelo editor ao fazer a transformação da versão oral em editada, visto serem estes os principais

responsáveis pela redução do volume de linguagem imposta pelo veículo jornalístico, darei ênfase à operação que Gomes nomeia de *eliminação* (p. 85).

Segundo a autora, existem quatro tipos de eliminação que podem ter como causa ou a própria tranformação da fala em escrita ou o atendimento às normas do jornalismo. São elas: eliminação das marcas características da interação verbal; eliminação de informações; eliminação sintática e, finalmente, eliminação lexical.

Como eliminação de marcas características da interação verbal, ela aponta a supressão de hesitações, marcadores, dêiticos, duplicações, redundâncias e truncamentos.

Como eliminação de informações, a autora considera a supressão de informações irrelevantes ou secundárias para a matéria jornalística, que, segundo ela, depende de critérios definidos pelo repórter, tomando por base os cânones do jornalismo e a linha editorial da empresa onde trabalha o jornalista. No seu corpus, formado por textos científicos, há alguns exemplos de informações técnicas específicas que são eliminadas, supostamente, para facilitar a compreensão do leitor, não implicando falseamento, já que são detalhes técnicos.

Em relação à eliminação sintática, há apenas um exemplo em todo o corpus, onde houve a supressão do verbo ser. O que ocorre com freqüência é a reordenação de toda a estrutura do período.

Quanto à eliminação lexical, a própria autora diz ser esta uma operação secundária, resultante de outras mais relevantes para o processo de retextualização, principalmente os casos de eliminação de marcas da oralidade e de informações, e a reordenação sintática.

A leitura do trabalho de Gomes evidencia que a autora não consegue segmentar as diferentes operações envolvidas no processo geral de retextualização, como a *eliminação, a substituição, o acréscimo e a reordenação.* Considera-as como *operações encaixadas,* sem contudo resolver o problema, por postular categorias teoricamente inconsistentes, como é o caso da *eliminação sintática.*

Quando a autora trata das eliminações das marcas da interação verbal, ela aponta além da supressão das hesitações e dos marcadores conversacionais, a eliminação de redundâncias e truncamentos. Ora, é evidente que aí já estão envolvidas também a reordenação informacional e a reordenação sintática. A eliminação sintática, cujo nome já causa estranheza, não se sustenta, visto que sintaxe é uma entidade puramente relacional, e não um item eliminável, o que há de fato é uma reorganização estrutural que envolve a reordenação e substituição. Quanto às eliminações lexicais ela mesma diz serem decorrentes das eliminações das marcas da oralidade, das eliminações de informações e da reordenação. Portanto, seria mais efetivo considerar apenas dois tipos de eliminação: as eliminações derivadas da transformação fala-escrita e as eliminações de informações. Os dois outros tipos de eliminação (sintática e lexical) propostos pela autora resultam de reordenação e substituição.

É possível observar, no exemplo do corpus de Gomes abaixo, que há eliminações de marcas da oralidade (marcadores discursivos, hesitações, repetições) e, há, também, eliminação de informações (explicação de como se deu o critério de escolha e enumeração das regiões onde foram coletadas as amostras). Estas eliminações determinam uma reordenação sintática e informacional e algumas substituições lexicais como, por exemplo, "pegar dados" por "fazer levantamento".

(32)

Texto Jornalístico I *(L. 28-30)*	Nº da Linha	Texto-Fonte **(Entrevista I)**
Ao longo do trabalho, os pesquisadores fizeram um le-	*24*	C5– **aí nós .... é começamos a pegar os dados aí::: das das cerâmicas ... de quantas cerâmicas existiam aqui no estado de Pernambuco** ... são/ chegamos a uma informação de que
vantamento das cerâmicas e–	*25*	havia em torno de duzentas cerâmicas (...)
xistentes e selecionaram aquelas de onde seriam recolhidas as amos–	*106*	**(. . .)** C5 – i:sso... existia um / houve um critério ... de escolha né? o primeiro critério foi esse a gente estava localizado nessa região para não encarecer é: o trabalho ... e o segundo critério seria aquelas que tivessem o maior número de empregados ... normalmente seriam aquelas que iriam ... POSSIVELmente ... abastecer o mercado de Recife ... pois se ela tem muitos empregados significa que ela tem uma produção muito grande né? então ela iria abastecer o mercado aqui ... ela ia fornecer tijolos pra cá ... e a idéia nossa era pegar/ realmente a grande/ o
tras. As cerâmicas foram di-		que estava acontecendo no Grande Recife no mercado do Grande Recife... aí esses foram os doi/ os dois critérios que nós escolhemos para ... selecionar as cerâmicas né? **e:: pegamos de**
vididas em oito regiões, incluindo o Recife e as áreas mais próximas.	*113*	**vários lugares** (...) **(. . .)**
	278	C5 – (...) sim e:: nesse nosso trabalho aqui ... é:: que também não fazia parte ... nós depois ... que:: pegamos os dados todinhos e ... começamos a analisar deu uma idéia ... já que **a gente tinha várias regiões** ... vamos analisar região ... por região tá certo? **a gente tinha:: Recife ...** tinha:: Camaragibe e tal ... aí **agrupamos isso aí em oito regiões** ... tá certo? a região do Grande ReCIfe ... a região ... UMA região que pegava São Lourenço Paudalho e Carpi:na ... a outra Pombos e Vitó:ria ... Nazaré da Ma:ta ... ( ) ... aqui é Palmares ... Palmares e Ribeirão ... Caruaru ... Tacaimbó e Goiana e:: fizemos essa mesma análise de região por região não é? ... aí chegamos a esses resultados aqui J1 – uhm C5 – certo? de região por região ... o que é::/ (...)
	286	

Fica claro que os cortes decorrentes em função das imposições pragmáticas do veículo jornalístico como: *simplicidade, clareza e concisão* redundam numa reorganização discursiva, que, a meu ver, envolve duas vertentes paralelas e

simultâneas: **a reorganização e a reescritura**, abarcando tanto a seleção como a redução dos conteúdos da entrevista oral. Essas duas vertentes são indissociáveis, e ambas são monitoradas por princípios cognitivos e não apenas a *reordenação* como defende Gomes.

No processo de edição das entrevistas analisadas nesta dissertação, identifiquei eliminações próprias da passagem da modalidade oral para a escrita, que visam a regularização e a idealização lingüística, e, também, cortes de informações, que priorizam a concisão, ratificando os resultados de Gomes. O que distingue as duas análises, entretanto, é o fato de que em vez de apenas constatar as mudanças entre as versões oral e editada, procuro algumas explicações, através do suporte teórico funcionalista, para a regularidade de cortes observados na passagem das versões oral para a escrita. Demonstro que há critérios recorrentes no estabelecimento da relevância das informações, já que os cortes normalmente são de **fundo**, e podem, em grande parte, ser explicados através das propriedades lingüísticas de topicidade e planos.

O exemplo apresentado acima, do corpus de Gomes, reforça esta tendência, já que a eliminação de informações se deu em cláusulas fundo, permitindo assim maior concisão, na medida em que estreita-se a relação de interdependência semântica entre o tópico e a resposta do cientista.

Ressalto a importância do trabalho de Gomes para esta pesquisa, pois, além do pioneirismo, ele vem respaldar a hipótese aqui defendida de que existem alguns mecanismos regulares no processo de edição. Além disso, em ambos os estudos, trata-se da transposição de textos com conteúdos científicos para o estilo jornalístico.

1.6 – O tópico semântico-discursivo

O termo tópico aparece na literatura lingüística em abordagens bastante contraditórias. Gorski (1994) focaliza as três correntes principais que tratam desse assunto e finalmente apresenta sua concepção de tópico como uma categoria discursiva

que se manifesta simultaneamente nos planos hierárquico e linear do discurso. Essa conceituação será adotada na pesquisa.

Segundo a autora, os estudos sobre tópico podem ser agrupados da seguinte forma:

– Tópico no plano sintático, realizado na sentença/frase. Segundo esta concepção (Callou et alli 1990,1992), acolhem-se as construções de topicalização e deslocamentos para a esquerda, sem levar em consideração o contexto em que se inserem.

– Tópico discursivo, manifestado explicitamente no âmbito da frase. Segundo esta visão (Pontes 1987 e Braga 1986), trabalha-se com as mesmas construções de topicalização e deslocamentos para a esquerda, porém buscam-se explicações discursivas para o uso das mesmas. Enfatizam-se a função discursiva da topicalização – mudança de tópico com função constrativa – e a do deslocamento para a esquerda – basicamente apresentando a função coesiva de dar continuidade ao discurso.

– Tópico discursivo, não necessariamente explicitado no âmbito da frase ou do texto. Van Dijk (1985) e Koch (1992) analisam o tópico como tendo relação com o assunto do texto, situando-o no nível semântico e caracterizando-o como síntese de um fragmento de discurso coerente.

Gorski (1994) propõe que as vertentes se coadunem – a que considera o tópico apenas ao nível da sentença – e a que o apresenta como um conceito semântico-discursivo – de tal modo que o tópico possa ser analisado tanto no âmbito da frase quanto no âmbito do texto/discurso.

A autora justifica sua proposta da seguinte maneira:

> o tópico no âmbito da frase corresponderia a um evento codificado morfossintaticamente no plano sequencial como o elemento sobre o qual se fala ou como ponto de referência do enunciado, sendo observado na estrutura linear e explicitamente mencionado pelo falante, podendo ser representado através de diferentes mecanismos de codificação. (p: 31)

No âmbito do texto/discurso,

> o tópico vem enfocado numa estrutura hierarquizada distribuindo-se ordenadamente por graus de abrangência, de modo que tópicos mais gerais dominam e recobrem

> tópicos que sejam especificações do tópico global, daí podermos falar de tópicos e subtópicos. Este tipo de tópico manifesta-se no nível semântico-discursivo, não costumando aparecer codificado no texto. (p: 31)

Neste trabalho, a categoria tópico é analisada numa perspectiva discursiva, já que levo em consideração dados pragmático-textuais, que não encontram uma descrição apropriada dentro de uma abordagem apenas gramatical, onde a unidade máxima de análise é a frase. Assim como no estudo feito por Gorski em narrativas, o interesse desta pesquisa é investigar a manifestação do tópico no âmbito do texto/discurso.

Nas entrevistas jornalísticas, mais do que em qualquer outro tipo de texto, o tópico aparece explicitamente representado nas perguntas. Verificarei como esta categoria pode servir ao editor para o estabelecimento de critérios de cortes e redução do texto. Adoto também a orientação teórica de Jubran et alii (1992) para a análise da estruturação tópica das entrevistas, principalmente a propriedade de *centração* (Jubram et alii, 1992: 361-362), que engloba os seguintes traços: concernência, relevância e pontualização.

2 – CONTEXTO DISCURSIVO DAS ENTREVISTAS

2.1 – Entrevista oral e entrevista editada

Tomo como ponto de partida da análise o cotejo das características lingüísticas da versão editada e as das entrevistas orais, para identificar as similaridades e diferenças entre ambas, e dectectar quais dessas características se manifestam nos segmentos que são cortados na passagem pelo processo de edição. Procuro qualificar a "entrevista jornalística", enquanto modalidade discursiva, face a suas codificações morfossintáticas.

A comparação entre as duas modalidades é feita em função das dimensões estabelecidas por Biber (1988), das características lingüísticas que se mostraram relevantes e que se relacionam com essas dimensões.

1ª Dimensão: discurso com foco no envolvimento, sem possibilidade de edição X discurso com foco na informação, com possibilidade de edição

3ª Dimensão – discurso explícito e elaborado, com referência endofórica X discurso situacionalmente dependente, com referência exofórica.

4ª Dimensão – discurso persuasivo X discurso não persuasivo.

6ª Dimensão – elaboração informacional *on-line.*

A análise ficou restrita às 1ª, 3ª, 4ª e 6ª dimensões, que serão discutidas ao final do cotejo. As características lingüísticas analisadas foram:

– Verbos de cognição

– Pronomes de 1ª e 2ª pessoas

– Marcadores discursivos

– Intensificadores

– Coordenação
– Subordinação (subordinadas adjetivas/adverbiais/substantivas)
– Modais
– Advérbios

Quanto aos marcadores discursivos, cumpre ressaltar que considerei como tais, apenas os marcadores de função interativa específica, como: *né, tá, sabe, olha e entendeu*. Os marcadores que davam orientação argumentativa ao texto – tanto os típicos da fala como os da escrita – como: *então, quer dizer, mas, porque* entre outros, chamei de operadores argumentativos (Koch, 1987). Optei por esse critério semântico-funcional, já que enquanto os primeiros marcam apenas a interação dialógica, sustentando as relações interacionais, os últimos marcam a ligação entre os segmentos do discurso dos entrevistados, estruturando as respostas, sendo pistas textuais importantes para o editor estabelecer a reorganização da entrevista editada.

Em cada segmento, destacarei apenas os elementos mais relevantes para a comparação. Logo, não prestarei atenção às reformulações de enunciado que não encontrem correspondência na versão oral.

2.2 – Análise das características lingüísticas

ENTREVISTA I – TEMA: REVISÃO CONSTITUCIONAL

EDITADA	ORAL
1– Quais seriam as conseqüências para o país da não realização da revisão constitucional nesse momento?	**1– você acha que isso pode comprometer o desenvolvimento do país ... não sair a revisão constitucional agora?**
R: A transferência da revisão para a próxima legislatura poderia comprometer o desenvolvimento do país e as próprias instituições democráticas.	R: *eu acho que* pode comprometer o desenvolvimento do país e a própria é ... e as próprias instituições democráticas
As pessoas precisam sentir que o país avança, que há progressos.	*porque é* ... as pessoas precisam sentir que o país avança ... que há progressos ...

Que problemas que estão na pauta há bastante tempo estão sendo resolvidos.	que há problemas que estão na pauta já há bastante tempo *que* vão sendo resolvidos
2– Quais as principais alterações que precisam ser feitas?	X
R: Essa revisão não deve ser vista com radicalidade.	*então* essa revisão não deve ser vista com um uma ... uma radicalidade *né...*
Não vamos resolver todos os problemas com ela.	*no sentido de que* nós não vamos resolver todos os problemas com ela ...
Mas aqueles para os quais temos soluções quase consensuais, que já foram exaustivamente discutidos, que já estão na pauta há muito tempo, que amadureceram, estes deviam ser resolvidos logo.	mas aqueles para os quais *já* temos soluções é ... quase consensuais ... *aqueles problemas* que já foram exaustivamente *examinados* e discutidos ... que já estão na pauta há muito tempo... que amadureceram *é ... entre as lideranças ... acho que* esses deviam ser resolvidos logo ...
Quanto mais se limpa a agenda de problemas, mais a confiança do país em si mesmo aumenta, e mais temos fatos positivos, que nos ajudarão a enfrentar os problemas que continuarem pendentes.	*porque* quanto mais a gente limpa a agenda de problemas ... mais a confiança do país em si mesmo aumenta e ... mais nós temos fatos positivos e acontecimentos positivos que nos ajudam a resolver os problemas que continuarem é ... nos atrapalhando
3– O leque de pontos a serem discutidos deveria ser reduzido?	X
R: Acho que algumas questões não deveriam entrar na pauta, como o monopólio estatal do petróleo.	*isso significa que* eu acho que alguns problemas não deveriam entrar nessa pauta ...
	2– Tipo monopólio ... ?
X	R: *é ... por exemplo* o monopólio da Petrobrás *... eu já vi inclusive pessoas expressivas do ... do ... lideranças expressivas do setor privado brasileiro e tudo ... que acham que não é o momento né ... e me parece que não é ...*
Não deveríamos nos exaurir com coisas que não estão maduras e que não têm um consenso mínimo.	*quer dizer... eu acho que* nós não deveríamos nos exaurir com coisas que não estão maduras e que não têm ... *ou não ... não ... obtiveram* o consenso mínimo
	3– ... poderiam ser discutidos em outro momento?
Isso poderia ser discutido em outro momento.	R: poderia ser discutido depois ... em outro momento ... *depois ... em outro momento em função do próprio momento do país*

X	*mas eu acho que... que* não se trata mais de adotar aquela tática collorida de ... demolir tudo de uma vez só ...quer dizer ...
Não se trata mais de adotar aquela tática collorida de demolir tudo de uma vez.	
	eu acho que nós vamos nos reciclando aos poucos ...
Vamos nos reciclando aos poucos.	*e eu acho inclusive que muita coisa já foi feita ... muitos problemas foram resolvidos ... muitas questões difícies foram encaminhadas ...*
X	*e agora nós temos aí na pauta algumas questões fundamentais que podem ser resolvidas*
X	
4 – Que questõs seriam essas?	**4 – Que questões são essas?**
R: O problema do novo pacto federativo é o ponto crítico da agenda.	**R:** *olha eu acho* o problema da ... do novo pacto federativo ... *é que tem me mobilizado há vários anos ... eu acho que esse* é o ponto crítico da agenda
O país é muito grande e essa espacialidade exige uma solução gerencial do tipo federativo que nós jamais tivemos na história da república.	*porque* o país é muito grande e essa espacialidade exige uma solução gerencial do tipo federativo ... que nós jamais tivemos ... na história de *nossa* república.
5– O que é esse pacto federativo?	**5– Que é esse pacto federativo?**
R: É uma forma de articulação do governo federal, estados e município que corresponde às necessidades do país como um todo levando em conta suas enormes diferenças.	**R**: o pacto federativo é uma forma de articulação do governo federal ... dos estados e municípios que corresponde ... às necessidades da ... do país como um todo ... levando em conta as ... a sua enorme *heterogeneidade e suas grandes* diferenças ...
O federalismo é uma solução gerencial perfeita, uma engenharia política perfeita para tratar diferenças, porque permite que haja uma certa autonomia dessas instâncias e que haja também uma centralidade toda vez que essas instâncias não sejam suficientemente autônomas para resolver os problemas.	*e* o federalismo ... ele é uma solução gerencial perfeita ... uma engenharia política perfeita pra tratar diferenças ... porque *ele* permite que haja uma certa autonomia dessas *diferentes* instâncias e *por outro lado...* que haja também uma centralidade *total...* toda vez que essas instâncias não são autônomas pra poder é ... resolver os problemas por si mesmas ...

No primeiro binômio pergunta/resposta, há na própria pergunta da versão editada as seguintes alterações: eliminação da expressão *acho que;* eliminação de *pode comprometer muito o desenvolvimento do país;* substituição do advérbio *agora* por

nesse momento. A versão editada apresenta a pergunta como "Quais seriam as conseqüências da não realização da revisão constitucional".

Os dois primeiros cortes apagam as marcas de envolvimento da entrevistadora com o assunto, visto que, inclusive, ela induz a resposta da entrevistada. Já a terceira alteração, a substituição do advérbio, resulta em maior elaboração.

No início da resposta da entrevistada, as alterações são derivadas das modificações efetuadas na pergunta: eliminação da expressão *acho que* e substituição do tempo verbal presente *pode* pelo futuro do pretérito *poderia.*

Há também o corte do operador argumentativo *porque*, através do qual a entrevistada justifica a sua assertiva, fazendo o período passar de encadeado/subordinado na versão oral a paratático na editada.

No terceiro período da versão editada, houve uma reestruturação sintática, na medida em que as orações */que há problemas/* e */que vão sendo resolvidos/* da versão oral são compactadas em uma só oração sem nenhuma perda de informação (*que problemas estão sendo resolvidos*). Este é um exemplo da manifestação do subprincípio da proximidade no que diz respeito à integração sintática.

Ocorrem ainda o corte do advérbio *já* que intensifica o sintagma *há bastante tempo* e a substituição da locução verbal *vão sendo* por *estão sendo*, o que implica alteração da modalidade.

A segunda pergunta da versão editada é introduzida face à nova assertiva dada pela entrevistada na versão oral, que propicia a abertura de um tópico decorrente e a utilização dessa assertiva como resposta, cortando-se o operador argumentativo *então* e o discursivo *né.*

No segundo período da versão editada, novamente, houve o corte do operador argumentativo *no sentido de que,* que introduzia, na versão oral, a justificativa para a nova assertiva, transformando o período subordinado em paratático. Há também o corte do sujeito (nós) recuperável na flexão verbal.

No terceiro período, houve a manutenção do operador argumentativo *mas* e um trabalho de rearrumação superficial com os cortes do advérbio de tempo *já;* do sintagma *aqueles problemas*; do vocábulo *examinados*; do sintagma *entre as lideranças* e da expressão *acho que.*

No quarto período, ocorrem o corte do operador argumentativo *porque*, que determina a transformação do período subordinado em paratático; a substituição do sujeito indeterminado *a gente* pela indeterminação canônica *-se,* típica de discursos mais formais e cortes de itens redundantes como o do sujeito *nós* recuperável na flexão verbal e o do sintagma *acontecimentos positivos,* que seria quase uma repetição de *fatos positivos.* Há também trocas por expressões quase equivalentes: substituição do verbo *resolver* por *enfrentar* e substituição de *nos atrapalhando* por *pendentes,* determinantes de uma maior elaboração.

A terceira pergunta da versão editada também é introduzida em função de uma nova assertiva lançada pela entrevistada *(alguns pontos não deveriam entrar nessa pauta)* e de uma interferência da entrevistadora, (*tipo monopólio ...).* O editor utiliza essa assertiva para formular uma pergunta e a interferência da entrevistadora como resposta num só período.

No segundo período da terceira resposta, há os cortes do operador argumentativo *quer dizer* e do performativo de opinião *acho que* e a eliminação do sujeito, marcado também na flexão verbal.

No terceiro, a interferência da entrevistadora é apagada pelo processo de edição e incorporada à resposta da entrevistada.

No quarto período, ocorrem os cortes do operador argumentativo *mas*, do performativo de opinião *acho que*; da denotativa *só*; do operador argumentativo *quer dizer* e do sujeito, marcado também na flexão verbal.

Nos segmentos seguintes da fala da entrevistada, há cortes de enunciados que são analisados como fundo de redundância (cf. Cap. III) assim como um corte equivocado de figura.

No quarto binômio pergunta/resposta, houve apenas rearrumação superficial com cortes do marcador discursivo *olha*; da expressão *eu acho que* e da oração subordinada *que tem me mobilizado há vários anos*, que nada expressa informacionalmente mas sim emocionalmente.

No segundo período desse binômio, nota-se o corte do operador argumentativo *porque*, e o apagamento de *nossa*, recurso predominantemente redundante, visto que a marca genitiva já está presente no pronome mantido.

No quinto binômio pergunta/resposta, no primeiro período, há apenas cortes de sintagmas a fim de evitar-se a repetição: corte de *o pacto federativo* e corte de *sua enorme heterogeneidade.*

No segundo período, tem-se o corte do operador *e*, o corte de *ele* com passagem do sujeito topicalizado, na versão oral, para sujeito gramatical. Há ainda um segundo corte do sujeito *ele*, assim como o do adjetivo *diferentes.* O corte do sujeito *ele* pode ser recuperado na morfossintaxe, enquanto que o do adjetivo altera o sentido do enunciado, na medida em que esse caracteriza e intensifica a diversidade das instâncias, sendo portanto um índice avaliativo da atitude da entrevistada frente ao enunciado. Da mesma forma, o corte do operador argumentativo *por outro lado* não afeta o sentido da frase, enquanto que o do adjetivo *total,* que na versão oral enfatiza o termo *centralidade,* altera esse sentido.

As características lingüísticas analisadas foram as propostas por Biber (cf. p.27), porém ao invés de trabalhar com todos os verbos de cognição, como a maior freqüência era da expressão performativa de opinião "eu acho que", esta foi a que coloquei como base nas tabelas para a quantificação dos dados.

Além dos pronomes de 1ª e 2ª pessoas, nas tabelas aparecerão também – indetermimação do sujeito; *a gente, você, se* e sujeito redundante na flexão verbal (*nós e eu*).

QUANTIFICAÇÃO DOS DADOS DA ENTREVISTA I

Tabela I

	EDITADA	ORAL
Orações coordenadas	5	15
Orações subordinadas		
a) substantivas	8	20
b) adjetivas	13	14
c) adverbias	3	6
Advérbios		
a) de tempo	7	15
b) de lugar	3	4
Intensificadores	3	4
Modais	9	12
Indeterminação do sujeito		
a) *"a gente"*	0	1
b) *se*	2	1
Pronomes de 1ª pessoa	2	18
Verbos cognitivos *achar*	1	11
Sujeito redundante na flexão verbal	1	16
Sujeito topicalizado	0	1
Marcadores discursivos	0	3
Operadores argumentativos	1	13

Análise parcial dos resultados:

Das 40 subordinações da versão oral, 11 são a expressão performativa de opinião "eu acho que", que, pela análise sintática feita das orações, foram consideradas objetivas diretas. Excluindo-se essas estruturas, fica-se com um total de 29 subordinadas na fala e 24 no texto editado.

A comparação entre as duas versões mostra que, em relação às dimensões textuais propostas por Biber, a análise das características lingüísticas, nessa primeira

entrevista, aponta para uma relativização no que diz respeito às peculiaridades da versão editada e da versão oral. Ambas podem ser consideradas como discursos situacionalmente dependentes, com referência exofórica; discursos persuasivos e com foco maior na informação veiculada. As características lingüísticas que coocorrem nessas dimensões são minimizadas da versão oral para a editada, porém têm presença marcante nas duas.

A Tabela I, acima, revela que, na versão oral, em relação ao envolvimento, há forte ocorrência de marcas como pronomes de 1ª e 2ª pessoas, intensificadores, verbos de cognição. Quanto à referencialidade, há presença marcante de advérbios de tempo e lugar. Quanto à persuasão, há uma incidência de modais, que junto com as características de subordinação (orações relativas e adverbiais causais) mostram também uma preocupação com a informação conduzida. Portanto, as características do envolvimento na fala da entrevistada devem-se fundamentalmente à situação face a face com a entrevistadora e às restrições impostas pela simultaneidade entre planejamento e execução da fala.

A tabela demontra que o editor elimina da fala da entrevistada os sinais que denunciam os processos de sua criação, como falsos começos e repetições, assim como minimiza, porém não elimina totalmente, as marcas de envolvimento pessoal e a dependência situacional.

Em relação às características lingüísticas mais cortadas na edição, o verbo cognitivo *achar*, mais precisamente a expressão *eu acho que,* apresenta forte incidência de corte. Faz parte do fundo, dentro da situação comunicativa das entrevistas, e, portanto, torna-se passível de corte, sem prejuízo da coerência desse discurso. Basta examinar, como exemplo, o primeiro segmento da primeira resposta oral da entrevistada em comparação ao primeiro período da resposta na versão editada.

Outro corte recorrente é o do sujeito que pode ser recuperado na flexão verbal. Este tipo de corte também pode ser considerado como fundo, na medida em que é passível de ser recuperado na morfossintaxe.

Há, nessa entrevista, a supressão de algumas unidades articuladoras do discurso oral, os operadores argumentativos, que orientam a seqüência do discurso, no sentido de levar o interlocutor a certos tipos de conclusões.

A presença dessas unidades na fala da entrevistada é muito maior do que no texto editado, o que me permite inferir ter a versão oral um valor argumentativo maior do que a editada, determinado pela presença dessas unidades. Estas são marcas lingüísticas importantes para o encaminhamento de perspectivas assumidas pela entrevistada em relação ao assunto na sua fala. A relação explicativa é a mais cortada, visto ser a mais presente nesse esquema discursivo, podendo dessa forma também ser considerada como fundo.

A partir desta constatação, posso concluir que na entrevista oral o objetivo é justificar e fundamentar adequadamente as assertivas, já na editada, o objetivo maior é a informação. Esta diferença de objetivos determina a natureza mais argumentativa da fala da entrevistada e mais expositiva da versão editada.

A partir da análise contrastiva entre as duas versões, identifiquei cortes de fundo: ao nível da gramática, ao nível do léxico e ao nível do discurso. Alguns desses cortes só são possíveis em itens redundantes, recuperáveis ou na morfossintaxe ou no discurso. Assim, classifiquei-os como: fundo gramatical; fundo lexical e fundo discursivo.

Constituem fundo gramatical os cortes recuperáveis na morfossintaxe como: corte do sujeito marcado na flexão verbal (16 na fala e 1 na escrita) e de itens como o exemplo seguinte:

Ex: ... que nós jamais tivemos na história da nossa República por ... que nós jamais tivemos na história da República ... .

Constituem fundo lexical os cortes de itens lexicais repetitivos, os cortes de hesitações e os falsos começos.

Os cortes de alguns advérbios e adjetivos podem ser considerados também como cortes de fundo lexical, pois há uma tendência de eliminar alguns advérbios, a fim de minimizar a contextualização mais forte na fala da entrevistada; e de suprimir alguns

adjetivos, devido às restrições de espaço físico para a publicação das entrevistas no jornal ou até para atenuar as avaliações pessoais implícitas nesses vocábulos.

Constituem fundo discursivo os cortes que são passíveis de recuperação pelo esquema discursivo, como os de alguns operadores argumentativos (*porque, no sentido de, então*); os dos marcadores discursivos e os dos performativos de opinião "eu acho que". Essas ausências não interferem no estabelecimento da coêrencia desses textos, já que são intuídos pelo esquema discursivo de opinião/ justificativa presente nas entrevistas.

Há ainda os cortes de fundo discursivo que não são passíveis de recuperação, mas que são determinados pela situação comunicativa das entrevistas, onde a questão de compactação da informação é crucial, devido às limitações impostas pelo jornal em termos de espaço físico. Esses fundos são estabelecidos face a critérios de relevância dentro da "modalidade discursiva entrevistas jornalísticas".

ENTREVISTA II – TEMA: PROGRAMA DE ESTABILIZAÇÃO ECONÔMICA/ URV

EDITADA	ORAL
1 – A população brasileira ainda não entendeu o sentido dessa URV. Ao contrário dos outros planos, quando havia congelamentos, já se podia notar uma queda imediata da inflação logo no primeiro mês do plano. Isso agora não irá ocorrer. O governo até admite que a inflação continuará alta em um primeiro momento. Quando irá se sentir os efeitos desse programa ? Quando os índices de preços começarão a baixar ?	**1 – Ôh FULANO agora ... uma coisa que chama atenção das pessoas ... quer dizer ... eu acho que a população ainda não entendeu o que que é essa URV ... porque tá acostumado com plano assim ... amanhã tá congelado então a inflação cai de imediato... nesse plano ...quer dizer... esse plano não trás isso ... a inflação não vai cair de imediato... que ela não vai cair agora ...qual é o efeito dessa URV... o que é essa URV nessa primeira fase ... o plano dessa inflação pode cair ... a população pode sentir os efeitos nesse plano ...**

R: Toda a arte desse plano consiste em pegar o que antes acontecia em um dia e desbobrar no tempo.	R: é ... *olha* ... toda arte desse plano consiste em pegar o que acontecia *antigamente* ... *acontecia* num dia ... *entender que eram várias coisas* e desdobrá-las no tempo *tá* ... *esse processo que tá acontecendo agora* é um dos aspectos mais importantes do plano todo ... *do programa todo* ...
Essa segunda fase é um dos aspectos mais importantes do plano todo.	
Consiste em atuar no subterrâneo da economia.	*que* consiste em atuar ... *digamos assim*... no subterrâneo da economia ...
Esse subterrâneo é o mundo dos contratos, das duplicatas, das faturas, das cadeias de compra e venda por atacado, dos financiamentos, do fornecedor ao comprador.	*o subterrâneo da economia* é o mundo dos contratos ... das duplicatas ... das faturas ... das cadeias de compra e venda por atacado ... dos financiamentos ... do ... é ... fornecedor ao comprador ...
Esse mundo que o consumidor, a dona de casa não vê.	esse mundo que o consumidor ... a dona de casa não vê ...
Ela só vê a superfície, que são os produtos na gôndola dos supermercados.	ela só vê a superfície ... a superfície são os produtos na gôndola do supermercado
O que tem embaixo da terra, as raízes, tudo o que aconteceu até o produto chegar até ali ninguém vê.	o que tem ali debaixo da terra ... as raízes... tudo o que aconteceu até aquele produto ir até ali ...ela não quer saber ... *e tá muito certa... porque quem tem que se preocupar não é a dona de casa ... que tem que se preocupar com isso não...*
Por outro lado, o governo não administra esses processos.	por outro lado ... o governo não administra esse processo ...
São processos de mercado.	é um processo de mercado
X	*desenvolveram-se assim ... sozinhos né*
Desenvolveram-se em um contexto desfavorável, e criaram métodos de defesa no mundo inflacionário.	*e* desenvolveram-se *também* num contexto desfavorável ... e desenvolveram os seus *próprios* métodos de defesa num mundo inflacionário *e tudo mais* ...

Esses métodos favorecem a permanência da inflação e é preciso trocá-los para que, quando houver a mudança do cruzeiro para o real toda essa forma subterrânea já esteja preparada.	esses métodos *...hoje você pode até dizer que... eles* favorecem a permanência da inflação e é preciso trocá-los... pra que eles permitam lá na frente uma reforma monetária... que quando trocar de cruzeiro para o real *... lá na frente ... a moeda de pagamento... a parte subterrânea difícil de ajuste da economia ... a situação da inflação baixa... teja já preparada né... quer dizer ...* toda essa forma subterrânea já esteja preparada
E aí, se entra no real praticamente sem inflação.	X
2– Nos outros não se atacou esse subterrâneo ?	X
R: Tanto no Cruzado como no Collor, que foi mais violento, o que ocorreu foi o contrário.	*nos planos ... nos planos anteriores você teve também um pouco* do contrário ... o caso do Cruzado *por exemplo... que foi o primeiro* ... o do Collor que era mais violento
Se pegou todo mundo na superfície e se congelou.	você ... é ... pega na superfície todo mundo ... congela ...
X	*aí tem que vir aquele efeito dominó prá trás do varejo até a última ... até a última lá ... lá no começo da cadeia produtiva ...*
X X	*é uma chatice ...* *é um rolo... quer dizer...*
Agora esse processo de adaptação começa já.	agora começa esse processo de adaptação já
Os contratos vão se transformando em URV, que é um índice que não estará contaminado pela inflação.	X

3 – Está ocorrendo uma forte remarcação dos preços, principalmente dos produtos oligopolizados. Como vocês vão administrar esses aumentos ? Isso não pode comprometer o sucesso do plano ?	**2 – Esse aí tá sendo uma forma ... tá tendo uma fórmula que não se fala que vai congelar nada mais ... a inflação tá disparando ... oligopólios e outros... supermercado ... como é que vocês vão administrar esse aumento de preço ... isso não pode comprometer o sucesso desse plano?**
R: *Não há esse risco.* Houve uma aceleração da inflação logo na semana anterior ao plano.	**R:** *acho que não* houve uma ... uma aceleração da inflação *numa determinada* semana logo anterior ao plano é...
Esse tipo de aceleração tem origem especulativa e é revertida pelos próprios setores logo depois.	esse tipo de aceleração ... *ela* tem origem *essencialmente* especulativa... e *ela* é revertida pelos próprios setores logo depois...
X X X X	*acontece...* *eu percebo isso na mesa do Banco Central...* *por exemplo... no tocante ao dólar... há uma onda de compra de dólares antes...* *há uma onda de venda de dólares logo depois ...*
O comerciante, antes do (falha do jornal) estava preocupado com o congelamento.	*mesma coisa acontece do lado do ... do lado do ...* do comerciante... preocupado com a existência de um congelamento
É uma coisa feita e desfeita. X	ou seja ... é uma coisa que é feita e desfeita agora ... é claro que *você pode adotar uma ... uma atitude liberal...*
É claro, porém, que o governo não pode ser trouxa.	*mas* você não pode ser trouxa
Tem, evidentemente, gente se aproveitando, como os oligopólios, mas existem mecanismos para evitar essas pressões.	quer dizer... tem evidentemente gente se aproveitando ... oligopólios e tal ... tem que haver um mecanismo e existe ... está sendo acionado *no sentido de controlar ... ir lá controlar ... buscar ... isso se faz ...*

4– Esse plano difere dos outros , entre outros pontos, porque não faz intervenção nos preços. A idéia é basicamente ir trazendo os contratos para a URV, que se desindexariam da inflação passada. Portanto, a inflação existiria em cruzeiro mas não em URV. Mas nesse momento, em que uma parte da economia está urvizada e outra não, há o risco de hiperinflação em cruzeiro ?	**3– Agora ... esse plano ( ) fora da questão dos preços é ... ele difere dos outros porque vocês não mexeram com isso agora ... o que vocês querem fazer é trazer contratos pra URV e tirar a inflação dessa URV agora ... não há um risco dessa vinda dos contratos pra URV ... esse cruzeiro apodrecer e você disparar essa inflação nessa moeda ... e acabar inviabilizando ... quer dizer ... criar um desequilíbrio em quem passou para URV e quem tá em cruzeiro ainda ...**
R: *Não.*	R: *Não eu acho que não ...*
Se os preços fossem fixados apenas em URV, passariam a ter um padrão de indexação que hoje não têm.	*são duas coisas... primeiro ... o cruzeiro apodrecer só ocorre se houver uma URV em meio de pagamento*
X	*o cruzeiro é a única ... o único instrumento com o qual se paga as coisas...*
X	*então hoje ele já ... o uso desse instrumento já é reduzido ao mínimo...*
X	*porque ele não rende juros nem nominal...*
X	*então ... ele tem essa reserva de mercado digamos assim... para sua função*
X	*seria um horror se você tivesse com um... uma outro moeda nacional... que pudesse utilizar como pagamento aí sim ...*
X	*aí você poderia dizer ... vai apodrecer*
X	*e portanto os preços denominados em cruzeiros vão subir ...*
X	*e ... não é o caso ...*
X	*o que por outra via pode acontecer ou poderia é ao* permitir que os preços ficassem em URV é ...
X	eles passarem a ter um padrão de indexação que eles não tem ...
Preços que eram reajustados semanalmente ou mensalmente poderiam passar a ter reajuste diário.	*ou seja* o preço que é reajustado semanalmente passa a ser diário ou então mensalmente...
Isso nós não queríamos que acontecesse.	isso a gente não queria que acontecesse
Por essa razão, a lei estabeleceu que os preços terão que estar sempre em cruzeiros.	e pra isso a determinação que existe na lei para que o preço seja sempre expresso em cruzeiros...

Com isso, o comerciante que quiser adotar reajuste diário de preços, terá que alterar o preço todo dia.	com isso o que acontece é que ... é ... o comerciante que quiser adotar reajuste diário de preço ele vai ter que trocar todo dia ... e isso dá trabalho ...
5– E isso pode ocorrer ?	
R: A alteração diária de preços é muito trabalhosa e cara.	isso requer é ... equipamento ...
Requer gente, equipamento, e disponibilidade de tempo.	requer gente... isso requer disponibilidade de tempo ...
X	*você pensa... por exemplo... o sujeito tinha um jornal com um fusca com preço em URV ... se tem um sujeito que tem um fusca... é muito mais fácil pra ele colocar em URV ou colocar em cruzeiro todos os dias como a lei faculta...*
Uma quitanda que tem 700 itens não tem condições de trocar os preços dos 700 itens todo o dia.	*agora... se é* uma quitanda que tem 700 itens... *e trabalha o indivíduo e a esposa...* é muito difícil para eles trocar o preço dos 700 itens todos os dias ... *não faz... troca por mês... ou no dia de trocar preço chama o cunhado ... a filha ... essa coisa toda pra fazer ...*
Já se os preços ficassem apenas em URV, sem correspondente em cruzeiros, bastaria que os comerciantes fixassem o valor em URV e no dia seguinte os preços passariam a ter reajustes diários, pois a cotação da URV muda diariamente.	*agora* ... se deixar em URV reunia a família de um dia pro outro ... passa tudo pra URV e passa a ter indexador...
X	*então não pode...*
Por isso *resolvemos* não deixar que os preços passassem a ser expressos apenas em URV.	*a lei* resolveu não deixar ... *porque aí você já tem uma barreira natural ... que já tem alteração... então pra deixar... que deixar ... que impede as pessoas que façam essa indexação diária ...*
X	*acho que a virtude desse plano... que não havia nos outros todos... é que esse usa o incentivo econômico natural das pessoas e não reconta tá certo...*

X	*quer dizer um ... um ... uma situação como o cruzado... que você tinha um extraordinário incentivo a consumir e... ao mesmo tempo um governo que não queria que o povo consumisse tanto ... era isso ... o ministro ia pra televisão dizer ...*
Criamos uma barreira natural contra as remarcações porque ficarão muito caras para as empresas.	*então você não pode ir contra ao que as pessoas querem fazer que é o incentivo econômico natural ... nesse caso agora... você colocou um elemento novo que é a URV e as pessoas a utilizam da forma natural é ... conforme a atividade que elas estão ...então é ... é ... o remédio vai impregnando no tecido daqui a pouco ele toma conta... vai naturalmente ... ninguém precisa fazer nada... ninguém precisa obrigar*

A primeira resposta editada é composta por doze períodos. No primeiro período, ocorrem as seguintes alterações relevantes: corte do marcador discursivo *olha*; compactação das orações */o que acontecia antigamente/* e */acontecia num dia/* em */o que antes acontecia em um dia/*; corte da oração */entender que eram várias coisas/* e corte do marcador discursivo *tá*.

O corte da oração */que tá acontecendo agora/*, no segundo período, foi propiciado por esta ser fundo de contextualização, que deve ser minimizado pelo processo de edição.

No terceiro período, ocorrem o corte da conjunção *que*, transformando um período encadeado/subordinado na fala em paratático no editado e o corte do marcador discursivo *digamos assim*.

No quarto período, ocorrem a substituição do artigo *o* pelo pronome demonstrativo *esse* a fim de retomar com mais clareza o sintagma anterior e, conseqüentemente, o do sintagma preposicionado *da economia*, evitando a repetição.

A introdução do pronome relativo *que*, no sexto período, substitui a repetição do vocábulo *superfície*.

No sétimo período, houve o corte do advérbio de lugar *ali*.

No décimo período, ocorreu apenas o corte do conectivo *e*.

No décimo primeiro período, há o corte do advérbio de tempo *hoje* e o do enunciado *você pode dizer até que eles*, que funciona como um modalizador da assertiva do entrevistado. Há também o corte de enunciados incompletos, o do *que* expletivo e o dos advérbios *lá* e *na frente*.

A segunda pergunta da versão editada não apresenta correspondente na versão oral, pois foi introduzida em função da mudança de tópico na continuação da resposta do entrevistado.

A resposta editada constitui-se de quatro períodos. No primeiro período, houve as seguintes alterações relevantes: reestruturação do período em uma oração adverbial comparativa com o corte da oração */que foi o primeiro/*.

No segundo período, há a substituição do sujeito indeterminado *você* por *se* e a substituição do tempo verbal presente *pega* pelo passado *pegou*, referindo-se somente aos planos econômicos antigos *Cruzado* e *Collor*. Há também a introdução da conjunção *e*, a introdução do pronome *se* para manter o paralelismo com o sujeito indeterminado, assim como a substituição do tempo verbal presente *congela* pelo passado *congelou*.

No terceiro período, há apenas a troca do sujeito de posição posposta ao verbo pela anteposta.

A terceira pergunta tem sua resposta correspondente estruturada em sete períodos. No primeiro período, houve a substituição da estrutura *acho que* por *não há esse risco*, desfazendo a modalização.

No segundo período, houve o corte do adjetivo *determinada*.

No terceiro período, ocorrem o corte do sujeito *ele* evitando redundância e eliminando a estrutura de sujeito topicalizado; o do advérbio *essencialmente* e o do sujeito *ele* recuperável na flexão verbal.

No quarto período, há os cortes de *mesma coisa acontece do lado do ... do lado do ... do*, do sintagma *a existência de*, e a inserção de *antes do* e da forma verbal *estava*.

No quinto período, há o corte do operador argumentativo *ou seja* e do conectivo *que*, assim como o do enunciado *você pode adotar uma atitude liberal*.

No sexto período, há o deslocamento de *é claro que* presente na versão oral, a substituição de *mas* por *porém* e a do pronome *você* pelo vocábulo *governo*.

No sétimo período, há o corte do operador argumentativo *quer dizer* e a inserção de *como* para uma melhor especificação de *oligopólios*.

A quarta resposta é estruturada em seis períodos. No primeiro, tem-se apenas o corte da expressão *eu acho que não*.

No segundo período, houve o corte da oração *o que por outra via pode acontecer ou poderia é*; a substituição da oração condicional *ao permitir que os preços ficassem em URV* por *se os preços fossem fixados apenas em URV*, clarificando a hipótese; o corte do sujeito *eles*, evitando a repetição; a substituição do tempo verbal futuro do presente *passarem* por futuro do pretérito *passariam*, expressando hipótese; deslocamento do advérbio de tempo *hoje* presente no enunciado cortado e o corte do sujeito *eles*.

No terceiro período, ocorrem as seguintes alterações: o corte do operador argumentativo *ou seja*; a troca do tempo verbal presente *é* pelo passado *eram*; a introdução do modal *poderiam* indicando possibilidade e a do vocábulo *reajuste*; a substituição da forma verbal *passa a ser* por *passa a ter*.

No quarto período, ocorreu apenas a substituição de *a gente* por *nós*, mais formal.

No quinto período, há a eliminação da conjunção *e*; a substituição de *pra isso* por *por essa razão*; a da oração *a determinação que existe na lei* por *a lei estabeleceu que*; a do modo verbal subjuntivo (tempo presente) *que seja* pelo indicativo (tempo futuro) *terão* e o corte do adjetivo *expresso*.

No sexto período, há o corte de *o que acontece é que é*; o do sujeito *ele*; a substituição da forma verbal *vai ter* por *terá*, por ser mais formal, e a de *trocar* por *alterar*.

A formulação da quinta pergunta também é feita em função da mudança de tópico na continuação da resposta do entrevistado, não tendo, portanto, correspondente na versão oral. A resposta é estruturada em seis períodos.

No primeiro período, há a substituição da oração *e isso dá trabalho* por *A alteração diária dos preços é muito trabalhosa* e a introdução do adjetivo *cara.*

No segundo período, ocorrem apenas o corte da estrutura *isso requer,* evitando a repetição e a inserção da conjunção *e.*

Há as seguintes alterações no terceiro período: corte do estruturador discursivo *agora*; do conectivo *se* e da forma verbal *é*; substituição do predicado *é muito difícil* por *não tem condições* e corte do sujeito *eles* devido à eliminação do enunciado *e trabalha o indivíduo e a esposa.*

No quarto período, há a substituição do estruturador discursivo *agora* por *já,* a da forma verbal *deixar* por *ficassem,* a do enunciado *e passa a ter indexador* por *bastaria que os comerciantes fixassem o valor em URV;* a introdução do sujeito *os preços*; a da denotativa *apenas*; a do sintagma preposicionado *sem correspondente em cruzeiros;* o corte das orações *reunia a família de um dia pro outro passa tudo pra URV*; e a inserção de enunciados para a explicitação de *ter indexador.*

No quinto período, há a introdução do conectivo *por isso*; a substituição do sujeito *a lei* por *nós* marcado somente na flexão verbal e a inserção da oração *que os preços passassem a se expressos apenas em URV.*

QUANTIFICAÇÃO DOS DADOS ENTREVISTA Nº 2

Tabela II

	EDITADA	ORAL
Orações coordenadas	16	28
Orações subordinadas		
A) substantivas	11	19
B) adjetivas	15	32
C) adverbiais	8	16
– causais	2	5
– condicionais	2	6
Advérbios		
a) de tempo	21	40
b) de lugar	8	20
c) de modo	7	11
d) de assunto	0	2
Intensificadores	4	6
Modais	7	19
Pronomes de 1ª pessoa	1	2
Indeterminação do sujeito		
a) *"a gente, você"*	0	17
b) *se*	1	0
Verbos de cognição	0	5
Sujeito redundante na flexão verbal	1	3
Sujeito topicalizado	0	1
Marcadores discursivos	0	7
Operadores argumentativos	5	25

Análise parcial dos resultados:

Em relação às dimensões de Biber, como pode ser observado na tabela II, as duas versões se diferenciam apenas por uma menor incidência de características lingüísticas que marcam o envolvimento como: verbos de cognição, intensificadores, pronomes de 1ª e 2ª pessoas, modais e também por uma menor contextualização devido aos corte de alguns advérbios de tempo e lugar. A entrevista editada é menos envolvida e menos

contextualizada do que a entrevista oral, porém ambas têm foco na informação, devido às características de subordinação que apresentam (subordinadas adjetivas, substantivas e adverbiais). A versão oral pode ser considerada também mais persuasiva, pela maior ocorrência de marcas como: subordinadas causais e condicionais, modais de possibilidade e necessidade e dos próprios operadores argumentativos.

Quanto às características lingüísticas mais cortadas, há algumas regularidades em relação à entrevista anterior: cortes de fundo discursivo, como da expressão "eu acho que", dos marcadores discursivos e de alguns operadores argumentativos; cortes de fundo gramatical, como dos sujeitos recuperáveis na flexão verbal e de fundo lexicais, como repetições, enunciados incompletos e cortes de advérbios de tempo e lugar.

As transformações regulares de *a gente* por *nós* e *você* por *se*, derivadas de uma maior formalidade e/ou um maior afastamento, também foram representativas nessa entrevista.

ENTREVISTA III – TEMA: SITUAÇÃO ECONÔMICA E POLÍTICA DO PAÍS

EDITADA	ORAL
1 – Em recente artigo, o senhor fala que o presidente Itamar está preocupado com a fome quando devia estar preocupado com as causas do estado de emergência social. E que o presidente deveria chorar cada vez que o capital, nacional ou estrangeiro, deixa de ser investido no país. O Brasil convive com um quadro de miséria e inflação ascendente. Como é possível sair dessa encruzilhada ?	**1 – Na penúltima entrevista agora... o senhor fala que o presidente Itamar tá preocupado com a fome quando devia tá chorando cada dinheiro que não é investido aqui no Brasil ...e nessa última o senhor fala que o problema da inflação é da má administração da moeda ... queria que o senhor pudesse falar um pouco sobre isso ...**
X	*o outro aspecto bastante preocupante é a pobreza*
O problema da pobreza foi revelado de forma mais dramática pelo anuário do IBGE.	e que agora foi revelado com números mais dramáticos pelo anuário do IBGE
X	*o que se verifica é o seguinte*

Hoje há no país problemas endêmicos de pobreza, problemas crônicos.	*primeiro lugar* ... há problemas endêmicos de pobreza ... há problemas crônicos...
Mas a solução desses problemas não se dá através de políticas paternalistas.	X
A eliminação da pobreza exige investimento.	e a solução desses problemas exige investimentos...
Não adianta dar o peixe ao homem que está com fome, é preciso ensiná-lo a pescar.	não adianta dar o peixe para o homem que está com fome sem ensiná-lo a pescar...
X	*precisa dar-lhe o anzol...*
	o que teve no Brasil nos últimos anos é que volta e meia há uma tentativa de distribuição de peixes... mas em compensação há um racionamento de anzóis ... então a distribuição de peixes não adianta nada por falta de anzóis ...
X	*esse é um aspecto*
2 – Com a inflação alta o quadro fica ainda mais perverso. A inflação não precisa ser atacada com urgência ?	
Pode se encontrar dois tipos de explicação para um país onde os preços sobem 25% ou mais ao mês.	*Em primeiro lugar ... quer dizer ... em matéria de inflação se você* imagina um país onde todos os preços sobem mais ou menos 25% ao mês
	você pode encontrar dois tipos de explicação...
Uma, muito pouco convincente, é de que a culpa é dos oligopólios, dos conflitos distributivos.	uma... *que é* muito pouco convincente... é de que o problema é de oligopólios ... é um problema de conflitos distributivos *e tudo mais...*
Nos outros países existem oligopólios e nunca geraram essa inflação febril de 25%.	*se pegar* nos outros países *e no Brasil noutros tempos...* existiam oligopólios e no entanto nunca geraram essa inflação febril de 25% ...
X	*o que eu digo é o seguinte... é óbvio...*
Quando se tem uma inflação dessa ordem, o problema é da moeda e não dos preços.	*a explicação natural* quando você tem uma inflação dessa ordem ... o problema é da moeda e não dos preços ...

Não são os preços que estão subindo, é a moeda que está se desvalorizando.	quer dizer... não são os preços que estão subindo é a moeda que está se desvalorizando...
Senão se olhar para o problema monetário, e junto para o problema fiscal, que são os responsáveis por esse estados de coisas, não se vai nunca enfrentar a inflação.	se você não olhar para o problema monetário... junto com o problema monetário o problema fiscal ... que é quem causa isso ... você nunca vai enfrentar inflação nenhuma
3 – O senhor fala que o país precisa resolver o problema fiscal. O ministro da Fazenda, Eliseu Resende, diz, porém, que só pode fazer alguma coisa nesse sentido depois da revisão constitucional.	**2 – O senhor fala que o país precisa resolver o problema fiscal ... o ministro da Fazenda Elizeu Resende diz porém que só pode fazer alguma coisa nesse sentido depois da revisão constitucional ...**
R: O ministro Eliseu Resende é um homem inteligente, muito pragmático, muito experiente.	R: *eu diria o seguinte* ... o ministro Eliseu Resende é um homem inteligente...muito pragmático ... muito experiente
Se ele conseguir provocar a reforma constitucional de que o Brasil realmente precisa, ele terá feito uma grande obra, porque das mazelas que assaltaram o Brasil nos últimos anos, sem dúvida alguma a mais grave é a Constituição de 1988.	*e eu acho que* se ele conseguir provocar a reforma constitucional de que o Brasil realmente precisa ... ele vai ter feito uma grande obra ... porque das mazelas que assaltaram o Brasil nos últimos anos... sem dúvidas nenhuma ... a mais grave foi a Constituição de 1988 ... *que é uma Constituição única*
É uma constituição baseada em sonhos e não em realidades, o que torna o Brasil ingovernável.	baseada em sonhos e não em realidades ... e que torna o Brasil realmente ingovernável ...
X	*como aliás foi dito na época pelo presidente Sarney ... pelo ministro Maílson da Nóbrega... e foi repetido sucessivamente dali por diante*
X	*e agora... aparentemente o governo Itamar chega a essa mesma conclusão... de que é muito difícil governar o Brasil com essa Constituição ... que não é nem parlamentarista nem presidencialista ... que não é federativa nem centralista ... que no fundo é uma colcha de retalhos absolutamente inconsistente ...*

X	*então ... se o ministro Eliseu em função disso conseguir promover uma reforma constitucional... que abra a possibilidade de o Brasil sair desse bonde na contramão da história ... já é algo a meu ver muito proveitoso...*
4 – Enquanto essa reforma não acontece, os ministros ficam sem muita alternativa para controlar a inflação e o apoio ao presidente começa a minguar a cada dia. O senhor acha que o governo Itamar está ficando com a cara do governo Sarney ?	**3 -Enquanto essa reforma não acontece ... os ministros ficam sem muita alternativa para controlar a inflação ... e o apoio ao presidente começa a minguar a cada dia ... o senhor acha que o governo Itamar está ficando com a cara do governo Sarney**
R: Ele é diferente.	R: ele é diferente
Ele tem a cara do governo Itamar, que não tem a cara do governo Sarney, mas não é, necessariamente, melhor por causa disso.	ele tá com cara de governo Itamar ... que não é cara de governo Sarney... mas não necessariamente melhor por causa disso
X	*não quero entrar no mérito se é melhor ou pior ... que eu acho diferente*
A coincidência entre os dois governos é que Itamar também era vice-presidente, só que pegou o bonde no meio do caminho e Sarney pegou no princípio.	*o problema todo é ... em primeiro lugar* o presidente Itamar também era vice-presidente só que tomou o bonde exatamente no meio do caminho ao contrário do Sarney que começou no princípio
É óbvio que o governo Itamar está no fim.	*em segundo lugar...* é óbvio que o governo de Itamar já está no fim ... *quer dizer ... um problema cronológico...*
O governo tem um ano e oito meses de mandato, com um agravante de uma eleição no ano que vem para todos os níveis.	*nós estamos* ... o governo tem *o que* ... um ano e oito meses de mandato *apenas ... sendo que* com *uma grande campanha eleitoral no ano que vem... que* tem eleições para os mandatos ...
Forçosamente é um governo em final de mandato.	*então* forçosamente *é impossível dizer que o governo Itamar não* é um governo em final de mandato
X	*é um governo em final de mandato ... em princípio... em final de mandato necessariamente...*

Temos um governo tampão, do qual não se costuma esperar nem um ato heróico nem uma grande reforma.	*na realidade ele é* um governo tampão ... *um governo tampão normalmente é...um governo que leva a uma produção ... mas* do qual não se costuma esperar nenhum ato heróico ... e nenhuma grande reforma
5 – Sendo um governo tampão o senhor acha que teria condições de provocar a revisão constitucional ?	**4 – Sendo um governo tampão o senhor acha que teria condições de provocar a revisão constitucional ?**
R: *Acho que sim.*	R: X
Se houver um empenho de toda administração, de todo o governo de reconhecer pelo menos o que há de absurdo na Constituição de 1988 e remover esses entraves, já dará, nessa altura, um grande passo para que as coisas se equacionem.	*A reforma constitucional poderia ser* se houver um empenho de toda administração ... de todo o governo de reconhecer... pelo menos *como diagnóstico...* o que que há de absurdo na Constituição de 1988 ... *de remover esse conjunto de absurdos ... pelo menos aí* nessa altura *eu acho que* já dá um grande passo para que *depois* as coisas se equacionem
Vamos ser realistas.	vamos ser *muito* realistas
O Brasil desde 1980 está numa fase de retrocesso.	o Brasil desde 1980 está numa fase de retrocesso
O retrocesso já tem uma década e meia porque certamente vai nos pegar até 1995.	
Mais uma, duas, três décadas perdidas.	nós estamos realmente na fase de retrocesso ... o retrocesso já tem não apenas uma década ... ele tem uma década e meia e certamente vai nos pegar até 95 ... e nada significa que ele vai acabar na segunda metade dessa década
X	*você pode continuar em mais retrocessos ... que uma década perdida ... duas décadas perdidas três décadas perdidas não tem fundo com a realidade ...*
Se houver condições de agora se reformar a Constituição de maneira a se possibilitar a retomada do crescimento, já se terá conseguido um grande avanço.	*então* ... se houver tempo agora de realmente colocar a Constituição em termos que facilitem uma retomada posterior de crescimento ... ótimo
Por que sua preferência pela monarquia ?	**– Por que sua preferência pela monarquia**

R: *Primeiro lugar* porque eu prefiro o parlamentarismo que tem uma flexibilidade que o presidencialismo não tem.	R: a minha preferência *resulta da minha preferência pelo parlamentarismo ... eu acho que* o parlamentarismo é um regime que tem uma flexibilidade que o presidencialismo não tem
O gabinete dura o que é preciso.	*você sabe que ... que* o gabinete dura o que é preciso
X	*muda por necessidade e necessidade*
Obriga o país a ter partidos políticos.	você obriga o país a ter partidos políticos
A política passa a ser feita em cima de idéias e não de homens.	a política passa a ser feita em cima de idéias e não de homens
X	*é um regime muito mais adequado à uma democracia funcional do que o presidencialismo...que no fundo é um regime de homens providenciais*
X	*o presidencialismo gira em torno de uma figura que se espera seja um homem providencial ... um salvador da pátria e ... positivamente* a democracia prega *exatamente o contrário*
A democracia pede instituições que funcionem sem salvadores da pátria, com bons funcionários mas com as limitações dos seres humanos.	instituições que funcionem sem salvadores da pátria ... com bons funcionários ... mas com as limitações normais dos seres humanos
X	*bom ... acho que não preciso dizer mais sobre parlamentarismo porque é uma coisa já muito ... é importante observar o seguinte*
O parlamentarismo força o Congresso a ser responsável.	o parlamentarismo força o Congresso a ser responsável .... *completamente diferente da situação atual*
No parlamentarismo, o parlamentar é obrigado a ser responsável porque a política econômica é de responsabilidade do Congresso.	X
Se não der certo, todo o Congresso é responsável.	X
X	*agora vamos então a monarquia*
O problema do parlamentarismo aqui no Brasil é como se posiciona o chefe do governo e o chefe de Estado.	o problema que você tem no parlamentarismo é ... como é que você posiciona o chefe do governo versus chefe de estado

Em minha opinião, o chefe de Estado deve ser apolítico, deve ser o equilíbrio permanete.	o chefe de Estado deve ser uma figura apolítica para representar o Estado... deve ser uma figura permanente
A idéia do presidente da República eleito diretamente é uma desfiguração do parlamentarismo.	a idéia de presidente da República eleito diretamente *no parlamentarismo ... a meu ver* é desfiguração do parlamentarismo
X	*o parlamentarismo com eleição direta para presidente... que é o movimento parlamentarista republicano no Brasil... a meu ver é a mais completa desfiguração do parlamentarismo*
Só existe na França e em Portugal.	só existem dois países na prática ... a França e Portugal
Embute o risco de o presidente da República, eleito com 35 milhões de votos, questionar o chefe de governo, eleito por 350 votos.	*se você perguntar amanhã* ... o presidente da República eleito por 35 milhões de votos é capaz de contestar imediatamente a legitimidade de um 1º ministro eleito com 350
Aí sobram duas opções.	então aí você tem duas soluções
Ou o presidente eleito de forma indireta, como na Itália ou então a monarquia.	ou é o parlamentarismo com presidente indireto o caso da Itália ... o caso da Alemanha ou a monarquia
Nesse caso, eu prefiro a monarquia porque dá mais status.	*e aí* eu prefiro a monarquia ... *que pelo menos* dá *um pouco* mais de status *ao presidente ... o presidente indireto ... essa é a razão da opção monárquica ... mas não tem nada com a restauração da monarquia ... seria a instauração*

Como pode ser observado, tanto a primeira pergunta da entrevista editada quanto a da oral apresentam dois tópicos: **o problema da pobreza e o problema da inflação**. Na versão oral, o entrevistado começa o discorrer primeiramente sobre o problema da inflação e depois sobre a pobreza, na versão editada, entretanto, houve uma rearrumação do conteúdo a partir da inversão do mesmo. Para retomar o tópico da inflação o editor insere uma segunda pergunta.

A primeira resposta editada foi estruturada em cinco períodos. No primeiro período, há o corte dos enunciados, através dos quais o entrevistado muda o tópico para o problema da pobreza e o dos conectivos *e* e *que*, que se interligavam ao enunciado

cortado anteriormente. Há também a eliminação do advérbio de tempo *agora* e a substituição de *com números mais dramáticos* por *de forma mais dramática*, evitando a incoerência semântica.

No segundo período, há o corte da oração *o que se verifica é o seguinte*; a substituição da locução adverbial *primeiro lugar* por *hoje*; a inserção do advérbio de lugar *no país* e o corte da forma verbal *há*, evitando a repetição.

No quarto período, houve a substituição de *solução* por *eliminação da pobreza.*

No quinto período, tem-se a compactação do enunciado oral com o corte indevido (cf. Cap.III) de *dar-lhe o anzol.* Há também o corte da justificativa do entrevistado.

A segunda pergunta da versão editada foi introduzida em função da retomada do tópico "inflação", e a resposta estrutura-se em seis períodos. No primeiro, ocorrem as seguintes alterações: substituição do pronome *você por se* e de *mais ou menos 25% ao mês* por *25% ou mais ao mês*; corte do sintagma adverbial *em primeiro lugar*; do operador argumentativo *quer dizer*; do sintagma adverbial *em matéria de inflação*; da oração *se você imagina* e do pronome *todos*

No segundo período, há o corte da conjunção *que*, que tranforma a oração adjetiva explicativa da versão oral em aposto na editada, o que não modifica o significado do enunciado, na medida em que é esta sua função; a substituição de *problema* por *culpa*; e o corte de *é um problema* para evitar a repetição.

No terceiro período, há o corte de *se pegar* a fim de tornar o texto mais formal; o dos advérbios de lugar *no Brasil* e de tempo *noutros tempos;* o do operador argumentativo *no entanto*; a modificação do tempo verbal pretérito imperfeito *existiam* por presente *existem.*

No quarto período, houve o corte de *a explicação natural* e a substituição do pronome *você* por *se.*

No quinto período, há somente a supressão do operador argumentativo *quer dizer.*

No sexto período, ocorrem a substituição do pronome *você* por *se*; o corte de *com o problema monetário,* evitando a repetição; a reestruturação mais formal, substituindo a

oração *que é quem causa isso* por *que são os responsáveis por esse estado de coisas*; novamente a substituição do pronome *você* por *se* e o corte de *nenhuma* evitando, a dupla negativa.

A terceira pergunta da versão editada tem a sua resposta estruturada em três períodos. No primeiro, há apenas o corte da expressão *eu diria o seguinte.*

No segundo período, houve as seguintes alterações: cortes da expressão *eu acho que*; do operador *e* e da oração *que é uma Constituição única.*; a substituição de *vai ter* por *terá,* por ser mais formal e de *nenhuma* por *alguma,* evitando uma dupla negativa.

No terceiro período, há a substituição de *e que* por *o que* e o corte do advérbio *realmente.*

A resposta da quarta pergunta da versão editada é constituída por sete períodos. No primeiro, não há nenhuma diferença.

No segundo período, ocorrem as seguintes alterações: substituição da forma verbal *estar* por *tem* e do verbo *ser* por *ter,* indicando um caráter permanente; introdução do artigo *a* para a determinação do vocábulo *cara* e da forma verbal *é.*

No terceiro período, há as seguintes alterações: corte da locução adverbial *em primeiro lugar* e do advérbio *exatamente*; substituição do sintagma *o problema todo* por *A coincidência entre os dois;* de *tomar* por *pegar* devido à utilização da expressão *pegar o bonde;* de *ao contrário de* por *e* e do verbo *começou* por *pegou,* mantendo o paralelismo.

No quarto período, há o corte de *em segundo lugar*; da preposição *de,* desfazendo leituras ambíguas (o governo não é de Itamar (posse) ou Itamar é governado). Ainda há o corte do operador *quer dizer* e de *um problema cronológico.*

No quinto período, ocorrem o corte da denotativa *apenas*; o de *sendo que*; a introdução do vocábulo *agravante;* a substituição do sintagma *grande campanha eleitoral* por *uma eleição* e a transformação do enunciado *que tem eleições para os mandatos* em *para todos os níveis.*

No sexto período, há o corte do operador argumentativo *então* e a substituição da estrutura negativa *é impossível dizer que ... não* por uma afirmativa, facilitando o processamento.

No sétimo período, ocorrem as seguintes alterações: corte de *na realidade*; do enunciado *um governo tampão normalmente é um governo que leva a uma produção* e do operador *mas* devido à retirada do enunciado anterior, e substituição de *ele é* por *temos.*

A quinta pergunta tem sua resposta estruturada em sete períodos. No primeiro tem-se a inserção da expressão *acho que sim.*

No segundo período, há as seguintes altrações: corte de *A reforma constitucional poderia ser,* já que a condição é estabelecida através da partícula *se*; de *como diagnóstico*; da partícula expletiva *que;* de *pelo menos*; do marcador discursivo *aí;* da expressão *eu acho que;* introdução do conectivo *e*, cortando a preposição; substituição de *conjunto de absurdos* por *entraves*; e a troca do tempo verbal presente *dá* pelo futuro do presente *dará,* devido à presença do subjuntivo futuro *se houver.*

No terceiro período, ocorre apenas o corte do intensificador *muito.*

No quarto período, não há alterações.

No quinto e sexto períodos, há a reestruturação do conteúdo oral com as seguintes alterações: corte do advérbio *não*; da denotativa *apenas*; de *ele tem uma década* evitando a repetição; troca dos operadores *e* por *porque.*

No sétimo período, ocorrem o corte do operador *então;* o do advérbio *realmente*; o do adjetivo *posterior;* a substituição do vocábulo *tempo* por *condições*; a de *colocar* por *reformar*; a de *em termos que* por *de maneira a*; a de *facilitem* por *possibilitar*; e a de *ótimo* por *já se terá conseguido um grande avanço.*

A última pergunta da versão editada tem a sua resposta estruturada em dezesseis períodos. No primeiro, há as seguintes alterações: introdução da locução adverbial *Primeiro lugar*; transformação do sintagma nominal *a minha preferência* em um sintagma verbal *eu prefiro*; introdução do operador *porque* mantendo o paralelismo

com a pergunta; corte da expressão *eu acho que* e de *o parlamentarismo é um regime*, evitando a redundância.

O segundo e o terceiro períodos apresentam apenas os cortes respectivamente da expressão *você sabe que* e do pronome *você*.

No quarto período, não há alterações.

No quinto período, há apenas a introdução do sujeito *A democracia* referente ao tópico cortado anteriormente.

No sexto período, há o corte de *completamente diferente da situação atual*.

No nono período, ocorrem as seguintes alterações: corte da oração adjetiva *que você tem*; introdução dos advérbios de lugar *aqui* e *no Brasil*; corte do expletivo *é que*; substituição do sujeito indeterminado *você* pelo sujeito indeterminado conforme a norma *se* e a de *versus* por *e*.

No décimo período, há a introdução do sintagma preposicionado *em minha opinião*; a substituição de *figura apolítica* por *apolítico*; o corte de *para representar o Estado* evitando a redundância e a substituição de *uma figura* por *o equilíbrio*, resultante de uma maior especificação.

No décimo primeiro, ocorrem o corte de *no parlamentarismo* evitando a repetição; o de *a meu ver*, já que no período anterior houve a introdução de *em minha opinião* e a introdução do artigo indefinido *uma*.

No décimo segundo, há apenas o corte de *dois países* e de *na prática*.

No décimo terceiro, ocorrem as seguintes alterações: corte do conectivo *se*; do pronome *você;* do advérbio de tempo *amanhã*; da estrutura *é capaz de;* do advérbio *imediatamente*; do vocábulo *legitimidade;* substituição de *perguntar* por *embute o risco*; de *contestar* por *questionar* e de *primeiro ministro* por *chefe do governo*.

No décimo quarto período, há o corte do operador *então*; o do pronome *você*; a substituição de *tem* por *sobram* e a de *soluções* por *opções*.

No décimo quinto, há o corte da forma verbal *é*; o de *parlamentarismo*; o da preposição *com* e o de *o caso da Alemanha*.; a substituição do sintagma *direto* por *eleito de forma indireta* e a de *o caso da* por *como na*.

No décimo sexto período, ocorre o corte do operador *e* e a substituição do operador *aí* pelo operador *nesse caso*.

QUANTIFICAÇÃO DOS DADOS ENTREVISTA III

Tabela III

	EDITADA	ORAL
Orações coordenadas	15	31
Orações subordinadas		
A) substantivas	18	29
B) adjetivas	16	34
C) adverbiais	14	17
– causais	1	3
– condicionais	5	10
Advérbios		
a) de tempo	16	30
b) de lugar	13	14
c) de modo	10	26
Intensificadores	5	12
Modais	12	16
Pronomes de 1ª pessoa	4	13
Indeterminação do sujeito		
a) *"a gente,você"*	0	12
b) *se*	9	3
Estrutura *acho que*	3	6
Sujeito redundante na flexão verbal	2	6
Marcadores discursivos	0	1
Operadores argumentativos	3	11

Análise parcial dos resultados:

Nesta entrevista, assim como na primeira, a força argumentativa é maior na versão oral do que na editada, determinada pelo corte de alguns operadores argumentativos e minimização da modalização, principalmente as que dizem respeito às apreciações do entrevistado sobre o conteúdo de sua enunciação: Ex: *"é óbvio", "é claro", " a explicação natural é ...".*

As características lingüísticas, que mais fortemente mostram o envolvimento e a contextualização, estão em número mais representativo na versão oral, entretanto, ambas as versões têm foco na informação a ser veiculada. As características de envolvimento ficam por conta das restrições impostas pela produção e execução simultâneas da fala do entrevistado.

Os cortes efetuados na edição são os mesmos de fundos gramaticais, lexicais e dicursivos das entrevistas anteriores.

Percebem-se nesta entrevista algumas tendências, já verificadas nas anteriores, em relação às substituições lexicais. A simultaneidade entre planejamento e execução na fala dos entrevistados não lhes permite uma escolha lexical precisa. Há uma incidência grande de palavras vagas e genéricas em suas falas que regularmente são substituídas por itens lexicais mais precisos.

Há também uma tendência a transformarem-se asserções negativas em afirmativas, pois as negativas são mais difíceis de serem processadas, por isso são reescritas. Evitam-se também regularmente as perífrases verbais.

ENTREVISTA IV – TEMA: MENOR DE RUA E A MATANÇA NA CANDELÁRIA

EDITADA	ORAL
1 – O que representa o episódio da Candelária ?	**30 – O que justificaria a brutalidade da cena de ontem ?**
R: Que está havendo uma guerra civil, não declarada e já há muito tempo.	**R:** uma guerra civil mesmo né ... que nós tamos vivendo ... não declarada há muito tempo quer dizer ...
X	*isso já vem sendo denunciado... em 90 nós fizemos um seminário chamado Rio cidade seqüestrada ... o JB deu até em primeira página ... esse seminário era justamente para dizer isso...*
Significa que nós, cidadãos vestidos e "morados" estamos seqüestrados pela violência.	que nós cidadãos vestidos e morados estamos seqüestrados entendeu ... pela violência ... *quer dizer ...*
X	*foi um seminário que para mim foi muito rico... colocando empresários e intelectuais na mesma mesa*
X	*então eram debates ... que eram pessoas opostas ... opostas não ... mas com linhas de caminhos diferentes ... e colocamos nas mesas para discutir essa questão*
X	e na realidade já existe a guerra civil
X	você veja ...
A existência de grupos paramilitares, como os Anjos da Guarda, *é inconcebível e sinalizadora desta guerra, que teve na madrugada de sexta-feira seu ápice.*	a existência de grupos *que são externos à polícia... que a gente poderia chamar de paramilitares* como os Anjos da Guarda em Copacabana ... *isso não existe em países civilizados .. quer dizer ... essa é a função da polícia né ... de dar segurança ao cidadão... como a polícia não dá ... por isso e por aquilo ... se criam esses grupos paramilitares...*
Os grupos de extermínio são armas desta guerra.	X
Quem financia eles ?	que são financiados por quem ?

X	*quem financia os Anjos da Guarda por exemplo ? entendeu ? e cada vez mais você tem milícias privadas de controle...*
A sociedade. A mesma sociedade que está doentia com esse guerra lenta e silenciosa, chorando todo assistencialismo pela morte dos meninos e, no fundo, querendo "limpar as ruas".	X
Estamos doentes de ambigüidades.	X
2 – O Juiz de Menores, Liborni Siqueira, responsabiliza as entidades de proteção ao menor pela matança da Candelária. Você concorda ?	**1 – O juiz Liborni Siqueira hoje tá nos jornais que ele acusa as entidades de proteção aos menores de serem as principais responsáveis pelo que aconteceu ...diz que são tantas as entidades interessadas em receber verbas do exterior... que se criou uma indústria do menor ...e que o menor permanecer na rua é uma coisa que favorece... como é que você vê isso ?**
R: Isso é ambíguo.	R: Olha ... isso é ambíguo né...
Por um lado, se não fossem as entidades não governamentais, os meninos de rua não teriam absolutamente qualquer oportunidade na vida.	*eu acho que* se não fossem as entidades não governamentais os meninos de rua não teriam absolutamente nenhuma oportunidade *de nada...*
X	quer dizer ... é ... ou seja ...
Essas entidades suprem o papel que as autoridades não fazem.	as entidades não governamentais estão suprindo *o lugar que seria governamental*
Não há escolas para eles e nem atendimento na rede pública que se nega a atendê-los.	*você vê...* não existe escola para o menino de rua ... a saúde não atende o menino normalmente ... é raríssimo você conseguir ser atendido por um hospital público
X	*quer dizer ... você não ter possibilidade de ter um salário decente em família*
X	*para que ele não saia na rua para tentar garantir a sua sobrevivência e o aumento da renda familiar*
X	*então ... são uma série de fatores ... que são fatores sociais que tão embutidos nessa questão*

As entidades surgiram para suprir este vazio.	*aliás...* as entidades *não governamentais a rigor elas* surgiram para suprir esse buraco ... esse fato
E eu mesma não trabalho mais com o governo.	eu mesma não trabalho *lá* com o governo
Você trabalha, implanta um projeto, tem reconhecimento, consegue doações para o projeto.	porque você trabalha ... implanta um projeto... você tem reconhecimento profissional do seu projeto ... você consegue uma série de pessoas que estão doando dinheiro pro projeto ... o dinheiro é todo controlado a nível da própria prefeitura ...
Aí, de repente muda o prefeito e começa tudo da estaca zero, como se nada até então feito tivesse valor.	e de repente muda o prefeito... e começa tudo da estaca zero ... como se nada daquilo que eu tivesse feito tivesse valor
X	*ou seja ... tá certo ... a gente pode até não ter conseguido chegar no máximo dentro da ( ) social a ponto de ter a roda perfeita...*
X	*mas parte da roda perfeita ... mas parte da roda já estava inventada ... a gente já tinha quebrado a cabeça ... já tinha aprendido como trabalhar com os meninos né ...*
X	*então tudo isso é desperdiçado quer dizer ...*
Trabalhar com o governo é ter 100% de desperdício.	trabalhar com o governo é ter 100% de desperdício a cada mudança de mandato
3 -Por outro lado ...	X
Por outro lado, há de fato um indústria do menor com proliferações dessas entidades.	25 – tem um monte de programas
E os meninos estão cada vez mais nas ruas, mais descalços.	e o menino tá ficando cada vez mais na rua... mais descalços ... *não têm dinheiro nem pra comprar um sapato...*
Existe uma disputa na rua, muito grande, pelo menino de rua.	4 – existe uma disputa na rua muito grande
"Esse menino é meu é meu.	"esse menino é meu esse menino é meu"
Só que ele não é de ninguém.	todo menino é de todo mundo... ou seja ... o menino é da sociedade e é dele mesmo né ... basicamente ...

É dele mesmo e de toda a sociedade.	
X	**11 – Você falou que existe uma disputa pelo menor na rua ...como é que isso se dá assim na prática ...por que essa disputa ?**
A disputa é exatamente pela questão da verba que dá poder.	**R:** é exatamente pela questão dessas verbas né ...que é um ... a rigor pensar ... são ... é .... uma coisa meio mítica sabe
A verba é um fetiche.	é um fetiche entendeu ... *é como se não existisse... as verbas potencialmente podem existir... mas na realidade elas não existem entendeu ...*
X	*então é uma procura eterna de conseguir conquistar essas verbas né*
Tanto podem ser milhares de dólares como pode ser absolutamente nada.	elas podem ... essas verbas podem ser milhares e milhares de dólares ... e podem não ser nada
X	*é isso que eu quero dizer entendeu ... eu acho que existe uma disputa ... às vezes sai no jornal que tal projeto ganhou milhares de dinheiro quando na realidade não ganhou nada daquilo ... se você expremer você vai ver que não deu nem 10 mil dólares... 10 mil dólares não daria para você fazer grandes coisas né ... nem pra indústria do menor vamos dizer assim ... que não daria nem para você viver muito tempo com esse dinheiro né*
X	*eu acho que existe uma disputa*
A verdade é que o menino de rua virou uma moda, cuja camisa todo mundo quer vestir.	em primeiro lugar virou moda né ... a verdade é essa
Isto é uma coisa que me entristece muito.	isso é uma coisa que me entristece muito
X	*porque ao invés de a gente ter seriedade nesta questão acaba virando uma série de modismo ... e todo mundo quer trabalhar com menino de rua*

Há pessoas completamete despreparadas para lidar com o menor de rua, que misturam paternalismo e raiva.	*então você* tem as pessoas mais diferentes ... sem nenhum tipo de formação para isso ... e sempre oscilando entre o paternalismo existencialismo e a raiva muito grande *quer dizer ...*
X	essa coisa de ontem por exemplo foi a raiva muito grande né ...
4 – Foi o que aconteceu na Candelária ?	X
Foi.Houve uma raiva muito grande por parte de quem matou seguida pelo paternalismo de um monte de populares e entidades.	o acontecimento de ontem demonstra uma raiva muito grande ... que ninguém mata da maneira que matou crianças dormindo ...
Não quero dizer com isso que eles são anjinhos.	*mesmo que não sejam* anjinhos ... eu não tô querendo dizer que os meninos da Candelária eram anjos entendeu ...
Não é porque morreram que são anjos.	não é porque morreram que viraram anjos ... isso também é importante a gente enfatizar
Não eram.	X
Mas eram simplesmente agressivos de acordo com o que recebiam de resposta social.	mas eles eram simplesmente agressivos de acordo com o que eles recebiam de resposta social né
X	*a agressividade deles era exatamente proporcional a agressividade que eles recebem socialmente desde que nasceram*
Não é nada fora do comum este comportamento.	então ... não é nada fora do comum isso daí
E a raiva que marcou a matança é uma raiva embutida na sociedade.	X
Há uma omissão silenciosa do tipo "não mato menores mas não faço questão que eles se mantenham vivos".	X
X	*então é ... pera aí ... deixa ver o que eu tava falando ...*
X	*ah! da disputa né ... então ... quer dizer ...*

É como se fosse um desejo implícito de eugenia da sociedade, de limpar a raça, a cena, de querer tirar da frente.	*eu acho que existe essa coisa que oscila entre o paternalismo e o ódio ... a repressão a raiva ...* querer tirar da frente... uma questão meia de eugenia entendeu ... limpar a raça ...
X	**12 – incomoda a sociedade ?**
X	***R:*** *demais ... claro que incomoda ... o menino de rua incomoda muito... não incomoda de hoje*
O menino de rua incomoda a sociedade desde 1747, quando foram criados os primeiros internatos.	incomoda desde mil setecentos e caqueirada entendeu ... quando começaram a surgir os internatos
X	*eram tantos os internatos que foram criados desde 1747 se não me engano que gerou a Funabem ... que virou montro tão grande quer dizer ... apesar do nome Fundação do bem-estar do menor ... de bem-estar não tinha nada né*
X	*então gerou um mastodonte... um hipopótamo tão grande ... que foi necessário haver uma mobilização social para se criar o estatuto da criança e do adolescente ... para que o menino viesse a ter direito de não ficar trancado dentro do internato só porque era pobre... mas o estatuto não prevê o direito dele ficar na rua ... que isso também é uma coisa extremamente incoerente né*
5 – A proposta do juiz Liborni Siqueira de retirar os meninos da rua é correta ?	X
R: Acho um horror.	
Sempre digo que o meu trabalho não é tirar o menino da rua, e sim educá-lo para que ele saia da rua com as próprias pernas.	*eu por exemplo ... eu* sempre digo que o meu trabalho não é tirar o menino da rua ... *mas eu não digo que eu não quero que o menino saia da rua ... o meu trabalho* é educar o menino para ele sair da rua *autonomamente* com as próprias pernas né ... buscando seus caminhos através da educação então ...

Todos os projetos que têm por base garantir o direito do menino ficar na rua não são válidos, porque esse direito já existe, não precisa ser garantido.	*eu vejo projetos aí ... nesses meus anos... que diz exatamente isso ... " esse projeto visa garantir o menino o direito dele estar na rua"...* esse direito não precisa ser garantido porque é um direito que ele já conquistou entendeu ... não é um direito que você deva garantir
É demagogia.	X
X	*você tem que garantir os direitos dele ... escolaridade ... saúde ... a possibilidade familiar esses são os direitos que o estatuto prega e que não são cumpridos ... vamos dizer assim...*
X	*agora o direito dele estar na rua é um direito que ele já conquistou a 300 anos ... e que ele incomoda há 300 anos*
X	**13 – O Dr. Liborni é ... defende o recolhimento dos menores de rua e inclusive acusa as entidades de não terem deixado abrigá-los ... como é que você vê esse política de recolhimento do menor de rua ?**
Da mesma forma que interná-los não é solução.	como é que é ? bom ... eu acho um horror ...
A política de recolhimento gera internamento em unidades da Feem, que são incapazes de promover a ressocialização.	porque geralmente a política de recolhimento do menino de rua é internamento dentro das unidades da Feem que já tão superlotadas
X	*que já tão mal abrigadas as suas crianças que já não têm alimentação ... que não têm profissionais capacitados ... então ... não adianta nada ... quer dizer ...*

É tirar do ruim para o pior.	*você tá tirando do ruim para o pior ... ou do pior pro mais pior ... sei lá ... comparativamente não muda nada ... quer dizer... o que o governo tem que fazer realmente e é uma coisa que não depende apenas da vontade política do governo ... depende da mudança de mentalidade das pessoas ... é dar amplas oportunidades de escolaridade para esses meninos entendeu ...*
X	*o que o governo tem que fazer realmente é dar condições de profissionalização para que eles possam com mais de 13 anos 14 já começarem a trabalhar ... mas não um trabalho a nível pesado... vamos dizer assim ...porque também essa é uma outra coisa que fala-se muito ... "a solução para o menino de rua é o trabalho"*
Dizem ainda que o trabalho é a solução para o menor de rua.	
Não é.	X
O que tem de ser garantido e feito primeiramente é o acesso à educação, com direito à profissionalização e à saúde.	a solução para o menino de rua é a escola ... primeiro ... mas uma escola que receba ele ...que não tenha preconceito que ... que ... vamos dizer assim ... que consiga escolarizá-lo com o conteúdo que ele tem entendeu ...
X	*é ... dar as possibilidade dele aprender a partir dele mesmo né*
X	*então essa é a questão da escola e a escola no Brasil não tem isso entendeu ...a escola no Rio de Janeiro não tem isso*
E isto o governo pode fazer.	X

A primeira pergunta tem sua resposta estruturada em sete períodos. No primeiro, ocorrem as seguintes alterações: corte do marcadores discursivo *né;* do operador *quer dizer*, da oração adjetiva *que nós tamos vivendo* e a introdução do advérbio *já* para reforçar a idéia.

No segundo período, há a introdução do verbo *significa* e o corte dos marcador discursivo *entendeu* e do estruturador *quer dizer.*

Há, no terceiro período, o corte das orações adjetivas *que são externos à polícia* e *que a gente poderia chamar de* e do advérbio de lugar *em Copacabana.*

No quinto período, há a substituição da voz passiva *são financiados* pela voz ativa *financia*, com uma acentuada informalidade marcada pelo uso da forma pronominal tônica *eles,* ao invés da átona *os,* na posição de objeto direto.

A segunda pergunta estrutura-se em nove períodos. No primeiro, há apenas o corte dos marcadores discursivos *olha* e *né.*

No segundo, há as seguintes alterações: corte da expressão *"eu acho que"*; introdução de *Por um lado* rearrumando a resposta, já que a entrevistada coloca o problema como ambíguo; substituição de *nenhuma oportunidade de nada* por *qualquer oportunidade de vida,* evitando-se a dupla negação e corte dos operadores *quer dizer, ou seja.*

No terceiro período, ocorrem a substituição do artigo *as* pelo pronome *essas* e a conseqüente eliminação de *não governamentais,* evitando a repetição; a substituição da forma verbal *estão suprindo* por *suprem*, evitando a perífrase e a de *o lugar que seria governamental* por *o papel que as autoridades não fazem*, tranformando a expressão metafórica e imprecisa por outra mais precisa e mais pontual.

No quarto período, houve o corte do marcador discursivo *você vê;* o de *o menino,* evitando a repetição; o do advérbio *normalmente;* o de *a saúde* e o de *é raríssimo*; a substituição do verbo *existir* por *haver* por ser mais formal; a de *o menino de ruas* por *eles*; a do pronome *você* por *se;* a introdução dos operadores *e* e *nem*; a nominalização do verbo *atender*; a inserção do sintagma *na rede pública* mais genaralizante do que o sintagma *a saúde*; a transformação da oração *você conseguir ser atendido por um hospital público* em *que se nega a atendê-los,* substituindo a idéia de dificuldade de atendimento na rede pública pela idéia da inexistência desse serviço.

No quinto período, ocorrem o corte da denotativa *aliás*; o do adjetivo *não governamentais*; o de *a rigor*; o do sujeito *elas* evitando a repetição e a substituição de *esse buraco, esse fato* por *este vazio.*

No sexto período, há apenas a introdução do operador *e* e a substituição do advérbio *mais* pelo advérbio *lá*.

No sétimo período, há as seguintes alterações: corte do operador argumentativo *porque*; do sujeito *você*, evitando a repetição; do adjetivo *profissional*; substituição de *uma série de pessoas que estão doando dinheiro* por um termo generalizante *doações*.

No oitavo período, ocorrem a substituição do operador *e* pelo *aí*, o que demonstra a preocupação de editor em aproximar a escrita da fala e a da oração *que eu tivesse feito* por *até então feito* impessoalizando e evitando a perífrase; o corte de *daquilo* e o do pronome indefinido *algum*.

No nono período, há o corte de *a cada mudança de mandato*.

A terceira pergunta da versão editada não tem correspondente na oral, foi introduzida em função da reorganização do enunciado, com a inserção de *por outro lado*, para retomar o tópico referente às ambigüidades das entidades não governamentais e não deixar a resposta muito extensa. A resposta para essa pergunta foi estruturada em doze períodos.

No primeiro período, há a introdução da estrutura *por outro lado*; da locução adverbial *de fato* e a dos termos *indústria do menor* e *proliferações dessas entidades*; e a substituição de *ter* por *haver*

O quinto e sexto períodos são desbobramentos da fala da entrevistada com a substituição de *todo menino é de todo mundo* por *só que ele não é de ninguém*, evitando a ambigüidade.

Na versão oral, existe uma pergunta para a retomada do tópico "disputa", na versão editada esta pergunta é eliminada.

No sétimo período há a introdução do SN-sujeito *a disputa* para retomar o tópico da pergunta eliminada; a inserção de *que dá poder* e o corte do marcador discursivo *né* e do marcador discursivo *entendeu*.

No nono período, há o corte de *elas podem*; o de *essas verbas*; o do advérbio *não*; a introdução da oração subordinada comparativa *Tanto pode ser milhares de dólares* e

do advérbio *absolutamente;* a substituição do conectivo *e* por *como* mantendo a comparação.

No décimo período, ocorrem as seguintes alterações: substituição do sintagma preposicionado *em primeiro lugar* por uma subordinada predicativa; introdução do SN *o menino da rua* e o corte do marcador discursivo *né.*

No décimo segundo período não há alterações.

No décimo terceiro, há o corte do operador *então;* o do sintagma *mais diferentes;* o do substantivo *existencialismo*; o de *muito grande* e o do operador *quer dizer*, a substituição de *você tem* por *há* por ser impessoal; a de *sem nenhum tipo de informação* por *completamente despreparadas*; a de *isso* por *lidar com o menor de rua* para uma maior especificação e a do sintagma *sempre oscilando entre* por *que misturam.*

A quarta pergunta da versão editada foi inserida em função da mudança de tópico na continuação da fala da entrevistada. No primeiro período, há a substituição de *o acontecimento de ontem demonstra uma raiva muito grande* por *Houve uma raiva muito grande por parte de quem matou*; o corte de *que ninguém mata da maneira que matou crianças dormindo* que seria a justificativa da entrevistada para a afirmação da demonstração da raiva e a inserção de *seguida pelo paternalismo de um monte de populares e entidades.*

No segundo período, há o corte de *mesmo que*; o do sujeito *eu,* marcado na flexão verbal e o do marcador *entendeu*; a substituição de *os meninos da Candelária* por *eles.*

No terceiro período, há o corte de *isso também é importante a gente enfatizar.*

No quinto período, ocorrem o corte dos sujeitos *eles,* marcado na flexão verbal e o do marcador discursivo *né.*

No sexto período, há o corte do operador *então* e a substituição de *isso daí* por *este comportamento* decorrente de uma maior especificação.

No nono período, ocorrem as seguintes alterações: corte da estrutura *acho que*; das orações *que existe essa coisa que oscila entre o parlamentarismo e o ódio a*

repressão a raiva; do marcador *entendeu* e inserção da oração *é como se fosse um desejo implícito.*

No décimo período, há a introdução do SN-sujeito *o menino da rua* resgatado dos trechos cortados; a introdução de *a sociedade*; o corte do substantivo *caqueirada*, especificando a data em função da fala posterior da entrevistada que foi cortada; e do marcador discursivo *entendeu.*

A quinta pergunta da versão editada tem correspondente na versão oral, porém houve um deslocamento, na versão oral ela aparece mais adiante.

No primeiro período desta pergunta há as seguintes alterações: corte de *como é que é?*; do marcador discursivo *bom*; do sujeito *eu* redundante na flexão verbal; da locução adjetiva *por exemplo*; do advérbio *autonomamente* e o do marcador discursivo *né;* substituição do sujeito *o meu trabalho* pela estrutura *e sim*; do SN *o menino* pelo pronome oblíquo *o* evitando a repetição.

No segundo período, ocorrem a substituição de *é um* pelo pronome *esse*; a de *que ele já conquistou* por *já existe* e o corte do marcador discursivo *entendeu.*

O quarto período apresenta as seguintes alterações: corte do operador *porque*; do advérbio *geralmente*; do sintagma preposicionado *do menino de rua*; substituição da forma verbal *é* por *gerar* e a de *dentro das* por *em,* evitando a redundância semântica.

O quinto período apresenta o corte do sujeito *você.*

O sexto período é retirado de um enunciado oral cortado */fala-se muito " a solução para o menino de rua é o trabalho"/,* há a substituição da estrutura *fala-se muito* por *dizem ainda;* a inversão da posição dos SN, enfatizando *o trabalho* e a substituição de *menino* por *menor.*

No oitavo período, há as seguintes alterações: substituição do enunciado *a solução para o menino de rua é a escola primeiro* pela oração *o que tem de ser garantido e feito primeiramente é o acesso à educação, com direito à profissionalização e à saúde.*

QUANTIFICAÇÃO DOS DADOS DA ENTREVISTA Nº4

Tabela IV

	EDITADA	ORAL
Orações coordenadas	16	33
Orações subordinadas		
A) substantivas	14	34
B) adjetivas	14	40
C) adverbiais	11	17
– causais	1	2
– condicionais	3	5
Advérbios		
a) de tempo	9	29
b) de lugar	8	25
c) de modo	8	19
Intensificadores	5	14
Modais	8	20
Pronomes de 1ª pessoa	3	17
Indeterminação do sujeito		
a) *"a gente, você"*	1	16
b) *se*	0	0
Estrutura *acho que*	0	4
Sujeito redundante na flexão verbal	2	14
Marcadores discursivos	0	21
Operadores argumentativos	8	36

Análise parcial dos resultados:

O exame das características lingüísticas desta entrevista aponta para procedimentos de cortes semelhantes aos das anteriores, como fundos gramaticais, fundos lexicais e fundos discursivos.

A versão oral também apresenta mais índices de características lingüísticas que marcam a contextualização e o envolvimento que a editada, como demonstra a tabela acima.

Como pode ser observado, as orações adjetivas nesta entrevista apresentam um índice muito grande de cortes. Estas orações normalmente fazem parte do fundo nessa modalidade discursiva, principalmente as que codificam avaliações ou argumentos cumulativos que os entrevistados vão dando para ratificar as suas idéias, como: *que são externos à polícia; que são fatores sociais; que eles recebem socialmente desde que nasceram; que oscila entre o paternalismo e o ódio; que virou monstro tão grande; que já tão superlotadas; que não têm profissionais capacitados.*

Há procedimentos recorrentes no sentido de evitarem-se as construções negativas e as construções perifrásticas.

ENTREVISTA V – TEMA: ECONOMIA POPULAR

EDITADA	ORAL
1 – Qual o movimento que a senhora está propondo neste novo plano econômico ?	**1 – Agora vocês começaram a se mobilizar de novo por causa dos aumentos ?**
R: É simples: vamos comprar o mínimo possível, principalmente coisas perecíveis.	**R:** o negócio é o seguinte ... então vamos fazer uma coisa ... vamos comprar o mínimo possível ... principalmente as coisas perecíveis ... tá certo é ... fruta ... verdura ... queijo ... ovos ... frios ... manteiga ... essa coisa toda ...
Isso porque, mal a URV chegou, os preços já dispararam.	X
Quem vive de salário está assustado.	X
Tem produto que já subiu 70 % em URV.	X
Por isso, vamos comprar o mínimo possível, especialmente verduras, frutas, legumes,ovos, queijo, manteiga, produtos que, se não forem vendidos, estragam.	o mínimo ... até feijão ... arroz também ... que dá carucho ...dá bicho também ... né
Também podemos fazer a mesma coisa com arroz e feijão.	X
Comprar o mínimo de tudo.	então vamos comprar ...
X	vai dar um pouquinho mais de trabalho

Por que a feira é mais barata na hora da xepa?	por que na hora da xepa é tudo mais barato?
Porque eles vão ter que jogar fora.	porque eles vão ter que jogar no lixo né?
Então, vamos todos aderir à xepa.	então vamos todo mundo dá uma de xepa
X X	sabe porque ... agora ... antes era meio brega você sair especulando não é ...
Comprar a qualquer preço, hoje, é falta de brasilidade, de cidadania.	eu acho que hoje ... brega **é** você sair por aí comprando a qualquer preço sabe ... isso é falta de brasilidade ... eu acho falta ...
2 – Mas o governo está está dizendo que vai fiscalizar os aumentos de preços.	X
R: Nós não vamos conseguir controlar todos esses preços e eu não acredito na Sunab.	*tudo que se compra aí* nós não vamos conseguir controlar ... e eu não acredito no ... não é que eu não acredito na Sunab não sabe?
X	mas eu acho o seguinte ...
O melhor fiscal do bolso da gente é a gente mesmo.	quem é o melhor fiscal do bolso da gente é a gente mesmo...
Eu vi aqui em Piracicaba a Sunab avisar antes que vinha fiscalizar.	porque aqui em Piracicaba eu vi algumas vezes a Sunab avisar que vinha aqui para fiscalizar... *eu não entendo... quer dizer... você avisa antes que vai fiscalizar ... aconteceu isso ...*
Pode isso ?	X
X	então eu digo ...
Então eu fico preocupada.	fico muito preocupada com esse negócio sabe ...
Eles não conseguem fiscalizar nem o recolhimento de ICM.	*porque* eles não estão fiscalizando nem o ICM ... eles não recolhem ... tá
Se eles recolhessem o ICM direito não pagaríamos tanto imposto.	tivesse fiscalização ... e se recolhecem o ICM que deveriam recolher tá ... tivesse fiscalização de qualquer tanto ... que o Brasil ia tá muito melhor ... a gente não ia ter que pagar tanto Imposto de Renda ...tanta coisa né ...

X	agora...quando é que vai fiscalizar tudo isso aí ... uma vez nós távamos conversando ... aí eu falei ...olha gente o negócio é o seguinte ...
Por isso, a regra é ir à luta, na luta do um por todos, todos por um.	agora é a gente com a gente mesmo ... todos por um ... um por todos outra vez né
E pedir a Deus para que dê certo desta vez.	e pedir a Deus
Não temos outra coisa a fazer.	porque não tem outra coisa a fazer ... então
O que vamos fazer ?	o que que nós vamos fazer?
Jejuar ?	jejuar não dá
Parar de comer ?	porque agora tem que boicotar ... a carne ainda dá pra substituir né ... o feijão não dá
Não dá.	X
X	admirei demais o Gandhi ... mas não tenho ainda essa brasilidade né ... pra ficar sem comer
3 – Esse movimento reúne quantas pessoas?	**9 – Esse contato reuniu mais ou menos quantas pessoas?**
R: Eu não sei porque funciona tudo por telefone.	**R:** *nossa ... não dá pra você dizer pessoas ... porque só agora somos 16 estados ... então eu não sei dizer aqui em Piracicaba quantas pessoas estão já nessa história* ... que eu falei pra você das pessoas ligarem pras cinco ...
X	**e funciona assim ou vocês chegam a ter uma reunião ...**
Nós não fazemos reuniões.	reunião nós não fazemos ... porque não temos tempo
Sei que hoje já temos contatos com pessoas de 16 estados.	X
X	*e olha aquela que não sei ... que andou fazendo luto ... aquela eu gostaria que entrasse no movimento também mas ...*
X	*eu disse pra todo mundo ... a senhora de luto tá sendo brasileira sabe...*
X	*porque nós não temos tempo... nós temos que agir*

Eu não tenho tempo de sair com bandeira pela rua.	não adianta nada ficar saindo com a bandeira na rua
Digo para todo mundo: nós não temos tempo, temos que agir.	olha eu não tenho tempo ...
X	*eu acho que as pessoas donas-de-casas ... que eu tenho ligado*
X	*essas pessoas que têm trabalhado comigo... inclusive a presidente da Associação das domésticas trabalha comigo também nessa questão de difusão do movimento ...*
Não adianta fazer reunião.	nós não temos tempo de fazer reunião tá ... então a gente não ia reunir ... a gente ia falar por telefone ...
Falamos por telefone.	
X	**você fala com 16 estados ... são pessoas que você conhece por telefone?**
	são por telefone ...
A maioria das pessoas eu nunca vi pessoalmente.	conheço algumas pessoalmente ... daquelas reuniões que a gente teve né ...em Brasília e São Paulo ...
Mas, desde a época da carne, nós nunca perdemos contato.	X
X	**vocês têm uma associação ... vocês têm um nome?**
Não temos nome, nem associação, é um movimento cívico, bem popular.	não ... não temos nome ... não temos associação ... não temos nada ... são pessoas assim ... vou dizer assim ... é uma coisa cívica um movimento popular assim espontâneo ... livre
4 – A senhora pretende procurar o ministro Fernando Henrique ?	**– agora a senhora tá pensando em procurar o ministro Fernando Henrique ... também como falou com o ...**
R: Eu quero conversar com ele ou com um assessor para pedir que assumam um trabalho de divulgação dos produtos de safra, de alerta.	**R:** eu quero ver se falo pelo menos com algum assessor dele ... no sentido de uma coisa que eu quero pedir ... mas quero pedir mesmo com muita veemência ... é ... é essa questão que eu disse a você ... que é a divulgação dos produtos de safra

X	*porque* eu vejo muita gente simples e pobre ... sem saber porque mas comprando porque tá acostumado ... o tomate ... mas não tá na safra do tomate entende ... *e o governo tem que explicar isso ... sabe... ninguém vai morrer se não comer tomate porque não tá dando na safra e tá um preço elevadíssimo*
X	*mas como o brasileiro já perdeu o parâmetro do que é caro do que é barato ... entendeu ele perdeu a noção ...*
X	*então eu acho que* o governo tem a Obrigação o-bri-ga-ção de fazer isto ... porque aí ... aí já é um grande passo para que as famílias se alimentem melhor e não haja tanta especulaçao
Há tanta especulação também porque as pessoas não sabem quanto custa cada coisa.	porque essa especulação existe porque ninguém sabe de nada
Acham que tudo está caro.	tudo tá caro ...
X	então ... cê viu na entrevista segunda-feira?
Você pergunta. "Por que está caro ?"	por que tá caro ? ah ... não sei porque tá caro ... porque é inverno
"Porque é verão."	porque agora não é verão ...
X	mesma coisa um aqui
Depois a explicação é de que está caro porque é inverno.	você pergunta aqui por que o tomate tá caro ah ... porque tá começando a esfriar ah ... porque secou ou choveu ... entende
Na verdade, eles estão especulando porque têm respaldo na ignorância popular e cabe ao governo orientar a população.	eles estão especulando porque eles tão é... é ... tendo um respaldo ... a ignorância popular que não teve condições de aprender isso ...
5 – A senhora não costumar fazer compras para o mês ?	**– que que a senhora sugere que a população faça ... que as donas-de-casa façam ?**
R: X	**R:** bem ... o que eu sugiro é isso ... que a gente resolveu em conjunto com esse grupo ...

Nessa situação de especulação, não.	X
Vamos comprar o mínimo, nada de compras para o mês.	vamos comprar o mínimo tá ... nada de compras pro mês ...
Vai dar um pouco de trabalho, mas o negócio é comprar para uma semana, no máximo, deixar mais o dinheiro na poupança.	vai dar um pouco de trabalho ... mas a gente tá tem que defender um pouquinho ... vão ... põe na caderneta popança ... põe em qualquer lugar aí o dinheiro e compra o mínimo ... se for possível é lógico ... que comprar pro dia a dia é meio difícil ... mas compra pra semana ...
E comprar pelo preço e não pela marca.	e compra pelo preço e não pela marca ... pelo amor de Deus
Eu não tenho nada contra marketing, contra propaganda.	eu não tenho nada contra marketing ...eu não tenho nada contra propaganda
Mas, para mim, estamos em um país muito pobre e as diferenças pe quenas que existem de um produto para outro não compensam.	mas pra mim ...eu acho que nós tamos num país muito pobre ... então essas diferenças pequenas que existem entre um produto e outro não compensam ...
X	a gente fica sustentando o produto pela marca ... porque atrás de nós tem uma leva de gente que não tá comendo ...
Eu já experimentei todas marcas de margarina e não vejo nenhuma diferença.	que diferença existe entre Doriana ... Becel ... margarina ... não sei que lá ... Primor ... eu não sei ... eu já experimentei todas ... não noto nada sabe ...
Sabão em pó é tudo mentira que um lava mais branco e outro perfuma mais.	sabão em pó ... tudo mentira que uma lava mais branco que o outro ... lavou lavou não é ... acabou ... vamos na marca mais barata
Tudo mentira.	X

A primeira pergunta dessa entrevista tem a sua resposta estruturada em onze períodos. No primeiro, há a substituição da enunciada *o negócio é o seguinte* por *é simples*; o corte de *então vamos fazer uma coisa* e o do marcador discursivo *tá certo.*

No quinto parágrafo, há o deslocamento de enunciados anteriores da fala da entrevistada com as seguintes alterações: inserção do operador *por isso* e do advérbio

especialmente; corte de *até*; do marcador discursivo *né* e substituição de *que dá carucho, dá bicho* por *produtos que se não forem vendidos estragam.*

No sétimo período, tem-se a substituição do enunciado *então vamos comprar* por *comprar o mínimo de tudo.*

No oitavo período, há a introdução do SN-sujeito *a feira.*

No nono período, ocorrem a substituição do sintagma adverbial *no lixo* por *fora* e o corte do marcador discursivo *né.*

No décimo período, há a substituição de *todo mundo* por *todos* e a do sintagma *dá uma de* por *aderir à* por ser mais formal.

Ocorrem as seguintes alterações no décimo primeiro período: corte da estrutura *acho que*; de *brega*; do marcador discursivo *sabe;* do sintagma *isso é;* do pronome *você* usado genericamente e de *sair por aí*; e introdução *de cidadania.*

A segunda pergunta editada não tem correspondente na oral, foi introduzida em função da mudança de tópico na continuação da resposta da entrevistada. No primeiro período, há as seguintes alterações: ordenação do enunciado na ordem direta; substituição do sintagma *tudo que se compra por aí* por *todos esses preços*; corte de *não é que eu não acredito não* e do marcador discursivo *sabe.*

No segundo período, há apenas os cortes do pronome *quem* e da forma verbal *é.*

No terceiro período, ocorrem o corte do operador argumentativo *porque;* do advérbio *algumas vezes* ; do advérbio *aqui* usado repetidamente; e a introdução do advérbio *antes.*

O quarto período é a transformação do enunciado oral em uma pergunta, substituindo o verbo *acontecer* por *poder.*

No quinto período, há a introdução do operador *então* e a do sujeito já marcado na flexão verbal; o corte do intensificador *muito*; o do sintagma preposicional *com esse negócio* e o do marcador discursivo *sabe.*

No sexto período, houve o corte do operador argumentativo *porque*; a substituição do sintagma *não estão fiscalizando* por *não conseguem fiscalizar* introduzindo um modal e a introdução do SN *recolhimento* resultante da nominalização do verbo da versão oral.

No sétimo período, há a substituição da oração *tivesse fiscalização* pelo advérbio *direito*; a do sujeito *a gente* por *nós* marcado na flexão verbal; a de *ia ter que pagar* por *pagaríamos* e o corte do marcador argumentativo *né*.

No oitavo período, ocorrem a introdução do operador *por isso*; a substituição da oração *agora é a gente com a gente mesmo* pela oração *a regra é ir a luta*; inversão na ordem de *um por todos, todos por um*; corte da locução adverbial *outra vez* e do marcador discursivo *né*.

No nono período, há a introdução da oração adverbial *para que dê certo* e a do sintagma preposicional *desta vez* com valor adverbial.

No décimo período, há o corte do operador *porque* e o do operador argumentativo *então*; a substituição do sujeito *a gente* por *nós* marcado na flexão verbal.

No décimo primeiro, há apenas os cortes do *que* expletivo e do sujeito marcado também na flexão verbal.

O décimo segundo e décimo terceiro períodos são a transformação dos enunciados afirmativos na versão oral em perguntas.

A terceira pergunta tem a sua resposta estruturada face à junção de enunciados orais. No primeiro período, há a substituição do enunciado cortado pela oração *eu não sei*; a da oração *eu falei pra você ... cinco* por *funciona tudo por telefone*.

No segundo período, há a colocação do enunciado na ordem direta desfazendo a topicalização do objeto direto presente na versão oral.

O terceiro período é deslocado do início da resposta oral "*só agora somos 16 estados*".

O quarto período é a junção dos enunciados orais "*porque nós não temos tempo nós temos que agir ... não adianta nada ficar saindo com a bandeira na rua*" com a transformação do sujeito *nós* em *eu*.

O quinto período é a retomada dos enunciados anteriores.

No sexto e sétimo períodos, há o corte de *nós;* do marcador discursivo *tá;* do operador *então* e de *a gente não ia reunir;* substituição de *não temos tempo de* por *não adianta* e de *a gente ia falar por telefone* por *Falamos por telefone.*

No oitavo período, há a substitução de *conheço algumas pessoas* por *eu nunca vi a maioria das pessoas* com a topicalização do objeto direto *a maioria da pessoas.*

No décimo período, ocorrem as seguintes alterações: eliminação da repetição do advérbio de negação; corte de *vou dizer assim*; do marcador discursivo *assim* e dos adjetivos *espontânea* e *livre*; substituição de *não temos* por *nem,* na segunda ocorrência, evitando a repetição; do vocábulo *coisa* por *movimento* para maior especificidade; e introdução do intensificador *bem.*

A quarta pergunta tem a sua resposta estruturada em sete períodos. No primeiro, ocorrem as seguintes alterações: substituição da estrutura *ver se falo* por *conversar;* do pronome *algum* por *um;* da estrutura *no sentido de uma coisa que eu quero pedir* por *para pedir*, evitando a perífrase; corte da locução denotativa *pelo menos;* de *dele;* das orações *é essa a questão que eu disse a você*; inserção de *com ele;* da oração objetiva direta *que assumam um trabalho de* unindo o enunciado ao sintagma *divulgação dos produtos de safra* e do sintagma preposicional *de alerta.*

No segundo período, ocorrem a introdução da denotativa *também*; a substituição do pronome *ninguém* por *pessoas* e consequentemente introdução do advérbio de negação *não* e a substituição de *de nada* pela oração *quanto custa cada coisa.*

No terceiro período, há a introdução da estrutura *acham que.*

No quarto período, há a introdução da oração *você pergunta.*

Os três períodos seguintes são deslocamentos da fala da entrevistada.

No último período, ocorrem as seguintes alterações: corte do sujeito *eles* evitando redundância; substituição da locução verbal *tão tendo* por *têm* e introdução da preposição *em.*

A quinta pergunta se estrutura em nove períodos.

No segundo período, há apenas o corte do marcador discursivo *tá*.

No terceiro período, ocorrem a introdução da oração *o negócio é comprar;* a do numeral *uma* e de *no máximo.*

No quarto período, há a substituição da forma verbal *compra* por *comprar* e a eliminação da locução interjeitiva *pelo amor de Deus.*

No quinto período, há apenas o corte de *" eu não tenho nada"*, que foi repetido na versão oral.

No sexto período, há o corte da estrutura *eu acho que;* do sujeito *nós* redundante na flexão verbal; a substituição do operador *então* pelo *e;* a de *essas* por *as* e a das preposições *entre um e outro* por *de um para outro.*

No sétimo período, ocorrem as seguintes alterações: corte da oração *eu não sei;* inserção de *marcas de margarina* resgatando o exemplo usado na versão oral; introdução do conectivo *e;* substituição da oração *eu não noto* por *não vejo nenhuma diferença;* corte do marcador discursivo *sabe.*

No oitavo período, há a introdução da forma verbal *é* e o corte de *que o outro.*

QUANTIFICAÇÃO DOS DADOS DA ENTREVISTA V

Tabela V

	EDITADA	ORAL
Orações coordenadas	18	39
Orações subordinadas		
A) substantivas	18	26
B) adjetivas	4	16
C) adverbiais	6	17
– causais	3	8
– condicionais	2	4
Advérbios		
a) de tempo	13	24
b) de lugar	8	22
c) de modo	6	6
Intensificadores	10	15
Modais	10	14
Estrutura *acho que*	1	4
Pronomes de 1ª pessoa	11	42
Indeterminação do sujeito		
a) *"a gente,você"*	0	14
b) *se*	0	1
Sujeito redundante na flexão verbal	11	33
Marcador discursivo	0	28
Operadores argumentativos	6	22

Análise parcial dos resultados:

Como demonstra a tabela acima, as características lingüísticas mais cortadas no processo de edição são basicamente as mesmas das outras entrevistas: as que marcam maior contextualização, como os advérbios de tempo e lugar e as que marcam envolvimento como os pronomes de 1ª pessoa e os marcadores discursivos.

As substituições lexicais também se mostram regulares no sentido de uma maior formalidade e precisão.

2.3 - Quantificação total dos dados e análise global dos resultados

Tabela VI

	EDITADA	ORAL
Orações coordenadas	70	146
Orações subordinadas	68	128
A) substantivas		
a) subjetivas	9	13
c) objetivas diretas	29	78
B) adjetivas	62	136
C) adverbiais		
a) causais	10	20
e) condicionais	12	25
Advérbios		
a) de tempo	66	138
b) de lugar	40	85
c) de modo	35	64
Intensificadores	27	51
Modais	43	81
Estrutura *acho que*	5	29
Pronomes de 1ª pessoa	20	85
Indeterminação do sujeito		
a) *"a gente, você"*	1	60
b) *se*	12	5
Sujeito redundante na flexão verbal	17	72
Marcador discursivo	0	76
Operadores argumentativos	23	107

Análise global dos resultados:

A análise dá ênfase maior aos cortes, pois estes influenciam mais diretamente na reorganização discursiva das entrevistas aqui estudadas. Os acréscimos e substituições são, em grande parte, decorrentes da mudança da modalidade oral para a escrita.

A partir dos resultados dos dados, algumas conclusões podem ser apresentadas:

1 – Em relação às dimensões estabelecidas por Biber (1988).

1ª dimensão – discurso com foco no envolvimento, sem possibilidade de edição X discurso com foco na informação, com possibilidade de edição.

Os pólos dessa dimensão são: de um lado, um discurso com propósito interacional, cujo foco seja o envolvimento interpessoal, associado às restrições impostas pela simultaneidade entre produção e execução; e de outro lado, um discurso com propósito informacional, associado à possibilidade de edição. Engloba, portanto, as duas dimensões de Chafe – integração/fragmentação e envolvimento/afastamento

Segundo Biber, uma situação comunicativa centrada na informação, em que haja possibilidade de edição, apresenta um discurso com cuidadosa integração dessas informações e uma precisa escolha lexical. Nesses tipos de discursos, algumas características lingüísticas coocorrerão tais como: uma grande variedade vocabular; nominalizações; sintagmas preposicionais; adjetivos atributivos, que servem para elaborar mais as informações nominais que os adjetivos predicativos e as orações relativas.

As outras características lingüísticas agrupadas nessa primeira dimensão têm uma interpretação mais complexa, pois podem ser associadas tanto a um discurso cujo foco seja a interação e o envolvimento interpessoal, como a uma produção que seja restrita pela coação derivada da simultaneidade entre elaboração e execução.

Características como verbos de cognição – usados para expressar atitudes privadas, pensamentos e emoções; pronomes de 1ª e 2ª pessoas – que respectivamente indicam o ego-envolvimento do falante com seu texto e o envolvimento com o interlocutor; intensificadores – que marcam envolvimento do falante com o tópico; algumas orações relativas – utilizadas pelo falante para tecer comentários atitudinais, são normalmente usadas em discursos envolvidos e marcados por forte interação.

Já as outras marcas lingüísticas que têm presença representativa nessa dimensão assinalam uma apresentação incerta da informação e, geralmente, uma produção fragmentada do texto, determinadas pelo uso de características como: pronomes demonstrativos, pronomes indefinidos, marcadores discursivos, modais de possibilidade e três tipos de orações subordinadas: substantivas (subjetivas e objetivas diretas); adverbiais (causais e condicionais) e adjetivas.

De acordo com Biber, a coocorrência destas características com as próprias de um discurso envolvido, numa situação de forte carga informacional, é surpreendente. Esse fato foi constatado por mim, após a análise das características lingüísticas das entrevistas (cf. TabelaVI).

As entrevistas analisadas são falas letradas, por conta do próprio nível sócio-cultural dos entrevistados; têm sempre um objetivo definido, já que quando o entrevistado é convocado para realizá-las, significa que é considerado uma pessoa abalizada para discutir e informar sobre assunto de sua especialidade, que esteja em evidência naquele momento. Conseqüentemente, há um comprometimento com o público e um relativo planejamento que as diferencia da conversação comum, centrada no envolvimento pessoal e na interação.

As entrevistas apresentam características lingüísticas de envolvimento pessoal, tais como: verbos de cognição, marcadores discursivos, pronomes de 1ª e 2ª pessoas, intensificadores e repetições, juntamente com as características de subordinação, destacadas por Biber.

Esta constatação vai de encontro às expectativas de muitos lingüistas que postulam ser a subordinação uma característica de grande elaboração, devendo, portanto, ser típica da modalidade escrita.

Biber, no entanto, encontra características de subordinação em todas as seis dimensões por ele estudadas, demonstrando uma inadequação teórica no que tange à unificação da funcionalidade discursiva da subordinação.

Entendo, repaldada por Halliday (1979) e Biber (1986, 1988), que as subordinações encontradas nas entrevistas marcam a elaboração informacional num discurso relativamente planejado, que determina uma complexidade estrutural diferente da complexidade estrutural da escrita, mas nem por isso pode ser interpretada como não complexa. Essa complexidade é caracterizada por movimentos descontínuos e por uma estrutura de sentenças complexas com baixa densidade lexical (mais cláusulas, porém, contendo poucas palavras com forte conteúdo informacional). Elas marcam uma elaboração informacional num discurso planejado e executado simultaneamente, que resulta numa apresentação fragmentada da informação, acompanhada por muitas cláusulas adicionadas dependentemente. Diferente da integração da escrita, onde as informações são integradas em poucas construções, mas contendo muito conteúdo informacional por cláusula.

As subordinações dessa dimensão também podem ser vistas como tendo uma função primária afetiva. A maior função das sentenças relativas é expressar comentários atitudinais (Winter, 82), servem para adicionar mais detalhes na defesa das declarações, de tal maneira que cada pedaço da informação é alinhavado em cláusulas dependentes. Isso pode explicar o alto índice de cortes das orações adjetivas do *corpus*, visto que, face à concisão, muitas delas que são argumentos adicionais passam a ser consideradas fundo. As subordinadas causais e condicionais podem ser consideradas como marcadoras de sentimento, ou seja, como justificativas para ações ou crenças ou condições para ações e crenças, que, associadas a uma estrutura textual não muito integrada da informação, marcam a extensão da função afetiva.

As duas partes dessa dimensão têm comportamentos diferenciados em relação às duas versões. Em termos de foco, verifiquei que as duas dimensões não se distiguem – ambas têm foco na informação a ser conduzida. Em contrapartida, a versão oral é muito mais envolvida devido ao comprometimento do entrevistado e às restrições da elaboração *on-line*.

3ª dimensão – discurso explícito e elaborado, com referência endofórica X discurso situacionalmente dependente, com referência exofórica.

No geral, a entrevista oral é um discurso situacionalmente dependente, com referência exofórica, já que nelas há uma quantidade representativa de advérbios de lugar e tempo (cf. Tabela VI), que marcam referência à situação física e temporal do discurso. A referencialidade, na versão oral, se estabelece, muitas vezes, através de repetições. Essa dependência contextual é apenas minimizada na edição, visto que a entrevista, enquanto técnica de obtenção de informações, é fortemente contextualizada. A versão editada embora apresente mais recursos coesivos próprios da escrita, como a pronominalização e a substituição lexical, não se caracteriza como um discurso explícito e elaborado, apenas com referência endofórica.

4ª dimensão – discurso persuasivo X discurso não persuasivo

Esta dimensão marca o grau de persuasão encontrado nos textos através das marcas lingüísticas.

A entrevista é um discurso persuasivo, porém, na versão oral, marcas como, modais preditivos, de possibilidade, de necessidade e orações adverbiais condicionais, que conduzem a raciocínios dedutivos ratificantes dos pontos de vista defendidos, são mais freqüentes (Cf. Tabela VI).

Nas entrevistas orais, há um esquema argumentativo mais evidente, as proposições são lançadas e a sustentação delas é feita através de fatos, provas e exemplos e as proposições são reforçadas por conclusões. A edição enfraquece esse esquema, não só através do corte de alguns operadores argumentativos, mas também pela transformação de muitas conclusões em novas perguntas e pelos cortes de alguns argumentos reiterativos.

6ª dimensão – elaboração informacional *on-line*.

Esta dimensão engloba os discursos com foco na informação que são planejados e realizados simultaneamente. É uma extensão da 1ª dimensão, já que, a partir de sua análise, Biber identificou a coocorrência de características próprias de discursos envolvidos com outras próprias de discursos, cujo foco era a informação a ser conduzida.

As entrevistas orais se enquadram perfeitamente nesta dimensão, pois a forte ocorrência de estruturas sintáticas como, subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais, coocorrendo com marcas típicas de discurso envolvido, ratificam a elaboração informacional num tipo de discurso relativamente planejado (cf. Tabela VI).

A subordinação tem sido a característica lingüística mais discutida na comparação entre fala e escrita. Ela é tomada geralmente por ser um índice de complexidade estrutural e por isso associada mais comumente com a escrita do que com a fala. Alguns pesquisadores, entretanto, têm encontrado alto uso de subordinação na fala (cf. Poole and Field (1976), Halliday (1979) e Biber (1986,1988)).

Halliday (1979) afirma que a fala pode apresentar mais subordinação que a escrita, porque a fala e a escrita têm diferentes tipos de complexidade. A linguagem falada é criada e percebida como um processo contínuo, caracterizada por um "zigue-zague" de movimentos e por uma estruturação complexa formada por sentenças com baixa densidade lexical (mais cláusulas, porém pouco conteúdo informacional por cláusulas), já a escrita, onde há a possibilidade de edição, é caracterizada por ter menos cláusulas, porém muito conteúdo informacional por cláusulas.

Thompson (1983,1984,1985, Thomposon and Longacre 85) tem estudado a função discursiva da subordinação. Ela distingue cláusulas dependentes (complementizadoras e relativas) e outros tipos de subordinação (cláusulas adverbiais) que funcionam para estruturar a informação discursiva de diferentes maneiras. No seu estudo, ela postula que a subordinação não deve ser concebida como um mecanismo unificado, na medida

em que diferentes tipos de dependência estrutural têm funções discursivas distintas. Características particulares de subordinação são, por conta disso, usadas com extensão diferenciada em diversos tipos de discurso. Essa visão de Thompson ratifica Biber (1986,1988), que encontrou diversas formas de subordinação distribuídas diferentemente.

A ocorrência das características de subordinação que encontrei nas entrevistas também ratifica a visão de que estas podem ter diferentes funções, inclusive marcarem uma fala semi-planejada com objetivo informacional.

A partir do estudo dessas dimensões, posso caracterizar as entrevistas jornalísticas como um discurso informacional derivado de estratégias de envolvimento, situacionalmente dependente e persuasivo.

Corroborando Tannen e Biber, não se pode fazer a distinção entre fala e escrita levando em conta apenas a questão da modalidade, pois existem variações entre esses dois pólos discursivos e essas modalidades não são homogêneas. A entrevista oral é um gênero falado com um peso relativo de características da oralidade e a entrevista editada é um gênero escrito com um peso relativo de características da modalidade escrita. As entrevistas editadas podem ser caracterizadas como um meio do caminho entre a fala e a escrita, e portanto, um gênero híbrido.

Os resultados da análise comprovam a hipótese inicial que são os fatores discursivo-pragmáticos, mais do que a interferência da modalidade escrita, os determinantes da estruturação das entrevistas, na medida em que essa estruturação é decorrente das adaptações impostas pela limitação espacial do veículo (escassez de espaço físico), pelo objetivo de se adequar o discurso ao leitor habitual e pela preocupação em afastar a entrevista editada, o mínimo possível, da fala do entrevistado. Pode-se verificar, então, a estreita relação entre condicionantes discursivo-pragmáticos e as estratégias lingüísticas.

2 – Em relação aos cortes mais regulares no processo de edição:

Alguns critérios recorrentes de cortes foram observados, como:

a) cortes de **Fundo Gramatical,** onde englobei aqueles que pudessem ser recuperáveis na morfossintaxe:

– sujeitos recuperáveis na flexão verbal

Ex: Editada	Oral
Não vamos resolver todos os problemas com ela.	...**nós** não vamos resolver todos os problemas com ela.

– pronomes redundantes

Ex: Editada	Oral
... que nós jamais tivemos na história da república.	... que nós jamais tivemos na história de **nossa** república

Esse tipo de aceleração tem origem especulativa e é revertida pelos próprios setores ...	esse tipo de aceleração **ela** tem origem essencialmente especulativa e **ela** é revertida pelos próprios setores ...

b) cortes de **Fundo lexical**, onde englobei o corte de itens lexicais repetidos, falsos começos e hesitações e o corte de alguns advérbios e adjetivos e modais:

Ex: Editada	Oral
Senão se olhar para o problema monetário, e junto para o fiscal, que são os responsáveis	se você não olhar para o **problema monetário** ... junto com o **problema monetário o problema** fiscal que é ...

Houve uma aceleração da inflação logo na semana anterior ao plano. Esse tipo de aceleração tem origem especulativa.	... houve uma ... uma aceleração da inflação numa **determinada** semana logo anterior ao plano é ... esses tipo de aceleração ela tem origem **essencialmente** especulativa ...

Ex: Editada	Oral
É uma forma de articulação do governo federal, estados e municípios que corresponde às necessidades do país como uim todo, levando em conta suas enormes diferenças.	o pacto federativo é uma forma de articulação do governo federal ... dos estados e municípios que corresponde ... às necessidades da ... do país como um todo ... levando em conta a sua enorme **heterogeneidade e suas grandes** diferenças.

c) **cortes de Fundo discursivo**, que são, primeiramente, aqueles recuperáveis pelo esquema discursivo como:

– modais espistêmicos

Ex: Editada	Oral
... estes deviam ser resolvidos logo.	**eu acho que** esses deviam ser resolvidos logo

– operadores argumentativos de relação explicativa.

Ex: Editada	Oral
Quanto mais se limpa a agenda de problemas, mais a confiança do país em si mesmo aumenta.	**porque** quanto mais a gente limpa a agenda de problemas ... mais a confiança do país em si mesmo aumenta

– Marcadores discursivos

Ex: Editada	Oral
Significa que nós, cidadãos vestidos e "morados" estamos seqüestrados pela violência.	... que nós cidadãos vestidos e morados estamos seqüestrados **entendeu** ... pela violência ... quer dizer ...

Os demais cortes de **fundo discursivo,** que não são passíveis de recuperação, por serem estabelecidos face a critérios de relevância, serão analisados no Capítulo III.

3 -Em relação às substituições mais recorrentes posso apontar as seguintes:

a) transformação da indeterminação com *você* e *a gente*, mais freqüentes em discursos persuasivos, pela indeterminação canônica *se* e *nós*, mais freqüentes na linguagem escrita formal (cf.Almeida, 1992).

b) preocupação com a formalidade quando da substituição de algumas expressões informais:

Ex: Editada	Oral
... **terá** que **alterar** o preço todo dia.	... ele **vai ter** que **trocar** todo dia ...
Há pessoas completamente **despreparadas** para **lidar com o menino de rua** ...	... então você **tem** as pessoas mais diferentes ... **sem nenhum tipo de formação** para **isso**

Ex: Editada	Oral
Então, vamos todos **aderir** à xepa.	...então vamos todo mundo **dá uma de** xepa

c) uso de recursos coesivos que evitam a repetição, como a pronominalização:

Ex: Editada	Oral
Consiste em atuar no **subterrâneo da economia**. **Esse subterrâneo** é o mundo ...	que consiste em atuar diamos assim no **subterrâneo da economia ... o subterrâneo da economia** é o mundo ...
Ela só vê a **superfície**, **que** são os produtos na gôndola dos supermercados.	ela só vê **a superfície ... a superfície** são os produtos na gôndola dos supermecados

d) evitam-se construções negativas:

Forçosamente **é** um governo em final de mandato.	*então* forçosamente *é impossível dizer que o governo Itamar* ***não*** **é** um governo em final de mandato

Por um lado, se não fossem as entidades não governamentais, os meninos de rua não teriam absolutamente **qualquer oportunidade na vida.**	*eu acho que* se não fossem as entidades não governamentais os meninos de rua não teriam absolutamente **nenhuma oportunidade *de nada...***

e) evitam-se construções perifrásticas:

Aí, de repente muda o prefeito e começa tudo da estaca zero, como se nada até **então feito tivesse valor.**	e de repente muda o prefeito... e começa tudo da estaca zero ... como se nada daquilo **que eu tivesse feito tivesse valor.**

O editor, ao proceder à redução do texto oral, lida com mecanismos diferenciados: apagamentos propriamente ditos (cf. Cap. III); apagamentos passíveis de recuperação e apagamentos próprios da mudança de modalidade oral para a escrita, como as "limpezas" de marcadores discursivos e de hesitações e o uso de alguns mecanismos de coesão que ajudam na condensação.

Percebo uma tensão entre características da fala e da escrita. O texto editado sofre as pressões da modalidade escrita e, ao mesmo tempo, tenta reproduzir estruturas da modalidade falada. Essa tensão ratifica a classificação da modalidade entrevista jornalística como um gênero híbrido.

3 - A ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA DAS ENTREVISTAS

3.1– Considerações iniciais

Este capítulo trata da transposição da versão oral para a versão escrita ao nível organizacional.

Na entrevista oral, o jornalista lida com uma situação face a face – está frente a frente com o entrevistado – e o objetivo principal é colher o maior número de informações possíveis, numa situação relativamente formal, na qual o entrevistador deixa a conversação fluir dentro de certos limites, procurando direcioná-la de forma a conseguir as informações que mais interessam.

Já na entrevista editada, o editor seleciona e organiza num plano textual as informações mais relevantes dentre as obtidas na oral, tendo em vista os padrões impostos pelo jornal e também de acordo com o leitor habitual.

O editor, ao fazer o seu trabalho, está lidando com a organização de um novo texto. Como ele procede? A produção do texto editado envolve o processamento da entrevista oral e estratégias de compreensão das informações orais. Como essas informações orais são transformadas dentro de estruturas e conteúdos num novo texto que será o texto editado?

A minha hipótese é de que o editor trabalha principalmente com duas propriedade funcionais que, entre outras, ajudam a organizar um discurso: topicidade e plano. Estas propriedades são operacionalizáveis através das categorias tópico e figura/fundo.

3.2 – Categoria analítica figura e fundo nas entrevistas

As entrevistas analisadas são relatos de opiniões. Essas opiniões são logicamente sustentadas por fatos e argumentos, e, portanto, formadas predominantemente pelo discurso argumentativo. A argumentação é aqui entendida no sentido de Perelmann e

Olbrechts-Tyteca (1970) como conjunto de técnicas discursivas capazes de provocar a adesão dos leitores/ouvintes às teses apresentadas.

Foi necessário que se adequassem à modalidade entrevista jornalística as categorias de análise figura/fundo (Hopper & Thompson, 1980), já que estas estão estreitamente associadas a uma função discursivo-comunicativa de marcar os fatos seqüenciais ou centrais de um evento. Na narrativa, a figura é a categoria associada à seqüencialidade e à perfectividade da ação, e o fundo é o elemento integrador de ações/estados cotemporais num centro de interesse.Há uma seqüencialidade de ações que se desenvolvem apoiadas em um fundo não seqüencial ou em comentários avaliativos.

Já nas entrevista jornalísticas, a seqüencialidade discursiva é caracterizada pela dinâmica de opiniões e argumentos que as sustentem, o que permite que se associe a categoria figura às opiniões básicas que estão sendo defendidas, e a categoria fundo passa a ser o elemento integrador destas aos argumentos que as sustentam.

Na narrativa, a continuidade discursiva é geralmente garantida pela própria ação, pelos relatos de eventos vividos, predominando a seqüencialidade cronológica. Nas entrevistas há o predomínio da seqüencialidade lógica, pois o que garante a continuidade discursiva nelas é a ação discursiva propriamente dita, que se realiza através das relações argumentativas construídas pelo entrevistado. A progressão das respostas do entrevistado por meio dos tópicos ativados nas perguntas se dá face às articulações argumentativas, como as apresentações de explicações, de justificativas e de razões, que estabelecem a integração destas com as idéias defendidas.

Estas articulações argumentativas orientam a seqüência do discurso das entrevistas, determinam o encadeamento com os outros enunciados capazes de continuá-lo, direcionando-os a uma determinada conclusão.

O entrevistado ao expor as suas idéias inscreve na sua fala marcas lingüísticas que são responsáveis por essas articulações – os operadores argumentativos.

Na narrativa, os planos figura/fundo são caracterizados por ser a figura o plano onde os eventos pertencem ao esquema estrutural da narrativa, através de orações que representam iconicamente a seqüência de ações. Fundo é o plano em que os eventos coocorrentes com os do primeiro plano são codificados em orações descritivas, explicativas ou avaliativas, que funcionam como apoio adicional à seqüência de ações do esqueleto narrativo. Dessa forma, como o discurso narrativo está centrado em acontecimentos passados em relação ao momento da enunciação, a categoria lingüística *tempo* tende a realizar-se nas formas verbais de pretérito. As ações perfectivas encadeiam a seqüência narrativa e são figura, já as ações imperfectivas marcam o fundo.

Nas entrevistas, a categoria lingüística *tempo* não se mostrou produtiva para estabelecer a distinção entre figura/fundo. Na maioria das vezes, verbos ancorados no discurso e o tempo presente são indiscriminadamente usados tanto nas cláusulas figura como nas de fundo, ou seja, tanto na defesa das idéias quanto na sustentação destas. Os verbos perfectivos aparecem, algumas vezes, nas cláusulas fundo quando o argumento é apresentado sob a forma de um fato passado.

Figura é o plano onde as idéias básicas são defendidas e o fundo é o elemento integrador dessas idéias aos argumentos que as sustentam. Como critério definidor da divisão dos dois planos, considera-se a presença dos operadores argumentativos, estruturando os tipos de relações argumentativas que suportam as opiniões defendidas nas orações de figura.

Estabeleci para a análise das entrevistas jornalísticas o seguinte critério na divisão dos dois planos:

Figura – são as cláusulas que codificam as idéias básicas defendidas pelo entrevistado, a partir do tópico da pergunta e que referenciam iconicamente as exigências propostas por estas.

Fundo – são as cláusulas que servem de apoio às idéias defendidas em Figura.

Existe um *continuum* no que diz respeito às relações discursivas estabelecidas pelas articulações argumentativas na fala dos entrevistados, que poderia propiciar o estabelecimento de cortes efetuados pelo editor. Senti, então, a necessidade de especificar os diferentes tipos de fundo encontrados e suas funções para tentar detectar se, face às especificidades do veículo, essa gradação poderia apontar uma tendência facilitadora de cortes.

Vejamos a classificação a seguir.

Fundo de justificativa – são cláusulas que servem de suporte imediato à idéia defendida em Figura, introduzindo uma justificativa para esta. São marcadas formalmente por operadores argumentativos, como: *porque, por isso, no sentido que,* etc.

Ex: "*porque é* ... as pessoas precisam sentir que o país avança ... que há progressos ... que há problemas que estão na pauta já há bastante tempo *que* vão sendo resolvidos..."

Fundo de exemplificação ou testemunho – são cláusulas que servem de suporte intermediário à idéia defendida em figura, podem emergir ou não, pois constituem-se de dados armazenados pelo entrevistado para reforçar a defesa das idéias. São marcadas formalmente ou por ilustrações inseridas na argumentação através da locução "por exemplo" ou por inserção de julgamentos de outras pessoas como prova em favor da idéia defendida.

Ex:

a) "você pensa por exemplo o sujeito tinha um jornal com um fusca com preço em URV se tem um sujeito que tem um fusca é muito mais fácil pra ele colocar em URV ou colocar em cruzeiro todos os dias como a lei faculta"

b)"como aliás foi dito na época pelo presidente Sarney pelo ministro Maílson da Nóbrega e foi repetido sucessivamente dali por diante"

Fundo de reiteração – são cláusulas que introduzem um esclarecimento sobre o que foi dito antes, visando a esclarecer, a retificar ou a desenvolver melhor uma idéia já apresentada. São marcadas formalmente por operadores argumentativos, como: *quer dizer, ou seja, ou melhor,* etc.

Ex: "*ou seja ... tá certo ... a gente pode até não ter conseguido chegar no máximo dentro da ( ) social a ponto de ter a roda perfeita mas parte da roda perfeita ... mas parte da roda já estava inventada a gente já tinha quebrado a cabeça ... já tinha aprendido como trabalhar com os meninos né ...então tudo isso é desperdiçado quer dizer ...*"

Fundo de redundância – são cláusulas onde o entrevistado repete a enunciação anterior quase que literalmente.

Ex: "mas eles eram simplesmente agressivos de acordo com o que eles recebiam de resposta social né *a agressividade deles era exatamente proporcional a agressividade que eles recebem socialmente desde que nasceram*"

Fundo de digressão – são as cláusulas que mais se distanciam das idéias básicas defendidas em Figura e, por sua vez, também do tópico da pergunta.

Ex: *"isso já vem sendo denunciado isso já vem sendo denunciado... em 90 nós fizemos um seminário chamado Rio cidade seqüestrada... o JB deu até em primeira página... esse seminário era justamente para dizer isso..."*

"foi um seminário que para mim foi muito rico... colocando empresários e intelectuais na mesma mesa...então eram debates ... que eram pessoas opostas ... opostas não mas

com linhas de caminhos diferentes e colocamos nas mesas para discutir essa questão..."

Foram identificados mais dois tipos de fundo: **de contextualização,** onde as cláusulas contextualizam física e temporalmente a fala do entrevistado e **de modalização**, que são as cláusulas onde o entrevistado indica através de elementos lingüísticos a sua atitude frente ao enunciado que produz.

Ex: *"que tá acontecendo agora..."* ; *"hoje você pode até dizer que eles..."* ; *"digamos assim..."*; *"o que eu digo é o seguinte... é óbvio ... a explicação natural* quando você tem uma inflação dessa ordem ... o problema é da moeda ...".

3.3 – Categoria analítica tópico discursivo nas entrevistas

Diferentes tipos de textos exibem uma organização discursiva que os caracteriza. Aqui, interesso-me pela organização discursiva das entrevistas. Espero que esse conhecimento seja um instrumento facilitador para o processo de edição.

A organização discursiva das entrevistas apresenta os seguintes segmentos:

– Um macrotópico. As entrevistas analisadas giram em torno de grandes macrotópicos – *A chacina da Candelária; O novo plano econômico; A revisão constitucional; A situação política e socio-econômica do Brasil* e *Economia doméstica num país inflacionário.*

– Perguntas que acionam tópicos dentro deste macrotópico e que o segmentam nas partes que o constituem, expandindo discursivamente os temas propostos;

– Respostas que, a partir do tópico da pergunta, se direcionarão para justificativas, condições, exemplificações, causas, conseqüências. Nem sempre aparecem todos esses segmentos, não há um esquema rígido. O que se mantém é que, em função do tópico ativado na pergunta, as respostas serão ativadas em termos de uma ordenação lógica de pensamento.

Portanto, as perguntas funcionam como uma unidade desencadeadora de um esquema argumentativo não rígido, recoberto por um tópico semântico-discursivo, e as respostas são segmentos desse tópico.

MACROTÓPICO
PERGUNTAS/TÓPICOS
RESPOSTAS/ SEGMENTOS DO TÓPICO

A codificação lingüística do texto editado será o mapeamento desse esquema, sendo as propriedades funcionalistas Topicidade e Plano as responsáveis por esse mapeamento, orientadas pelos princípios gerais da iconicidade. Perguntas e respostas devem refletir na sua organização o grau de integração que se verifica entre os seus conteúdos semânticos.

Utilizei nessa pesquisa o conceito de tópico discursivo desenvolvido por Gorski (1994), que propõe ser este uma categoria discursiva única, que se organiza semanticamente de modo hierarquizado e sintaticamente de modo linearizado no discurso. Esta definição dá conta da organicidade das entrevistas. Como estava também interessada na compreensão do estabelecimento de cortes de enunciados, adotei outro traço postulado por Jubran et alii (1992) como definidor do tópico discursivo, além da organicidade: a *centração*.

Segundo o autor, a *centração* é "a propriedade de concentração em um determinado assunto que se faz pelo fato de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis concernentes entre si tornar-se relevante em um dado ponto da mensagem". Envolve as características de: a) *concernência*, que define a relação de interdependência semântica entre os enunciados, como: relação explicativa, relação implicativa ou associativa, através da qual tem-se a sua integração no referido conjunto de referentes explícitos ou inferíveis; b) *relevância*, que é a proeminência desse

conjunto, decorrente da posição focal assumida pelos seus elementos; c) *pontualização,* que é a localização desse conjunto tido como focal em determinado momento da mensagem.

Estas considerações tornam-se necessárias, pois o tópico discursivo, dado a partir da pergunta, é o elemento fundamental na constituição do texto editado, já que serve de fio condutor para sua organização discursiva, dando conta tanto da seleção das informações quanto da redução das mesmas. É através da atualizacão das propriedade de *centração* que se pode explicar a formulação de novas perguntas e o corte de algumas que podem ser agrupadas num mesmo tópico discursivo.

O tópico da pergunta definirá a essência, o que é mais relevante na informação dada pelo entrevistado. Nas entrevistas, o tópico aparece explicitamente nas perguntas e o editor pode utilizá-lo tanto para organizar o texto como para reduzi-lo. A relevância pode ser mensurada pela contribuição do entrevistado em função do tópico da pergunta, pois todas as cláusulas da respostas devem concorrer com exigências das perguntas, em maior ou menor graus.

O tópico discursivo, portanto, dá pistas ao editor para:

a) a selecionar a ordem das perguntas/respostas;

b) a cortar ou inserir perguntas;

c) a efetuar deslocamentos;

d) a efetuar cortes nas respostas.

Nos quatro casos, privilegiam-se as propriedades de *centração* e a integração entre os planos figura/fundo. A meu ver, o estabelecimento de cortes de enunciados é determinado pelo grau de integração semântica entre os planos figura/fundo e o tópico da pergunta, atualizando-se a propriedade de centração.

Assim, na delimitação de figura e fundo, cumpre acrescentar que a figura deverá ter um maior grau de centração com tópico da pergunta, pois, caso contrário, tornar-se-á passível de corte, embora codifique idéias defendidas pelo entrevistado. As cláusulas

fundo, por sua vez, serão passíveis de cortes, dependendo do maior ou menor grau de interdependência semântica com as idéias defendidas em figura.

3.4 – Estratégias de edição das entrevistas

O processo de edição das entrevistas envolve duas vertentes paralelas e simultâneas: **a reorganização e a reescritura**, que abarcam a seleção e a redução dos textos da entrevista oral. Essas duas vertentes são indissociávies, ambas exigem que o editor tome decisões em diferentes planos.

3.4.1 – No plano pragmático, face ao leitor habitual, às limitações de espaço físico para a publicação das entrevistas no jornal e à importância dos assuntos em função da pauta do dia, identifiquei como estratégia de seleção a alteração da ordem linear das perguntas/respostas.

Não há uma relação biunívoca entre a ordem das perguntas/respostas orais e das editadas. O editor deve definir como elaborar o *layout* da entrevista, em nível global do texto, já que a matéria prima oral apresenta uma ordem que segue o fluxo das perguntas. O entrevistador, na versão oral, através das perguntas, conduz proposições mutuamente dependentes que são conectadas de forma coerente estabelecendo seqüências. Nesse momento, ele não está muito preocupado com as limitações de espaço impostas pelo jornal. O entrevistado, por outro lado, muitas vezes, afasta-se do foco da pergunta. O trabalho de adequação dessas informações, pelo grau de pertinência ao assunto e redução desse texto em função das limitações de espaço, é do editor.

O que foi verificado é que a alteração da ordem de entrada das perguntas/respostas, no primeiro momento, é orientada pragmaticamente. Há uma seleção de tópicos dirigida pelo interesse do jornal e dos leitores em função da ordem do dia. O assunto que mais interessar aparecerá em primeiro lugar, mesmo que na entrevista oral ele possa aparecer no meio ou no final, como é o caso da entrevista IV,

que trata do episódio do massacre de menores na Candelária, assunto que estava em grande evidência naquele momento, onde a primeira pergunta da versão editada corresponde à trigésima da oral.

Sendo assim, a configuração global das entrevistas segue os preceitos dos textos jornalísticos, o editor ao reorganizar o texto impresso, desloca perguntas e respostas também a partir da importância relativa, adotando o critério de relevância pragmática, conforme se observe na figura a seguir.

Pirâmide Invertida

FONTE: Gargurevich (1982:50)

O plano pragmático não deve ser dissociado dos demais, já que eles se codeterminam, pois em função da concisão imposta pelos jornais, essa importância decrescente será determinante para o estabelecimento de cortes. Apenas por uma questão didática farei esta divisão.

3.4.2 – No plano semântico-discursivo, constatei que o tópico discursivo nas entrevistas tem dupla função: serve ao entrevistado como indutor e norteador das

respostas e ao editor para organizar e reduzir as respostas que estão sob o seu domínio. É fundamental tanto na organização como na reorganização discursiva das entrevistas.

Passemos à análise da reorganização discursiva, estabelecida pelo editor nas entrevistas editadas.

ENTREVISTA I – TEMA: REVISÃO CONSTITUCIONAL

EDITADA	ORAL
1- Quais seriam as conseqüências para o país da não realização da revisão constitucional nesse momento?	**1- você acha que isso pode comprometer o desenvolvimento do país ... não sair a revisão constitucional agora?**
R: A transferência da revisão para a próxima legislatura poderia comprometer o desenvolvimento do país e as próprias instituições democráticas.	R: *eu acho que* pode comprometer o desenvolvimento do país e a própria é ... e as próprias instituições democráticas
As pessoas precisam sentir que o país avança, que há progressos.	*porque é* ... as pessoas precisam sentir que o país avança ... que há progressos ...
Que problemas que estão na pauta há bastante tempo estão sendo resolvidos.	que há problemas que estão na pauta já há bastante tempo *que* vão sendo resolvidos
2- Quais as principais alterações que precisam ser feitas?	X
R: Essa revisão não deve ser vista com radicalidade.	*então* ...essa revisão não deve ser vista com um uma ... uma radicalidade *né...*
Não vamos resolver todos os problemas com ela.	*no sentido de que* nós não vamos resolver todos os problemas com ela ...
Mas aqueles para os quais temos soluções quase consensuais, que já foram exaustivamente discutidos, que já estão na pauta há muito tempo, que amadureceram, estes deviam ser resolvidos logo.	mas aqueles para os quais *já* temos soluções é ... quase consensuais ... *aqueles problemas* que já foram exaustivamente *examinados* e discutidos ... que já estão na pauta há muito tempo... que amadureceram *é ... entre as lideranças ... acho que* esses deviam ser resolvidos logo ...
Quanto mais se limpa a agenda de problemas, mais a confiança do país em si mesmo aumenta, e mais temos fatos positivos, que	*porque* quanto mais a gente limpa a agenda de problemas ... mais a confiança do país em si mesmo aumenta e mais nós temos fatos positivos e acontecimentos positivos que nos ajudam a resolver os problemas que

nos ajudarão a enfrentar os problemas que continuarem pendentes.	continuarem é ... nos atrapalhando
3- O leque de pontos a serem discutidos deveria ser reduzido?	X
R: Acho que algumas questões não deveriam entrar na pauta, como o monopólio estatal do petróleo.	*isso significa que* eu acho que alguns problemas não deveriam entrar nessa pauta ...
	2- Tipo monopólio ... ?
X	**R:** *é ... por exemplo* o monopólio da Petrobrás *... eu já vi inclusive pessoas expressivas do ... do ... lideranças expressivas do setor privado brasileiro e tudo... que acham que não é o momento né ... e me parece que não é ...*
Não deveríamos nos exaurir com coisas que não estão maduras e que não têm um consenso mínimo.	*quer dizer... eu acho que* nós não deveríamos nos exaurir com coisas que não estão maduras e que não têm *... ou não não ... obtiveram* o consenso mínimo
Isso poderia ser discutido em outro momento.	**3- ... poderiam ser discutidos em outro momento?** **R:** poderia ser discutido depois ... em outro momento *depois ... em outro momento em função do próprio momento do país*
X	
Não se trata mais de adotar aquela tática collorida de demolir tudo de uma vez.	*mas eu acho que ... que* não se trata mais de adotar aquela tática collorida de ... demolir tudo de uma vez só ...quer dizer ...
Vamos nos reciclando aos poucos.	eu acho que nós vamos nos reciclando aos poucos ... *e eu acho inclusive que muita coisa já foi feita ... muitos problemas foram resolvidos ... muitas questões difícies foram encaminhadas ... e agora nós temos aí na pauta algumas questões fundamentais que podem ser resolvidas*
X	
4 – Que questõs seriam essas?	**4 – Que questões são essas?**
R: O problema do novo pacto federativo é o ponto crítico da agenda.	**R:** *olha... eu acho* o problema da do novo pacto federativo *... é que tem me mobilizado há vários anos... eu acho que esse* é o ponto crítico da agenda
O país é muito grande e essa espacialidade exige uma solução gerencial do tipo federativo que nós jamais tivemos na história da	*porque* o país é muito grande ... e essa espacialidade exige uma solução gerencial do

república. **5- O que é esse pacto federativo?** **R:** É uma forma de articulação do governo federal, estados e município que corresponde às necessidades do país como um todo levando em conta suas enormes diferenças. O federalismo é uma solução gerencial perfeita, uma engenharia política perfeita para tratar diferenças, porque permite que haja uma certa autonomia dessas instâncias e que haja também uma centralidade toda vez que essas instâncias não sejam suficientemente autônomas para resolver os problemas.	tipo federativo ... que nós jamais tivemos na história de *nossa* república **5- Que é esse pacto federativo?** **R**: o pacto federativo é uma forma de articulação do governo federal ... dos estados e municípios que corresponde ... às necessidades da ... do país como um todo ... levando em conta as ... a sua enorme *heterogeneidade ... e suas grandes* diferenças ... *e* o federalismo ... ele é uma solução gerencial perfeita ... uma engenharia política perfeita pra tratar diferenças ... porque *ele* permite que haja uma certa autonomia dessas *diferentes* instâncias e ... *por outro lado* que haja também uma centralidade *total* toda vez que essas instâncias não são autônomas pra poder é ... resolver os problemas por si mesmas ...

Na entrevista acima, há uma reorganização da primeira resposta oral da entrevistada em três perguntas/respostas na editada. Essa reorganização foi propiciada pela mudança de *centração* na resposta. Após dar a sua opinião sobre o tópico da pergunta e justificá-la, a entrevistada marca formalmente através do operador *então* essa mudança e, ao mesmo tempo, sinaliza uma associação desse tópico com o precedente. Ela abre um tópico decorrente (**a visão não radicalizada da revisão)** o que, na sua opinião, deveria ser feito para não acontecer o adiamento da revisão constitucional. O editor percebe a mudança de *centração* e insere uma pergunta, que tem como resposta essa assertiva da entrevistada e suas justificativas.

Esse procedimento novamente é utilizado no final da resposta, quando a entrevistada conclui sua idéia, dizendo que *"alguns problemas não deveriam entrar nessa pauta"*. Essa assertiva é indutora de nova pergunta, já que também há mudança de *centração* e abertura de um tópico decorrente. A entrevistadora percebe essa mudança e abre outra pergunta. Na edição, essa interferência da entrevistadora é incorporada à resposta da entrevistada já que ela a repete.

Na reorganização acima, pode-se observar a manifestação conjunta das propriedades de *centração* e dos subprincípios da iconicidade.Os traços de *concernência, relevância e pontualização* atuam conjuntamente com os subprincípios da proximidade, quantidade e ordenação linear. As perguntas são constituintes icônicos nessa modalidade discursiva, sendo responsáveis tanto pela organização formal e hierárquica quanto pela orientação e condução das respostas. É através da operacionalização desses traços que se pode observar a associação semântica estabelecida pelo entrevistado em sua resposta e a passagem de um tópico para outro que passará a ocupar a posição focal no discurso. Essa associação semântica, muitas vezes, transforma o segmento final da resposta do entrevistado em uma nova pergunta formulada pelo editor. As perguntas/respostas são ordenadas por associação semântica, determinando assim as suas localizações no decorrer da entrevista

A terceira pergunta da versão oral foi cortada e a resposta incorporada à anterior, priorizando-se o traço de *concernência.*

Há dois cortes de enunciados nessa entrevista. O primeiro – *"eu já vi inclusive pessoas expressivas do ... do ... lideranças expressivas do setor privado brasileiro e tudo que acham que não é o momento né e me parece que não é ..."* – considerei como **fundo de exemplificação ou testemunho**, já que apresenta um argumento a mais para ratificar a tese. O segundo, porém, merece um comentário, pois causou problemas, na minha opinião, na continuidade tópica da entrevista editada.

O enunciado cortado *"e eu acho inclusive que muita coisa já foi feita ... muitos problemas foram resolvidos ... muitas* <u>*questões difícies*</u> *foram encaminhadas ...* era o fundo de justificativa para a figura (*vamos nos reciclando aos poucos)* e o segundo segmento <u>*e agora*</u> *nós temos aí na pauta algumas* <u>*questões fundamentais*</u> *que podem ser resolvidas*" era uma nova figura introduzida por *"e agora...".* Ao efetuar esse corte, o editor não considerou a mudança da âncora do referente **questões,** que já havia sido introduzido anteriormente e que determinava uma mudança tópica. A versão editada havia apresentado anteriormente **as questões** <u>**que não deveriam entrar nessa pauta**</u>

como o monopólio. O segmento cortado apresentava a mudança do tópico para **questões fundamentais** **que podem ser resolvidas.** A entrevistadora, na versão oral, percebeu a mudança e formulou a pergunta para determinar o novo referente. Na versão editada, mesmo tendo efetuado o corte, o editor manteve a pergunta da versão oral, ficando então o novo referente **questões** sem antecedente, o que determinou uma quebra da continuidade tópica.

Houve a formulação e corte de perguntas na versão editada que podem ser explicados através da mudança de centração, o que ratifica ser o tópico um elemento importante na organização da entrevista editada.

No que diz respeito à redução do texto, também a noção de tópico é fundamental, como foi observado nessa entrevista, já que o segundo enunciado, cortado equivocadamente, provocou uma quebra na continuidade tópica. O primeiro, não, pois tratava-se de **fundo de exemplificação ou testemunho,** que, como argumento adicional, torna-se passível de corte pelas restrições de espaço físico do jornal para a publicação da entrevista.

Na entrevista II, cujo tema é o novo programa de estabilização econômica, percebi também a formulação de perguntas em função da mudança de centração em dois momentos:

EDITADA	ORAL
Esses métodos favorecem a permanência da inflação e é preciso trocá-los para que, quando houver a mudança do cruzeiro para o real toda essa forma subterrânea já esteja preparada.	esses métodos ... *hoje você pode até dizer que eles* favorecem a permanência da inflação ... e é preciso trocá-los ... pra que eles permitam lá na frente uma reforma monetária ... que quando trocar de cruzeiro para o real ... *lá na frente ... a moeda de pagamento... a parte subterrânea difícil de ajuste da economia ... a situação da inflação baixa teja já preparada né... quer dizer* ... toda essa forma subterrânea já esteja preparada
E aí, se entra no real praticamente sem inflação.	**X**
2- Nos outros não se atacou esse subterrâneo ?	
R: Tanto no Cruzado como no Collor, que foi mais violento, o que ocorreu foi o contrário.	***nos planos ... nos planos anteriores*** *você teve também um pouco* do contrário ... o caso do Cruzado *por exemplo que foi o primeiro* ... o do Collor que era mais violento
Se pegou todo mundo na superfície e se congelou.	você ... é ... pega na superfície todo mundo ... congela

EDITADA	ORAL
Com isso, o comerciante que quiser adotar reajuste diário de preços, terá que alterar o preço todo dia.	com isso o que acontece é que é ... o comerciante que quiser adotar reajuste diário de preço ... ele vai ter que trocar todo dia **... e isso dá trabalho**
5- E isso pode ocorrer ?	
R: A alteração diária de preços é muito trabalhosa e cara.	isso requer é ... equipamento
Requer gente, equipamento, e disponibilidade de tempo.	requer gente ... isso requer disponibilidade de tempo ...

Em relação aos cortes de enunciados nesta segunda entrevista, houve regularidades no corte de fundo de exemplificação ou testemunho:

EDITADA	ORAL
Esse tipo de aceleração tem origem especulativa e é revertida pelos próprios setores logo depois. X	esse tipo de aceleração *ela* tem origem *essencialmente* especulativa ... e *ela* é revertido pelos próprios setores logo depois... *acontece* *eu percebo isso na mesa do Banco Central por exemplo ...no tocante ao dólar... há uma onda de compra de dólares antes ...* *há uma onda de venda de dólares logo depois ...*

EDITADA	ORAL
Requer gente, equipamento, e disponibilidade de tempo. X	requer gente ...isso requer disponibilidade de tempo ... *você pensa ... por exemplo... o sujeito tinha um jornal com um fusca com preço em URV ... se tem um sujeito que tem um fusca ... é muito mais fácil pra ele colocar em URV ou colocar em cruzeiro todos os dias como a lei faculta*

No corte de fundo de reiteração:

EDITADA	ORAL
Esses métodos favorecem a permanência da inflação e é preciso trocá-los para que, quando houver a mudança do cruzeiro para o real toda essa forma subterrânea já esteja preparada.	esses métodos ... *hoje você pode até dizer que eles* favorecem a permanência da inflação ...e é preciso trocá-los ... pra que eles permitam lá na frente uma reforma monetária ... que quando trocar de cruzeiro para o real ... *lá na frente ... a moeda de pagamento... a parte subterrânea difícil de ajuste da economia ... a situação da inflação baixa teja já preparada né... quer dizer ...* toda essa forma subterrânea já esteja preparada

Nessa entrevista houve corte de cláusulas figura, pois estas estavam afastadas do tópico da pergunta. No exemplo a seguir, houve uma rearrumação da pergunta editada e cortou-se um tópico da pergunta oral que era *"não há risco do cruzeiro apodrecer?"*. Essa transformação fez com que todo início da resposta do entrevistado ficasse afastado do tópico da pergunta da versão editada, sendo, portanto, passível de corte.

EDITADA	ORAL
4- Esse plano difere dos outros , entre outros pontos, porque não faz intervenção nos preços. A idéia é basicamente ir trazendo os contratos para a URV, que se desindexariam da inflação passada. Portanto, a inflação existiria em cruzeiro mas não em URV. Mas nesse momento, em que uma parte da economia está urvizada e outra não, há o risco de hiperinflação em cruzeiro ?	**3- Agora ... esse plano ( ) fora da questão dos preços é ... ele difere dos outros porque vocês não mexeram com isso ... agora ... o que vocês querem fazer é trazer contratos pra URV e tirar a inflação dessa URV... agora ... <u>não há um risco dessa vinda dos contratos pra URV ... esse cruzeiro apodrecer</u> e você disparar essa inflação nessa moeda e acabar inviabilizando ... quer dizer ... criar um desequilíbrio em quem passou para URV e quem tá em cruzeiro ainda ...**
R: *Não.*	**R:** *Não eu acho que não ...*
Se os preços fossem fixados apenas em URV, passariam a ter um padrão de indexação que hoje não têm.	*são duas coisas... primeiro ... <u>o cruzeiro apodrecer só ocorre se houver uma URV em meio de pagamento</u>*
X	*o cruzeiro é a única ... o único instrumento com o qual se paga as coisas...*
X	*então hoje ele já ... o uso desse instrumento já é reduzido ao mínimo*
X	*porque ele não rende juros nem nominal*
X	*então ... ele tem essa reserva de mercado... digamos assim para sua função ...*
X	*seria um horror se você tivesse com um uma outro moeda nacional que pudesse utilizar como pagamento aí sim ...*
X	*aí você poderia dizer vai apodrecer...*
X	*e portanto os preços denominados em cruzeiros vão subir ...*
X	*e ... não é o caso ...*
X	*<u>o que por outra via pode acontecer ou poderia é ao</u> <u>permitir que os preços ficassem em URV é ...</u>*
	eles passarem a ter um padrão de indexação que eles não tem ...

Preços que eram reajustados semanalmente ou mensalmente poderiam passar a ter reajuste diário.	*ou seja* ... o preço que é reajustado semanalmente passa a ser diário ou então mensalmente
Isso nós não queríamos que acontecesse.	isso a gente não queria que acontecesse
Por essa razão, a lei estabeleceu que os preços terão que estar sempre em cruzeiros.	e pra isso a determinação que existe na lei para que o preço seja sempre expresso em cruzeiros
Com isso, o comerciante que quiser adotar reajuste diário de preços, terá que alterar o preço todo dia.	com isso o que acontece é que é ... o comerciante que quiser adotar reajuste diário de preço ...ele vai ter que trocar todo dia ... e isso dá trabalho

É possível haver também corte de figura, desde que esta esteja afastada do tópico da pergunta. Mais uma vez, a propriedade de centração torna-se evidente.

Na entrevista III, houve regularidades nos cortes de fundos de exemplificação ou testemunho e fundos de redundância:

EDITADA	ORAL
Se ele conseguir provocar a reforma constitucional de que o Brasil realmente precisa, ele terá feito uma grande obra, porque das mazelas que assaltaram o Brasil nos últimos anos, sem dúvida alguma a mais grave é a Constituição de 1988.	*e eu acho que* se ele conseguir provocar a reforma constitucional de que o Brasil realmente precisa ... ele vai ter feito uma grande obra ... porque das mazelas que assaltaram o Brasil nos últimos anos ... sem dúvidas nenhuma a mais grave foi a Constituição de 1988 ... *que é uma Constituição única*
É uma constituição baseada em sonhos e não em realidades, o que torna o Brasil ingovernável.	baseada em sonhos e não em realidades ... e que torna o Brasil realmente ingovernável
X	*como aliás foi dito na época pelo presidente Sarney... pelo ministro Maílson da Nóbrega ... e foi repetido sucessivamente dali por diante*
X	*e agora aparentemente o governo Itamar chega a essa mesma conclusão... de que é muito difícil governar o Brasil com essa Constituição... que não é nem parlamentarista nem presidencialista ... que não é federativa nem centralista ... que no fundo é uma colcha de retalhos absolutamente inconsistente*

X	*então ... se o ministro Eliseu em função disso conseguir promover uma reforma constitucional que abra a possibilidade de o Brasil sair desse bonde na contramão da história já é algo a meu ver muito proveitoso*

EDITADA	ORAL
Forçosamente é um governo em final de mandato.	então forçosamente *é impossível dizer que o governo Itamar não é* um governo em final de mandato ... *é um governo em final de mandato ... em princípio em final de mandato necessariamente ...*

Como foi observado na entrevista II, é possível haver corte de figura desde que esta esteja afastada do tópico da pergunta. Nessa entrevista, no entanto, houve um corte de figura que não estava afastada do tópico, o que determinou uma perda de conteúdo informativo, como no exemplo a seguir:

EDITADA	ORAL
Não adianta dar o peixe ao homem que está com fome, é preciso ensiná-lo a pescar. X	não adianta dar o peixe para o homem que está com fome sem ensiná-lo a pescar *precisa dar-lhe o anzol* *o que teve no Brasil nos últimos anos é que volta e meia há uma tentativa de distribuição de peixes ... mas em compensação há um racionamento de anzóis ... então a distribuição de peixes não adianta nada por falta de anzóis ...*

Na minha opinião, salvo melhor juízo, *precisa dar-lhe o anzol* é uma figura que foi cortada indevidamente juntamente com seu fundo de justificativa. Houve perda semântica, pois a opinião do entrevistado ficou incompleta, perdeu-se a informação de que além do aprendizado é preciso o instrumental para executá-lo e, conseqüentemente, as justificativas para essa opinião.

Nas entrevistas IV e V, a recorrência maior de cortes foi também em fundos de reiteração e digressão.

EDITADA	ORAL
1 – O que representa o episódio da Candelária ?	**30 – O que justificaria a brutalidade da cena de ontem ?**
R: Que está havendo uma guerra civil, não declarada e já há muito tempo.	**R:** uma guerra civil mesmo né ... que nós tamos vivendo ... não declarada há muito tempo quer dizer ...
X	*isso já vem sendo denunciado... em 90 nós fizemos um seminário chamado Rio cidade seqüestrada ... o JB deu até em primeira página ... esse seminário era justamente para dizer isso*
Significa que nós, cidadãos vestidos e "morados" estamos seqüestrados pela violência.	que nós cidadãos vestidos e morados estamos seqüestrados entendeu ... pela violência *quer dizer ...*
X	*foi um seminário que para mim foi muito rico ... colocando empresários e intelectuais na mesma mesa* *então eram debates ... que eram pessoas opostas ... opostas não ... mas com linhas de caminhos diferentes ... e colocamos nas mesas para discutir essa questão*
X X	e na realidade já existe a guerra civil você veja ...

EDITADA	ORAL
Mas eram simplesmente agressivos de acordo com o que recebiam de resposta social.	mas eles eram simplesmente agressivos de acordo com o que eles recebiam de resposta social né
X	*a agressividade deles era exatamente proporcional a agressividade que eles recebem socialmente desde que nasceram*

EDITADA	ORAL

Eu vi aqui em Piracicaba a Sunab avisar antes que vinha fiscalizar.	porque aqui em Piracicaba eu vi algumas vezes a Sunab avisar que vinha aqui para fiscalizar... *eu não entendo quer dizer... você avisa antes que vai fiscalizar ... aconteceu isso*

Na maior parte das entrevistas, observei uma tendência para que os cortes de enunciados sejam estabelecidos face à interdependência semântica entre as cláusulas figura e as cláusulas fundo, ativadas pelo tópico da pergunta. Assim, as cláusulas fundo de justificativas foram as menos cortadas – por ser a relação explicativa a mais integrada semanticamente às opiniões – e as cláusulas fundo de digressão, evidentemente, as mais cortadas.

Os fundos de exemplificação ou testemunho são argumentos adicionais para a comprovação da tese, portanto, passíveis de serem cortados devido à restrição de espaço físico de publicação das entrevistas.

Os fundos de reiteração também são passíveis de cortes, já que se caracterizam por um detalhamento maior do argumento anteriormente apresentado, que por razões econômicas também podem ser retirados.

Os fundos de redundância, que se caracterizam por repetições com pequenas alterações, também são cortados.

Os fundos de digressão são igualmente cortados pelo maior afastamento da figura da pergunta.

Os fundos de contextualização e modalização também tendem a ser cortados, pois, como já foi visto no Capítulo II, a edição minimiza a contextualização e o envolvimento da fala dos entrevistados.

3.5 – Princípios norteadores da edição

O processo de edição das entrevistas é motivado basicamente por fatores pragmáticos, como : necessidade de veicular a informação de forma mais direta e objetiva, face às limitações de espaço físico próprias do jornal e face ao leitor pretendido. Esses fatores se refletem na elaboração do texto editado através do acionamento das propriedades de topicidade e planos, monitoradas, a meu ver, pelo princípio geral da iconicidade.

Assim como Oliveira (1994), em seu estudo sobre Repetições em diálogos, proponho para a análise da reorganização discursiva das entrevistas jornalísticas um estreito vínculo entre as propriedades tópicas de *centração* e os subprincípios da iconicidade.

3.5.1 – Manifestação do subprincípio da proximidade/concernência

– " Entidades que estão mais próximas funcional, conceptual ou cognitivamente serão colocadas mais próximas no nível da codificação, isto é, temporal ou espacialmente ". (Givón, 1991b : p. 89)

– "Relação de interdependência semântica entre os enunciados ... pela qual se dá sua integração" (Jubran et alii,1992: 361-362)

O critério para a análise dos cortes efetuados na edição levou em consideração as propriedades funcionais de topicidade e planos. Essas propriedades são viabilizadas a partir da atuação do subprincípio da proximidade, já que as cláusulas figura das respostas são as cláusulas que mantêm o maior grau de integração semântica com as cláusulas figura da pergunta e que em suas codificações referenciam iconicamente as exigências propostas por elas. As cláusulas fundo são as que servem de suporte às cláusulas figura, com graus variáveis de integração, o que as torna passíveis de cortes. São em ordem decrescente de integração: fundo de justificativa, fundo de exemplificação ou testemunho e fundo de digressão e redundância.

A integração semântica iconicamente motivada entre pergunta e resposta tende a ser um critério produtivo nas explicações dos cortes. A essa integração em nível de função e forma com o tópico da pergunta deve-se a manutenção ou não dos enunciados.

3.5.2 – Manifestação do subprincípio da ordem seqüencial/pontualizaçao

– "Informação mais importante ou urgente tende a ser colocada primeiro no fluxo do discurso". (Givon, 1991b : p. 93)

A pontualização é a localização do conjunto de referentes tido como focal em determinado momento da mensagem (Jubran et alii, 1992: 361-362)

O editor, ao ordenar a entrada das perguntas/respostas na versão escrita, trabalha com uma hierarquia de relevância pragmaticamente motivada pelo subprincípio da ordem linear. Esse princípio permeia as técnicas de "lead" e a estruturação típica de jornal de pirâmide invertida, onde os fatos mais importantes são apresentados primeiro e a ordenação é decrescente.

3.5.3 – Manifestação do subprincípio da quantidade/relevância

– Uma fatia maior de informação receberá uma fatia maior de codificação.

– Informação mais imprevisível receberá mais material de codificação.

– Informação mais importante em termos de continuidade temática ou discursiva receberá mais material de codificação

O traço relevância (Jubran et alii, 1992: 361-362) é conseqüência da concernência, ou seja, uma seqüência de discurso que contenha informações concernentes a um determinado tópico tenderá a marcar iconicamente sua relevância. A partir desse traço, pode-se inferir que diferentemente da fala, onde a relevância se expande de forma progressiva, o processo de edição estabelece que as respostas devem corresponder

estreitamente às exigências das perguntas, sob pena de tornarem-se irrelevantes e passíveis de cortes.

Esse subprincípio ratifica-se nesse estudo de forma diferenciada. Na versão oral, ele se manifesta em termos de mais matéria fônica utilizada na codificação da informação na fala do entrevistado. Já na edição, é preciso que ele atue exatamente para diminuir essa quantidade de matéria fônica.

Dessa forma, tem-se na edição das entrevistas uma atuação às avessas do subprincípio da quantidade, pois para que não haja perda substancial da informação, codificar-se- ão as informações mais importantes, cortando sempre as cláusulas fundo. Há uma interação entre o subprincípio da quantidade e a motivação econômica inerente ao processo de cortes estabelecidos na edição.

Para exemplificar destaco um segmento onde o subprincípio da quantidade atua juntamente com a motivação econômica, apresentando as informações mais relevantes com menos material fônico.

EDITADA	ORAL
Eles não conseguem fiscalizar nem o recolhimento de ICM.	*porque* eles não estão fiscalizando nem o ICM eles não recolhem ... tá
Se eles recolhessem o ICM direito não pagaríamos tanto imposto.	tivesse fiscalização e se recolhecem o ICM que deveriam recolher tá ... tivesse fiscalização de qualquer tanto que o Brasil ia tá muito melhor ... a gente não ia ter que pagar tanto Imposto de Renda tanta coisa né ...

4 – CONCLUSÃO

Nas análises realizadas nesta dissertação busquei investigar o processo de edição das entrevistas jornalísticas do tipo pergunta/resposta numa perspectiva discursiva.

Constatei que a necessidade de manter-se fiel ao texto oral do entrevistado e ao mesmo tempo satisfazer as exigências pragmáticas do veículo jornalístico, demanda do editor, no seu trajeto do oral para o escrito, decisões em níveis diferenciados. Essas decisões consubstanciam-se numa reorganização discursiva que envolve transformações face à mudança de modalidade oral para escrita e à redução de informações estabelecidas por critérios de relevância.

Entre os resultados, conta-se a identificação de alguns procedimentos lingüístico-textuais-discursivos recorrentes na reorganização do texto impresso, que têm motivações cognitivas, funcionais e pragmáticas, tais como: minimização da marcas de envolvimento e contextualização da fala dos entrevistados; inserções/eliminações de perguntas, deslocamentos de informações; cortes de cláusulas fundo, decorrentes da falta de integração entre pergunta e resposta e apresentação hierarquizada das perguntas/respostas face à importância relativa.

A reorganização discursiva da entrevista editada obedece, nos níveis hierárquico e linear, a critérios de relevância imediata e pontualização. Os cortes são estabelecidos em função, basicamente, da concisão imposta pelo veículo jornalístico e, em grande parte, podem ser explicitados através das propriedades de topicidade e plano.

A análise mostrou que o paralelismo na distribuição do tópico-semântico-discursivo nas duas versões não é simétrico. Entretanto, os tópicos mais gerais aparecem em ambas. As diferenças ficam por conta dos cortes das cláusulas fundo, dado a concisão imposta pelo jornal. Conseqüentemente, há algumas diferenças no nível semântico-discursivo. Porém, normalmente, não geram incoerências em nível global do discurso.

Comprova-se a hipótese de que são sobretudo os fatores discursivo-pragmáticos os determinantes básicos da estruturação das entrevistas jornalística e de que o

processo de edição é monitorado pelo princípio cognitivo da iconicidade, evidenciando-se o caráter coesivo e icônico desse processo.

Esta dissertação não apresenta resultados categóricos, a análise quantitativa apontou tendências. Algumas questões que surgiram durante a pesquisa ficaram por ser solucionadas, e podem dar ensejo a futuras pesquisas tais como:

a) como o grau de letramento interfere no estabelecimento de posições categóricas em relação às peculiaridades da fala e da escrita, principalmente, no que diz respeito à complexidade estrutural;

b) quais são as diferenças funcionais entre as orações adjetivas, adverbiais e as substantivas, examinando a coocorrência destas em diferentes gêneros discursivos.

No que diz respeito à interdisciplinariedade, que é uma tendência dentro das ciências humanas e sociais, a pesquisa desenvolvida demonstra que os conhecimentos lingüísticos podem e devem ser aplicados a outras áreas de conhecimento.

O conhecimento dos fenômenos lingüísticos envolvidos na transformação das entrevistas orais em editadas deve ser relevante para o jornalista iniciante, na medida em que permite a compreensão de critérios que, muitas vezes, são considerados "intuitivos", possibilitando um maior aperfeiçoamento desse profissional.

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. L. L. *O fenômeno da indeterminação do sujeito em língua falada.* Rio de Janeiro. UFRJ, Faculdade de Letras, 1992. Tese de doutorado.

AMARAL, L. *Jornalismo matéria de primeira página.* 4ª ed. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1986.

BRAGA, M. L. Construções de tópico de discurso. In: NARO et alii. *Relatório final de pesquisa: Projeto Subsídios Sociolingüísticos do Projeto Censo à Educação.* Rio de Janeiro. UFRJ, 1986. fl. mimeo.

BIBER, D. Spoken and written textual dimensions in English: resolving the contradictory findings. *Language* 62: 384-414. 1986a.

_____. *Variation across speech and writing.* Cambridge University Press. Cambridge, 1988.

BOLINGER, D. *The form of language.* London. Longmans, 1977.

CALLOU, D., MORAES, J., LEITE, Y., KATO, M. et alii. *Topicalização e deslocamento à esquerda: sintaxe e prosódia.* UFRJ, 1990. (mimeo)

CHAFE, W. L. Integration and involvement in speaking, writing and oral literature. In: TANNEN, D. (ed). *Oral and written discurse.* Norwood. N. J., 1982.

_____. *Literature, language, and learning: the nature and consequences of reading and writing.* Cambridge University Press. Cambridge. 1985.

GIVÓN, T. *From discourse to syntax: grammar as a processing strategy.* In: T. Givón, ed., 1979

_____. *Mind, code and context. Essay in pragmatics.* Hillsdale. Lawrence Erlbaum Associates, 1989.

_____. *Markedness in grammar: distributional, communicative and cognitive correlates of syntactic structure.* Technical report number 90-8, 1990a.

_____. *Functionalism and grammar: a prospectus.* University of Oregon, 1991a.

_____. Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological considerations. In: *Studies in language.* Philadelphia. Benjamins. 1991b.

_____. *Functionalism and grammar.* John Benjamin. Amsterdan,1995.

GOMES, I. M. *Dos Laboratórios aos Jornais – um estudo sobre o Jornalismo científico. Recife.* UFPE, 1995. Dissertação de Mestrado

GORSKI, E. M. *O Tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita.* Rio de Janeiro. UFRJ, 1994. Tese de doutorado

HALLIDAY, M. A. K. Differences between spoken and written language: some implications for literacy teaching. In: *Communication through reading: Proceedings of the 4th Australian Reading Conference.* vol 2, ed by Glenda Page, John Elkins, and Barrie O'Connor. Adelaide, S.A. Australian Reading Association, 1979.

HOPPER, P. *Aspect and foregrounding in discourse.* In: T. Givón, ed. *Syntax and Semantics 12: Discourse and Syntax.* Academic Press. New York, 1979.

HOPPER, P & THOMPSON, S. *Transitivity in grammar and discourse.* Language 56, 1980.

JUBRAN, C; URBANO, H; KOCH, I; FAVERO, L; MARCUSCHI, L. A; TRAVAGLIA, L.C; SOUZA,S. M. C; SANTOS, M. C; ANDRADE, M.L; RISSO, M. & ANDRADE, Z. Organização tópica da conversação. In: R. ILARI (org.).*Gramática do português falado.* vol. II. Campinas. Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1990.

KOCH, I. *Argumentação e linguagem.* 2 ed. São Paulo. Cortez, 1987.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação.* São Paulo. Ática. 1986.

_____. *Da Fala para a Escrita.* Recife, (mimeo), 1993.

MARTINS, E. (org.). *O Estado de S. Paulo: Manual de redação e estilo.* São Paulo, O Estado de S. Paulo. 1990.

OLIVEIRA, M.R. *Repetição em diálogos.* Rio de Janeiro. UFRJ. Faculdade de Letras, 1994. Tese de Doutorado.

PERELMAN, L., OLBRECHTS-TYTECA, L. *Traité de L'Argumentation. La nouvelle réthorique.* Bruxelas: Editions de L'Université de Bruxelles, 1970.

POOLE, M. E. & FIELD. T. W. A comparasion oral and written code elaboration. *Language of Speech.* 19: 305-11. 1976.

SCHIFFRIN, D. *Discourse Markers.* Cambridge. Cambridge University Press. 1987

TANNEN, D. Relative focus on involvement in oral and written discourse. In: *Literacy, language, and learning: the nature and consequences of reading and writing.* Cambridge University Press. Cambridge, 1985.

THOMPSON, S. A. Grammar and discourse: the English detached participial clause. In: *Discourse perspectives on syntax.* ed. by Flora Klein. Andreu. New York. Academic Press. 1983.

_____. Subordination in formal and informal discourse. In: *Meaning, form, and use in context: linguistic applications.* ed by D. Schiffrin. GURP 84. Washington, D. C. Georgetown University Press. 1984.

THOMPSON, S. A. & LONGACRE. R.E. Adverbial clauses. In: *Language typology and syntactic description.* ed by T. Shopen. Cambridge. Cambridge University Press. vol 2, 1985.

VAN DIJK, T. A. *Handbook of discourse analysis.* In: I. KOCH (org.). 1985.

_____. *La ciencia del texto.* Barcelona. Paidós Comunicacción. 1989.

_____. *La noticia como discurso: compreensión, estructura y producción de la información.* Barcelona. Paidós Comunicacción. 1990.

_____. *Cognição, discurso e interação.* São Paulo. Contexto. 1992.

VOTRE, S. (org). *A língua em uso na fala ena escrita.* Rio de Janeiro. UFRJ, 1991. (inédito).

VOTRE, S. (org). *Funcionalismo lingüístico: iconicidade.* Cadernos de Lingüística Carioca, 1, UFRJ, Rio de Janeiro, 1992. (inédito).

WINTER, E. *Towards a contextual grammar of English: the clause and its place in the definition of sentence.* London. George Allen and Unwin, 1982.

6 – BIBLIOGRAFIA GERAL

BROWN, P. e LEVINSON, S.C. *Politeness – some universals in language usage.* Cambridge University Press. Cambridge, 1989

CUNHA, C., CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo.* Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1985.

GARGUREVICH, J. *Generos periodisticos.* Quito. Belén.1982.

GRICE, P. Logic and Conversation. In: P. COLE, Morgan, J. (org.). *Syntax and semantics.* New York: /s.n./, v.3, 1975.

GUMPERZ, J. *Discourse strategies.* Cambridge University Press.Cambridge, 1982.

OCHS, E. *Planned and unplanned discourse.* In: T. GIVÓN. *Syntax and semantics, 12: Discourse and syntax.* New York. Academic Press, 1979.

PONTES, E. S. L. *O tópico no português do Brasil.* São Paulo. Pontes, 1987.

PRINCE, E. Toward a taxonomy of given/new information. In: P. COLE (ed) . *Radical Pragmatics.* New York, 1981.

SILVA, V.L.P. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal.* Rio de Janeiro, UFRJ, 1988. Tese de doutorado.

SILVEIRA, E. S. *Relevância em narrativas orais.* Rio de Janeiro. UFRJ, 1990. Tese de doutorado.

SPERBER, D. & Wilson, D. *Relevance: communication and cognition.* Blackwell. Oxford, 1986.

7 - ANEXO

ENTREVISTA I - TEMA: REVISÃO CONSTITUCIONAL

EDITADA

1- Quais seriam as conseqüências para o país da não realização da revisão constitucional nesse momento?

R: A transferência da revisão para a próxima legislatura poderia comprometer o desenvolvimento do país e as próprias instituições democráticas.As pessoas precisam sentir que o país avança, que há progressos. Que problemas que estão na pauta há bastante tempo estão sendo resolvidos.

2- Quais as principais alterações que precisam ser feitas?

R: Essa revisão não deve ser vista com radicalidade. Não vamos resolver todos os problemas com ela. Mas aqueles para os quais temos soluções quase consensuais, que já foram exaustivamente discutidos, que já estão na pauta há muito tempo, que amadureceram, estes deviam ser resolvidos logo.Quanto mais se limpa a agenda de problemas, mais a confiança do país em si mesmo aumenta, e mais temos fatos positivos, que nos ajudarão a enfrentar os problemas que continuarem pendentes.

3- O leque de pontos a serem discutidos deveria ser reduzido?

R: Acho que algumas questões não deveriam entrar na pauta, como o monopólio estatal do petróleo. Não deveríamos nos exaurir com coisas que não estão maduras e que não têm um consenso mínimo. Isso poderia ser discutido em outro momento. Não se trata mais de adotar aquela tática collorida de demolir tudo de uma vez. Vamos nos reciclando aos poucos.

4 - Que questões são essas?

R: O problema do novo pacto federativo é o ponto crítico da agenda.O país é muito grande e essa espacialidade exige uma solução gerencial do tipo federativo que nós jamais tivemos na história da república.

5- O que é esse pacto federativo?

R: É uma forma de articulação do governo federal, estados e município que corresponde às necessidades do país como um todo levando em conta suas enormes diferenças.O federalismo é uma solução gerencial perfeita, uma engenharia política perfeita para tratar diferenças, porque permite que haja uma certa autonomia dessas instâncias e que

haja também uma centralidade toda vez que essas instâncias não sejam suficientemente autônomas para resolver os problemas.

ORAL

1- Você acha que isso pode comprometer o desenvolvimento do país ... não sair a revisão constitucional agora?

R: Eu acho que pode comprometer o desenvolvimento do país e a própria é ... e as próprias instituições democráticas porque é ... as pessoas precisam sentir que o país avança ... que há progressos ...que há problemas que estão na pauta já há bastante tempo que vão sendo resolvidos então essa revisão não deve ser vista com um uma ... uma radicalidade né ... no sentido de que nós não vamos resolver todos os problemas com ela ...mas aqueles para os quais já temos soluções é ... quase consensuais ... aqueles problemas que já foram exaustivamente examinados e discutidos ... que já estão na pauta há muito tempo... que amadureceram é ... entre as lideranças ... acho que esses deviam ser resolvidos logo ... porque quanto mais a gente limpa a agenda de problemas ... mais a confiança do país em si mesmo aumenta e ... mais nós temos fatos positivos e acontecimentos positivos que nos ajudam a resolver os problemas que continuarem é ... nos atrapalhando ... isso significa que eu acho que alguns problemas não deveriam entrar nessa pauta ...

2- Tipo monopólio ...?

R: É ... por exemplo o monopólio da Petrobrás ... eu já vi inclusive pessoas expressivas do ... do ... lideranças expressivas do setor privado brasileiro e tudo ... que acham que não é o momento né ... e me parece que não é ... quer dizer... eu acho que nós não deveríamos nos exaurir com coisas que não estão maduras e que não têm ... ou não ... não ... obtiveram o consenso mínimo

3- ... poderiam ser discutidos em outro momento?

R: Poderia ser discutido depois ... em outro momento ... depois ... em outro momento em função do próprio momento do país ...mas eu acho que... que não se trata mais de adotar aquela tática collorida de ... demolir tudo de uma vez só ...quer dizer ...eu acho que nós vamos nos reciclando aos poucos ...e eu acho inclusive que muita coisa já foi feita .. muitos problemas foram resolvidos ... muitas questões difícies foram encaminhadas ...e agora nós temos aí na pauta algumas questões fundamentais que podem ser resolvidas

4 - Que questões seriam essas?

R: Olha eu acho o problema da ... do novo pacto federativo ... é que tem me mobilizado há vários anos ... eu acho que esse é o ponto crítico da agenda
porque o país é muito grande e essa espacialidade exige uma solução gerencial do tipo federativo ... que nós jamais tivemos ... na história de nossa república

5- Que é esse pacto federativo?

R: O pacto federativo é uma forma de articulação do governo federal ... dos estados e municípios que corresponde ... às necessidades da ... do país como um todo ... levando em conta as ... a sua enorme heterogeneidade e suas grandes diferenças ... e o federalismo ... ele é uma solução gerencial perfeita ... uma engenharia política perfeita pra tratar diferenças ... porque ele permite que haja uma certa autonomia dessas diferentes instâncias e por outro lado... que haja também uma centralidade total... toda vez que essas instâncias não são autônomas pra poder é ... resolver os problemas por si mesmas ...

ENTREVISTA II - TEMA: PROGRAMA DE ESTABILIZAÇÃO ECONÔMICA/ URV

EDITADA

1 - A população brasileira ainda não entendeu o sentido dessa URV. Ao contrário dos outros planos, quando havia congelamentos, já se podia notar uma queda imediata da inflação logo no primeiro mês do plano. Isso agora não irá ocorrer. O governo até admite que a inflação continuará alta em um primeiro momento. Quando irá se sentir os efeitos desse programa? Quando os índices de preços começarão a baixar?

R: Toda a arte desse plano consiste em pegar o que antes acontecia em um dia e desbobrar no tempo. Essa segunda fase é um dos aspectos mais importantes do plano todo. Consiste em atuar no subterrâneo da economia. Esse subterrâneo é o mundo dos contratos, das duplicatas, das faturas, das cadeias de compra e venda por atacado, dos financiamentos, do fornecedor ao comprador. Esse mundo que o consumidor, a dona de casa não vê. Ela só vê a superfície, que são os produtos na gôndola dos supermercados. O que tem embaixo da terra, as raízes, tudo o que aconteceu até o produto chegar até ali ninguém vê. Por outro lado, o governo não administra esses processos. São processos de mercado. Desenvolveram-se em um contexto desfavorável, e criaram métodos de defesa no mundo inflacionário. Esses métodos favorecem a permanência da inflação e é preciso trocá-los para que, quando houver a mudança do cruzeiro para o real toda essa forma subterrânea já esteja preparada. E aí, se entra no real praticamente sem inflação.

2 - Nos outros não se atacou esse subterrâneo?

R: Tanto no Cruzado como no Collor, que foi mais violento, o que ocorreu foi o contrário. Se pegou todo mundo na superfície e se congelou. Agora esse processo de adaptação

começa já. Os contratos vão se transformando em URV, que é um índice que não estará contaminado pela inflação.

3 - Está ocorrendo uma forte remarcação dos preços, principalmente dos produtos oligopolizados. Como vocês vão administrar esses aumentos? Isso não pode comprometer o sucesso do plano?

R: Não há esse risco. Houve uma aceleração da inflação logo na semana anterior ao plano.
Esse tipo de aceleração tem origem especulativa e é revertida pelos próprios setores logo depois. O comerciante, antes do (falha do jornal) estava preocupado com o congelamento. É uma coisa feita e desfeita. É claro, porém, que o governo não pode ser trouxa. Tem, evidentemente, gente se aproveitando, como os oligopólios, mas existem mecanismos para evitar essas pressões.

4 - Esse plano difere dos outros , entre outros pontos, porque não faz intervenção nos preços. A idéia é basicamente ir trazendo os contratos para a URV, que se desindexariam da inflação passada. Portanto, a inflação existiria em cruzeiro mas não em URV. Mas nesse momento, em que uma parte da economia está urvizada e outra não, há o risco de hiperinflação em cruzeiro?

R: Não. Se os preços fossem fixados apenas em URV, passariam a ter um padrão de indexação que hoje não têm. Preços que eram reajustados semanalmente ou mensalmente poderiam passar a ter reajuste diário. Isso nós não queríamos que acontecesse. Por essa razão, a lei estabeleceu que os preços terão que estar sempre em cruzeiros. Com isso, o comerciante que quiser adotar reajuste diário de preços, terá que alterar o preço todo dia.

5 - E isso pode ocorrer?

R: A alteração diária de preços é muito trabalhosa e cara. Requer gente, equipamento, e disponibilidade de tempo. Uma quitanda que tem 700 itens não tem condições de trocar os preços dos 700 itens todo o dia. Já se os preços ficassem apenas em URV, sem correspondente em cruzeiros, bastaria que os comerciantes fixassem o valor em URV e no dia seguinte os preços passariam a ter reajustes diários, pois a cotação da URV muda diariamente. Por isso resolvemos não deixar que os preços passassem a ser expressos apenas em URV. Criamos uma barreira natural contra as remarcações porque ficarão muito caras para as empresas.

ORAL

1 - Ôh FULANO agora ... uma coisa que chama atenção das pessoas ... quer dizer ... eu acho que a população ainda não entendeu o que que é essa URV ... porque tá acostumado com plano assim ... amanhã tá congelado então a inflação cai de imediato... nesse plano ...quer dizer... esse plano não trás isso ... a inflação não vai cair de imediato... que ela não vai cair agora ...qual é o efeito ... dessa URV... o que

é essa URV nessa primeira fase ... o plano dessa inflação pode cair ... a população pode sentir os efeitos nesse plano ...

R: É ... olha ... toda arte desse plano consiste em pegar o que acontecia antigamente ... acontecia num dia ... entender que eram várias coisas e desdobrá-las no tempo tá ... esse processo que tá acontecendo agora é um dos aspectos mais importantes do plano todo ... do programa todo ...que consiste em atuar ... digamos assim... no subterrâneo da economia ...o subterrâneo da economia é o mundo dos contratos ... das duplicatas ... das faturas ... das cadeias de compra e venda por atacado ... dos financiamentos ... do ... é ... fornecedor ao comprador ...esse mundo que o consumidor ... a dona de casa não vê ...ela só vê a superfície ... a superfície são os produtos na gôndola do supermercado o que tem ali debaixo da terra ... as raízes... tudo o que aconteceu até aquele produto ir até ali ...ela não quer saber ... e tá muito certa... porque quem tem que se preocupar não é a dona de casa ... que tem que se preocupar com isso não...por outro lado ... o governo não administra esse processo ...é um processo de mercado ...desenvolveram-se assim ... sozinhos né e desenvolveram-se também num contexto desfavorável ... e desenvolveram os seus próprios métodos de defesa num mundo inflacionário e tudo mais ...esses métodos ...hoje você pode até dizer que... eles favorecem a permanência da inflação... e é preciso trocá-los... pra que eles permitam lá na frente uma reforma monetária... que quando trocar de cruzeiro para o real ... lá na frente ... a moeda de pagamento... a parte subterrânea difícil de ajuste da economia ... a situação da inflação baixa... teja já preparada né... quer dizer ... toda essa forma subterrânea já esteja preparada nos planos ... nos planos anteriores você teve também um pouco do contrário ... o caso do Cruzado por exemplo... que foi o primeiro ... o do Collor que era mais violento
você ... é ... pega na superfície todo mundo ... congela ... aí tem que vir aquele efeito dominó prá trás do varejo até a última ... até a última lá ... lá no começo da cadeia produtiva ... é uma chatice ... é um rolo... quer dizer... agora começa esse processo de adaptação já ...

2 - Esse aí tá sendo uma forma ... tá tendo uma fórmula que não se fala que vai congelar nada mais ... a inflação tá disparando ... oligopólios e outros... supermercado ... como é que vocês vão administrar esse aumento de preço ... isso não pode comprometer o sucesso desse plano?

R: Acho que não... houve uma ... uma aceleração da inflação numa determinada semana logo anterior ao plano é...esse tipo de aceleração ... ela tem origem essencialmente especulativa... e ela é revertida pelos próprios setores logo depois...acontece...eu percebo isso na mesa do Banco Central...por exemplo... no tocante ao dólar... há uma onda de compra de dólares antes...há uma onda de venda de dólares logo depois ...mesma coisa acontece do lado do ... do lado do ... do comerciante... preocupado com a existência de um congelamento ou seja ... é uma coisa que é feita e desfeita agora ... é claro que ... você pode adotar uma ... uma atitude liberal... mas você não pode ser trouxa ...quer dizer... tem evidentemente gente se aproveitando ... oligopólios e tal ... tem que haver um mecanismo e existe ... está sendo acionado no sentido de controlar ... ir lá controlar ... buscar ... isso se faz ...

3 - Agora ... esse plano ( ) fora da questão dos preços é ... ele difere dos outros porque vocês não mexeram com isso agora ... o que vocês querem fazer é trazer contratos pra URV e tirar a inflação dessa URV agora ... não há um risco dessa vinda dos contratos pra URV ... esse cruzeiro apodrecer e você disparar essa inflação nessa moeda ... e acabar inviabilizando ... quer dizer ... criar um desequilíbrio em quem passou para URV e quem tá em cruzeiro ainda ...

R: Não eu acho que não ...são duas coisas... primeiro ... o cruzeiro apodrecer só ocorre se houver uma URV em meio de pagamento o cruzeiro é a única ... o único instrumento com o qual se paga as coisas...então hoje ele já ... o uso desse instrumento já é reduzido ao mínimo... porque ele não rende juros nem nominal...então ... ele tem essa reserva de mercado digamos assim... para sua função seria um horror se você tivesse com um uma outro moeda nacional... que pudesse utilizar como pagamento aí sim ...aí você poderia dizer ... vai apodrecer e portanto os preços denominados em cruzeiros vão subir ... e ... não é o caso ...o que por outra via pode acontecer ou poderia é ao permitir que os preços ficassem em URV é ...eles passarem a ter um padrão de indexação que eles não tem ...ou seja o preço que é reajustado semanalmente passa a ser diário ou então mensalmente...isso a gente não queria que acontecesse e pra isso a determinação que existe na lei para que o preço seja sempre expresso em cruzeiros...com isso o que acontece é que ... é ... o comerciante que quiser adotar reajuste diário de preço ele vai ter que trocar todo dia ... e isso dá trabalho ... isso requer é ... equipamento ... requer gente... isso requer disponibilidade de tempo ... você pensa... por exemplo... o sujeito tinha um jornal com um fusca com preço em URV ... se tem um sujeito que tem um fusca... é muito mais fácil pra ele colocar em URV ou colocar em cruzeiro todos os dias como a lei faculta... agora... se é uma quitanda que tem 700 itens... e trabalha o indivíduo e a esposa... é muito difícil para eles trocar o preço dos 700 itens todos os dias ... não faz... troca por mês... ou no dia de trocar preço chama o cunhado ... a filha ... essa coisa toda pra fazer ... agora ... se deixar em URV reunia a família de um dia pro outro ... passa tudo pra URV e passa a ter indexador... então não pode... a lei resolveu não deixar ... porque aí você já tem uma barreira natural ... que já tem alteração... então pra deixar... que deixar ... que impede as pessoas que façam essa indexação diária ... acho que a virtude desse plano... que não havia nos outros todos... é que esse usa o incentivo econômico natural das pessoas e não reconta tá certo...quer dizer um ... um ... uma situação como o cruzado... que você tinha um extraordinário incentivo a consumir e... ao mesmo tempo um governo que não queria que o povo consumisse tanto ... era isso ...o ministro ia pra televisão dizer ...então você não pode ir contra ao que as pessoas querem fazer que é o incentivo econômico natural ... nesse caso agora... você colocou um elemento novo que é a URV e as pessoas a utilizam da forma natural é ... conforme a atividade que elas estão ...então é ... é ... o remédio vai impregnando no tecido daqui a pouco ele toma conta... vai naturalmente ... ninguém precisa fazer nada... ninguém precisa obrigar.

ENTREVISTA III - TEMA: SITUAÇÃO ECONÔMICA E POLÍTICA DO PAÍS

EDITADA

1 - Em recente artigo, o senhor fala que o presidente Itamar está preocupado com a fome quando devia estar preocupado com as causas do estado de emergência social. E que o presidente deveria chorar cada vez que o capital, nacional ou estrangeiro, deixa de ser investido no país. O Brasil convive com um quadro de miséria e inflação ascendente. Como é possível sair dessa encruzilhada?

R: O problema da pobreza foi revelado de forma mais dramática pelo anuário do IBGE. Mas a solução desses problemas não se dá através de políticas paternalistas. A eliminação da pobreza exige investimento. Não adianta dar o peixe ao homem que está com fome, é preciso ensiná-lo a pescar.

2 - Com a inflação alta o quadro fica ainda mais perverso. A inflação não precisa ser atacada com urgência?

R: Pode se encontrar dois tipos de explicação para um país onde os preços sobem 25% ou mais ao mês. Uma, muito pouco convincente, é de que a culpa é dos oligopólios, dos conflitos distributivos. Nos outros países existem oligopólios e nunca geraram essa inflação febril de 25%. Quando se tem uma inflação dessa ordem, o problema é da moeda e não dos preços. Não são os preços que estão subindo, é a moeda que está se desvalorizando. Senão se olhar para o problema monetário, e junto para o problema fiscal, que são os responsáveis por esse estados de coisas, não se vai nunca enfrentar a inflação.

3 - O senhor fala que o país precisa resolver o problema fiscal. O ministro da Fazenda, Eliseu Resende, diz, porém, que só pode fazer alguma coisa nesse sentido depois da revisão constitucional.

R: O ministro Eliseu Resende é um homem inteligente, muito pragmático, muito experiente. Se ele conseguir provocar a reforma constitucional de que o Brasil realmente precisa, ele terá feito uma grande obra, porque das mazelas que assaltaram o Brasil nos últimos anos, sem dúvida alguma a mais grave é a Constituição de 1988. É uma constituição baseada em sonhos e não em realidades, o que torna o Brasil ingovernável.

4 - Enquanto essa reforma não acontece, os ministros ficam sem muita alternativa para controlar a inflação e o apoio ao presidente começa a minguar a cada dia. O senhor acha que o governo Itamar está ficando com a cara do governo Sarney?

R: Ele é diferente. Ele tem a cara do governo Itamar, que não tem a cara do governo Sarney, mas não é, necessariamente, melhor por causa disso. A coincidência entre os dois governos é que Itamar também era vice-presidente, só que pegou o bonde no meio do caminho e Sarney pegou no princípio. É óbvio que o governo Itamar está no fim. O

governo tem um ano e oito meses de mandato, com um agravante de uma eleição no ano que vem para todos os níveis. Forçosamente é um governo em final de mandato. Temos um governo tampão, do qual não se costuma esperar nem um ato heróico nem uma grande reforma.

5 - Sendo um governo tampão o senhor acha que teria condições de provocar a revisão constitucional?

R: Acho que sim. Se houver um empenho de toda administração, de todo o governo de reconhecer pelo menos o que há de absurdo na Constituição de 1988 e remover esses entraves, já dará, nessa altura, um grande passo para que as coisas se equacionem. Vamos ser realistas. O Brasil desde 1980 está numa fase de retrocesso. O retrocesso já tem uma década e meia porque certamente vai nos pegar até 1995. Mais uma, duas, três décadas perdidas. Se houver condições de agora se reformar a Constituição de maneira a se possibilitar a retomada do crescimento, já se terá conseguido um grande avanço.

6 -Por que sua preferência pela monarquia?

R: Primeiro lugar porque eu prefiro o parlamentarismo que tem uma flexibilidade que o presidencialismo não tem. O gabinete dura o que é preciso. Obriga o país a ter partidos políticos. A política passa a ser feita em cima de idéias e não de homens. A democracia pede instituições que funcionem sem salvadores da pátria, com bons funcionários mas com as limitações dos seres humanos. O parlamentarismo força o Congresso a ser responsável. No parlamentarismo, o parlamentar é obrigado a ser responsável porque a política econômica é de responsabilidade do Congresso. Se não der certo, todo o Congresso é responsável. O problema do parlamentarismo aqui no Brasil é como se posiciona o chefe do governo e o chefe de Estado. Em minha opinião, o chefe de Estado deve ser apolítico, deve ser o equilíbrio permanete. A idéia do presidente da República eleito diretamente é uma desfiguração do parlamentarismo. Só existe na França e em Portugal. Embute o risco de o presidente da República, eleito com 35 milhões de votos, questionar o chefe de governo, eleito por 350 votos. Aí sobram duas opções. Ou o presidente eleito de forma indireta, como na Itália ou então a monarquia. Nesse caso, eu prefiro a monarquia porque dá mais status.

ORAL

1 - Na penúltima entrevista agora... o senhor fala que o presidente Itamar tá preocupado com a fome quando devia tá chorando cada dinheiro que não é investido aqui no Brasil ...e nessa última o senhor fala que o problema da inflação é da má administração da moeda ... queria que o senhor pudesse falar um pouco sobre isso ...

R: em primeiro lugar ... quer dizer ... em matéria de inflação se você imagina um país onde todos os preços sobem mais ou menos 25% ao mês ... você pode encontrar dois tipos de explicação... uma... que é muito pouco convincente... é de que o problema é de oligopólios ... é um problema de conflitos distributivos e tudo mais...se pegar nos outros

países e no Brasil noutros tempos... existiam oligopólios e no entanto nunca geraram essa inflação febril de 25% ... o que eu digo é o seguinte... é óbvio... a explicação natural quando você tem uma inflação dessa ordem ... o problema é da moeda e não dos preços ... quer dizer... não são os preços que estão subindo é a moeda que está se desvalorizando... se você não olhar para o problema monetário... junto com o problema monetário o problema fiscal ... que é quem causa isso ... você nunca vai enfrentar inflação nenhuma ... outro aspecto bastante preocupante é a pobreza e que agora foi revelado com números mais dramáticos pelo anuário do IBGE o que se verifica é o seguinte primeiro lugar ... há problemas endêmicos de pobreza ... há problemas crônicos...e a solução desses problemas exige investimentos...não adianta dar o peixe para o homem que está com fome sem ensiná-lo a pescar...precisa dar-lhe o anzol...o que teve no Brasil nos últimos anos é que volta e meia há uma tentativa de distribuição de peixes... mas em compensação há um racionamento de anzóis ... então a distribuição de peixes não adianta nada por falta de anzóis ... esse é um aspecto

2 - O senhor fala que o país precisa resolver o problema fiscal ... o ministro da Fazenda Elizeu Resende diz porém que só pode fazer alguma coisa nesse sentido depois da revisão constitucional ...

R: eu diria o seguinte ... o ministro Eliseu Resende é um homem inteligente...muito pragmático ... muito experiente e eu acho que se ele conseguir provocar a reforma constitucional de que o Brasil realmente precisa ... ele vai ter feito uma grande obra ... porque das mazelas que assaltaram o Brasil nos últimos anos... sem dúvidas nenhuma ... a mais grave foi a Constituição de 1988 ... que é uma Constituição única baseada em sonhos e não em realidades ... e que torna o Brasil realmente ingovernável ...como aliás foi dito na época pelo presidente Sarney ... pelo ministro Maílson da Nóbrega... e foi repetido sucessivamente dali por diante e agora... aparentemente o governo Itamar chega a essa mesma conclusão... de que é muito difícil governar o Brasil com essa Constituição ... que não é nem parlamentarista nem presidencialista ... que não é federativa nem centralista ... que no fundo é uma colcha de retalhos absolutamente inconsistente ...então ... se o ministro Eliseu em função disso conseguir promover uma reforma constitucional... que abra a possibilidade de o Brasil sair desse bonde na contramão da história ... já é algo a meu ver muito proveitoso...

3 -Enquanto essa reforma não acontece ... os ministros ficam sem muita alternativa para controlar a inflação ... e o apoio ao presidente começa a minguar a cada dia ... o senhor acha que o governo Itamar está ficando com a cara do governo Sarney

R: ele é diferente ... ele tá com cara de governo Itamar ... que não é cara de governo Sarney... mas não necessariamente melhor por causa disso não quero entrar no mérito se é melhor ou pior ... que eu acho diferente o problema todo é ... em primeiro lugar o presidente Itamar também era vice-presidente só que tomou o bonde exatamente no meio do caminho ... ao contrário do Sarney ... que começou no princípio em segundo lugar... é óbvio que o governo de Itamar já está no fim ... quer dizer ... um problema cronológico...nós estamos ... o governo tem o que ... um ano e oito meses de mandato apenas ... sendo que com uma grande campanha eleitoral no ano que vem... que tem

eleições para os mandatos ... então forçosamente é impossível dizer que o governo Itamar não é um governo em final de mandato ... é um governo em final de mandato ... em princípio... em final de mandato necessariamente... na realidade ele é um governo tampão ... um governo tampão normalmente é...um governo que leva a uma produção ... mas do qual não se costuma esperar nenhum ato heróico ... e nenhuma grande reforma

4 - Sendo um governo tampão o senhor acha que teria condições de provocar a revisão constitucional?

R: a reforma constitucional poderia ser se houver um empenho de toda administração ... de todo o governo de reconhecer... pelo menos como diagnóstico... o que que há de absurdo na Constituição de 1988 ... de remover esse conjunto de absurdos ... pelo menos aí nessa altura eu acho que já dá um grande passo para que depois as coisas se equacionem vamos ser muito realistas o Brasil desde 1980 está numa fase de retrocesso nós estamos realmente na fase de retrocesso ... o retrocesso já tem não apenas uma década ... ele tem uma década e meia e certamente vai nos pegar até 95 ... e nada significa que ele vai acabar na segunda metade dessa década você pode continuar em mais retrocessos ...que uma década perdida ... duas décadas perdidas três décadas perdidas não tem fundo com a realidade ...então ... se houver tempo agora de realmente colocar a Constituição em termos que facilitem uma retomada posterior de crescimento ... ótimo

5 - Por que sua preferência pela monarquia?

R: a minha preferência resulta da minha preferência pelo parlamentarismo ... eu acho que o parlamentarismo é um regime que tem uma flexibilidade que o presidencialismo não tem você sabe que ... que o gabinete dura o que é preciso ... muda por necessidade e necessidade ... você obriga o país a ter partidos políticos ...a política passa a ser feita em cima de idéias e não de homens é um regime muito mais adequado à uma democracia funcional do que o presidencialismo...que no fundo é um regime de homens providenciais
o presidencialismo gira em torno de uma figura que se espera seja um homem providencial ... um salvador da pátria e ... positivamente a democracia prega exatamente o contrário instituições que funcionem sem salvadores da pátria ... com bons funcionários ... mas com as limitações normais dos seres humanos bom ... acho que não preciso dizer mais sobre parlamentarismo porque é uma coisa já muito ... é importante observar o seguinte o parlamentarismo força o Congresso a ser responsável .... completamente diferente da situação atual ... agora vamos então a monarquia o problema que você tem no parlamentarismo é ... como é que você posiciona o chefe do governo versus chefe de estado o chefe de Estado deve ser uma figura apolítica para representar o Estado... deve ser uma figura permanente a idéia de presidente da República eleito diretamente no parlamentarismo ... a meu ver é desfiguração do parlamentarismo o parlamentarismo com eleição direta para presidente... que é o movimento parlamentarista republicano no Brasil... a meu ver é a mais completa desfiguração do parlamentarismo só existem dois países na prática ... a França e Portugal se você perguntar amanhã ... o presidente da República eleito por 35 milhões de votos é capaz de contestar imediatamente a legitimidade de um 1º ministro eleito com 350 então aí você tem duas soluções ou é o parlamentarismo com presidente

indireto o caso da Itália ... o caso da Alemanha ou a monarquia e aí eu prefiro a monarquia ... que pelo menos dá um pouco mais de status ao presidente ... o presidente indireto ... essa é a razão da opção monárquica ... mas não tem nada com a restauração da monarquia ... seria a instauração

ENTREVISTA IV - TEMA: MENOR DE RUA E A MATANÇA NA CANDELÁRIA

EDITADA

1 - O que representa o episódio da Candelária?

R: Que está havendo uma guerra civil, não declarada e já há muito tempo. Significa que nós, cidadãos vestidos e "morados" estamos seqüestrados pela violência. A existência de grupos paramilitares, como os Anjos da Guarda, é inconcebível e sinalizadora desta guerra, que teve na madrugada de sexta-feira seu ápice.Os grupos de extermínio são armas desta guerra. Quem financia eles? A sociedade. A mesma sociedade que está doentia com esse guerra lenta e silenciosa, chorando todo assistencialismo pela morte dos meninos e, no fundo, querendo "limpar as ruas". Estamos doentes de ambigüidades.

2 - O Juiz de Menores, Liborni Siqueira, responsabiliza as entidades de proteção ao menor pela matança da Candelária. Você concorda?

R: Isso é ambíguo. Por um lado, se não fossem as entidades não governamentais, os meninos de rua não teriam absolutamente qualquer oportunidade na vida. Essas entidades suprem o papel que as autoridades não fazem. Não há escolas para eles e nem atendimento na rede pública que se nega a atendê-los. As entidades surgiram para suprir este vazio. E eu mesma não trabalho mais com o governo. Você trabalha, implanta um projeto, tem reconhecimento, consegue doações para o projeto. Aí, de repente muda o prefeito e começa tudo da estaca zero, como se nada até então feito tivesse valor. Trabalhar com o governo é ter 100% de desperdício.

3 -Por outro lado ...

Por outro lado, há de fato um indústria do menor com proliferações dessas entidades. E os meninos estão cada vez mais nas ruas, mais descalços. Existe uma disputa na rua, muito grande, pelo menino de rua. "Esse menino é meu é meu." Só que ele não é de ninguém. É dele mesmo e de toda a sociedade. A disputa é exatamente pela questão da verba que dá poder. A verba é um fetiche. Tanto podem ser milhares de dólares como pode ser absolutamente nada. A verdade é que o menino de rua virou uma moda, cuja

camisa todo mundo quer vestir. Isto é uma coisa que me entristece muito. Há pessoas completamete despreparadas para lidar com o menor de rua, que misturam paternalismo e raiva.

4 - Foi o que aconteceu na Candelária?

R: Foi. Houve uma raiva muito grande por parte de quem matou seguida pelo paternalismo de um monte de populares e entidades. Não quero dizer com isso que eles são anjinhos. Não é porque morreram que são anjos. Não eram. Mas eram simplesmente agressivos de acordo com o que recebiam de resposta social. Não é nada fora do comum este comportamento. E a raiva que marcou a matança é uma raiva embutida na sociedade.Há uma omissão silenciosa do tipo "não mato menores mas não faço questão que eles se mantenham vivos". É como se fosse um desejo implícito de eugenia da sociedade, de limpar a raça, a cena, de querer tirar da frente. O menino de rua incomoda a sociedade desde 1747, quando foram criados os primeiros internatos.

5 - A proposta do juiz Liborni Siqueira de retirar os meninos da rua é correta? X

R: Acho um horror. Sempre digo que o meu trabalho não é tirar o menino da rua, e sim educá-lo para que ele saia da rua com as próprias pernas. Todos os projetos que têm por base garantir o direito do menino ficar na rua não são válidos, porque esse direito já existe, não precisa ser garantido. É demagogia. Da mesma forma que interná-los não é solução. A política de recolhimento gera internamento em unidades da Feem, que são incapazes de promover a ressocialização. É tirar do ruim para o pior. Dizem ainda que o trabalho é a solução para o menor de rua.Não é.O que tem de ser garantido e feito primeiramente é o acesso à educação, com direito à profissionalização e à saúde. E isto o governo pode fazer.

ORAL

30 - O que justificaria a brutalidade da cena de ontem?

R: uma guerra civil mesmo né ... que nós tamos vivendo ... não declarada há muito tempo quer dizer ... isso já vem sendo denunciado... em 90 nós fizemos um seminário chamado Rio cidade seqüestrada ... o JB deu até em primeira página ... esse seminário era justamente para dizer isso... que nós cidadãos vestidos e morados estamos seqüestrados entendeu ... pela violência ... quer dizer ...foi um seminário que para mim foi muito rico... colocando empresários e intelectuais na mesma mesa então eram debates ... que eram pessoas opostas ... opostas não ... mas com linhas de caminhos diferentes ... e colocamos nas mesas para discutir essa questão e na realidade já existe a guerra civil você veja ... a existência de grupos que são externos à polícia... que a gente poderia chamar de paramilitares como os Anjos da Guarda em Copacabana ... isso não existe em países civilizados .. quer dizer ... essa é a função da polícia né ... de dar segurança ao cidadão... como a polícia não dá ... por isso e por aquilo ... se criam esses grupos paramilitares... que são financiados por quem? quem financia os Anjos da Guarda por exemplo? entendeu? e cada vez mais você tem milícias privadas de controle...

1 - O juiz Liborni Siqueira hoje tá nos jornais que ele acusa as entidades de proteção aos menores de serem as principais responsáveis pelo que aconteceu ...diz que são tantas as entidades interessadas em receber verbas do exterior... que se criou uma indústria do menor ...e que o menor permanecer na rua é uma coisa que favorece... como é que você vê isso?

R: Olha ... isso é ambíguo né...eu acho que se não fossem as entidades não governamentais os meninos de rua não teriam absolutamente nenhuma oportunidade de nada...quer dizer ... é ... ou seja ...as entidades não governamentais estão suprindo o lugar que seria governamental você vê... não existe escola para o menino de rua ... a saúde não atende o menino normalmente ... é raríssimo você conseguir ser atendido por um hospital público quer dizer ... você não ter possibilidade de ter um salário decente em família para que ele não saia na rua para tentar garantir a sua sobrevivência e o aumento da renda familiar então ... são uma série de fatores ... que são fatores sociais que tão embutidos nessa questão aliás... as entidades não governamentais a rigor elas surgiram para suprir esse buraco ... esse fato eu mesma não trabalho lá com o governo porque você trabalha ... implanta um projeto... você tem reconhecimento profissional do seu projeto ... você consegue uma série de pessoas que estão doando dinheiro pro projeto ... o dinheiro é todo controlado a nível da própria prefeitura ... e de repente muda o prefeito... e começa tudo da estaca zero ... como se nada daquilo que eu tivesse feito tivesse valor ou seja ... tá certo ... a gente pode até não ter conseguido chegar no máximo dentro da ( ) social a ponto de ter a roda perfeita..mas parte da roda perfeita ... mas parte da roda já estava inventada ... a gente já tinha quebrado a cabeça ... já tinha aprendido como trabalhar com os meninos né .. então tudo isso é desperdiçado quer dizer ...trabalhar com o governo é ter 100% de desperdício a cada mudança de mandato

25 - tem um monte de programas e o menino tá ficando cada vez mais na rua mais descalços ... não têm dinheiro nem pra comprar um sapato...
4 - existe uma disputa na rua muito grande"esse menino é meu esse menino é meu" todo menino é de todo mundo... ou seja ... o menino é da sociedade e é dele mesmo né...basicamente ...

11 - Você falou que existe uma disputa pelo menor na rua ...como é que isso se dá assim na prática ...por que essa disputa?

R: é exatamente pela questão dessas verbas né ...que é um ... a rigor pensar ... são ... é ... uma coisa meio mítica sabe ...é um fetiche entendeu ... é como se não existisse... as verbas potencialmente podem existir ... mas na realidade elas não existem entendeu ... então é uma procura eterna de conseguir conquistar essas verbas né... elas podem ... essas verbas podem ser milhares e milhares de dólares ... e podem não ser nada é isso que eu quero dizer entendeu ... eu acho que existe uma disputa ... às vezes sai no jornal que tal projeto ganhou milhares de dinheiro quando na realidade não ganhou nada daquilo ... se você expremer você vai ver que não deu nem 10 mil dólares... 10 mil dólares não daria para você fazer grandes coisas né ... nem pra indústria do menor vamos dizer assim ... que não daria nem para você viver muito tempo com esse dinheiro né eu acho que existe uma disputa em primeiro lugar virou moda né ... a verdade é essa

isso é uma coisa que me entristece muito porque ao invés de a gente ter seriedade nesta questão acaba virando uma série de modismo ... e todo mundo quer trabalhar com menino de rua então você tem as pessoas mais diferentes ... sem nenhum tipo de formação para isso ... e sempre oscilando entre o paternalismo existencialismo e a raiva muito grande quer dizer ...essa coisa de ontem por exemplo foi a raiva muito grande né ... o acontecimento de ontem demonstra uma raiva muito grande ... que ninguém mata da maneira que matou crianças dormindo ...mesmo que não sejam anjinhos ... eu não tô querendo dizer que os meninos da Candelária eram anjos entendeu ...não é porque morreram que viraram anjos ... isso também é importante a gente enfatizar mas eles eram simplesmente agressivos de acordo com o que eles recebiam de resposta social né a agressividade deles era exatamente proporcional a agressividade que eles recebem socialmente desde que nasceram então ... não é nada fora do comum isso daí então é ... pera aí ... deixa ver o que eu tava falando ...ah! da disputa né ... então ... quer dizer ...eu acho que existe essa coisa que oscila entre o paternalismo e o ódio ... a repressão a raiva ... querer tirar da frente... uma questão meia de eugenia entendeu ... limpar a raça ...

12 - incomoda a sociedade?

R: demais ... claro que incomoda ... o menino de rua incomoda muito... não incomoda de hoje incomoda desde mil setecentos e caqueirada entendeu ... quando começaram a surgir os internatos eram tantos os internatos que foram criados desde 1747 se não me engano... que gerou a Funabem ... que virou montro tão grande quer dizer ... apesar do nome Fundação do bem-estar do menor ... de bem-estar não tinha nada né então gerou um mastodonte... um hipopótamo tão grande ... que foi necessário haver uma mobilização social para se criar o estatuto da criança e do adolescente ... para que o menino viesse a ter direito de não ficar trancado dentro do internato só porque era pobre... mas o estatuto não prevê o diteiro dele ficar na rua ... que isso também é uma coisa extremamente incoerente né eu por exemplo ... eu sempre digo que o meu trabalho não é tirar o menino da rua ... mas eu não digo que eu não quero que o menino saia da rua ... o meu trabalho é educar o menino para ele sair da rua autonomamente com as próprias pernas né ... buscando seus caminhos através da educação então ... eu vejo projetos aí ... nesses meus anos... que diz exatamente isso ... " esse projeto visa garantir o menino o direito dele estar na rua"... esse direito não precisa ser garantido porque é um direito que ele já conquistou entendeu ... não é um direito que você deva garantir você tem que garantir os direitos dele ... escolaridade ... saúde ... a possibilidade familiar esses são os direitos que o estatuto prega e que não são cumpridos ... vamos dizer assim... agora o direito dele estar na rua é um direito que ele já conquistou a 300 anos ...

13 - O Dr. Liborni é ... defende o recolhimento dos menores de rua e inclusive acusa as entidades de não terem deixado abrigá-los ... como é que você vê esse política de recolhimento do menor de rua?

R: como é que é? bom ... eu acho um horror ...porque geralmente a política de recolhimento do menino de rua é internamento dentro das unidades da Feem que já tão superlotadas que já tão mal abrigadas as suas crianças que já não têm alimentação ... que não têm profissionais capacitados ... então ... não adianta nada ... quer dizer ...você

tá tirando do ruim para o pior ... ou do pior pro mais pior ... sei lá ... comparativamente não muda nada ... quer dizer... o que o governo tem que fazer realmente e é uma coisa que não depende apenas da vontade política do governo ... depende da mudança de mentalidade das pessoas ... é dar amplas oportunidades de escolaridade para esses meninos entendeu ... o que o governo tem que fazer realmente é dar condições de profissionalização para que eles possam com mais de 13 anos 14 já começarem a trabalhar ... mas não um trabalho a nível pesado... vamos dizer assim ...porque também essa é uma outra coisa que fala-se muito ... "a solução para o menino de rua é o trabalho" a solução para o menino de rua é a escola ... primeiro ... mas uma escola que receba ele ...que não tenha preconceito que ... que ... vamos dizer assim ... que consiga escolarizá-lo com o conteúdo que ele tem entendeu ... é ... dar as possibilidade dele aprender a partir dele mesmo né...então essa é a questão da escola e a escola no Brasil não tem isso entendeu ...a escola no Rio de Janeiro não tem isso

ENTREVISTA V - TEMA: ECONOMIA POPULAR

EDITADA

1 - Qual o movimento que a senhora está propondo neste novo plano econômico?

R: É simples: vamos comprar o mínimo possível, principalmente coisas perecíveis. Isso porque, mal a URV chegou, os preços já dispararam. Quem vive de salário está assustado. Tem produto que já subiu 70 % em URV. Por isso, vamos comprar o mínimo possível, especialmente verduras, frutas, legumes,ovos, queijo, manteiga, produtos que, se não forem vendidos, estragam. Também podemos fazer a mesma coisa com arroz e feijão. Comprar o mínimo de tudo. Por que a feira é mais barata na hora da xepa? Porque eles vão ter que jogar fora. Então, vamos todos aderir à xepa. Comprar a qualquer preço, hoje, é falta de brasilidade, de cidadania.

2 - Mas o governo está está dizendo que vai fiscalizar os aumentos de preços.

R: Nós não vamos conseguir controlar todos esses preços e eu não acredito na Sunab. O melhor fiscal do bolso da gente é a gente mesmo. Eu vi aqui em Piracicaba a Sunab avisar antes que vinha fiscalizar. Pode isso? Então eu fico preocupada. Eles não conseguem fiscalizar nem o recolhimento de ICM. Se eles recolhessem o ICM direito não pagaríamos tanto imposto. Por isso, a regra é ir à luta, na luta do um por todos, todos por um. E pedir a Deus para que dê certo desta vez. Não temos outra coisa a fazer. O que vamos fazer?
Jejuar? Parar de comer? Não dá.

3 - Esse movimento reúne quantas pessoas?

R: Eu não sei porque funciona tudo por telefone. Nós não fazemos reuniões. Sei que hoje já temos contatos com pessoas de 16 estados. Eu não tenho tempo de sair com bandeira pela rua. Digo para todo mundo: nós não temos tempo, temos que agir. Não adianta fazer reunião. Falamos por telefone. A maioria das pessoas eu nunca vi pessoalmente. Mas, desde a época da carne, nós nunca perdemos contato. Não temos nome, nem associação, é um movimento cívico, bem popular.

4 - A senhora pretende procurar o ministro Fernando Henrique?

R: Eu quero conversar com ele ou com um assessor para pedir que assumam um trabalho de divulgação dos produtos de safra, de alerta. Há tanta especulação também porque as pessoas não sabem quanto custa cada coisa. Acham que tudo está caro. Você pergunta. "Por que está caro?" "Porque é verão." Depois a explicação é de que está caro porque é inverno. Na verdade, eles estão especulando porque têm respaldo na ignorância popular e cabe ao governo orientar a população.

5 - A senhora não costumar fazer compras para o mês?

R: Nessa situação de especulação, não. Vamos comprar o mínimo, nada de compras para o mês. Vai dar um pouco de trabalho, mas o negócio é comprar para uma semana, no máximo, deixar mais o dinheiro na poupança. E comprar pelo preço e não pela marca. Eu não tenho nada contra marketing, contra propaganda. Mas, para mim, estamos em um país muito pobre e as diferenças pe quenas que existem de um produto para outro não compensam. Eu já experimentei todas marcas de margarina e não vejo nenhuma diferença. Sabão em pó é tudo mentira que um lava mais branco e outro perfuma mais. Tudo mentira.

ORAL

1 - Agora vocês começaram a se mobilizar de novo por causa dos aumentos?

R: o negócio é o seguinte ... então vamos fazer uma coisa ... vamos comprar o mínimo possível ... principalmente as coisas perecíveis ... tá certo é ... fruta ... verdura ... queijo ... ovos ... frios ... manteiga ... essa coisa toda ... o mínimo ... até feijão ... arroz também ... que dá carucho ...dá bicho também ... né? então vamos comprar ... vai dar um pouquinho mais de trabalho... por que na hora da xepa é tudo mais barato? porque eles vão ter que jogar no lixo né? então vamos todo mundo dá uma de xepa...sabe porque ... agora ... antes era meio brega você sair especulando não é ... eu acho que hoje ... brega é você sair por aí comprando a qualquer preço sabe ... isso é falta de brasilidade ... eu acho falta ... tudo que se compra aí nós não vamos conseguir controlar ... e eu não acredito no ... não é que eu não acredito na Sunab não sabe? mas eu acho o seguinte ... quem é o melhor fiscal do bolso da gente é a gente mesmo... porque aqui em Piracicaba eu vi algumas vezes a Sunab avisar que vinha aqui para fiscalizar... eu não entendo... quer dizer... você avisa antes que vai fiscalizar ... aconteceu isso ... então eu digo ... fico muito preocupada com esse negócio sabe ... porque eles não estão

fiscalizando nem o ICM ... eles não recolhem ... tá tivesse fiscalização ... e se recolhecem o ICM que deveriam recolher tá ... tivesse fiscalização de qualquer tanto ... que o Brasil ia tá muito melhor ... a gente não ia ter que pagar tanto Imposto de Renda ...tanta coisa né ... agora...quando é que vai fiscalizar tudo isso aí ... uma vez nós távamos conversando ... aí eu falei ...olha gente o negócio é o seguinte ... agora é a gente com a gente mesmo ... todos por um ... um por todos outra vez né e pedir a Deus porque não tem outra coisa a fazer ... então o que que nós vamos fazer? jejuar não dá porque agora tem que boicotar ... a carne ainda dá pra substituir né ... o feijão não dá ... admirei demais o Gandhi ... mas não tenho ainda essa brasilidade né ... pra ficar sem comer

9 - Esse contato reuniu mais ou menos quantas pessoas?

R: nossa ... não dá pra você dizer pessoas ... porque só agora somos 16 estados ... então eu não sei dizer aqui em Piracicaba quantas pessoas estão já nessa história ... que eu falei pra você das pessoas ligarem pras cinco ...

e funciona assim ou vocês chegam a ter uma reunião ...

reunião nós não fazemos ... porque não temos tempo e olha aquela que não sei ... que andou fazendo luto ... aquela eu gostaria que entrasse no movimento também mas ... eu disse pra todo mundo ... a senhora de luto tá sendo brasileira sabe... porque nós não temos tempo... nós temos que agir não adianta nada ficar saindo com a bandeira na rua olha eu não tenho tempo ... eu acho que as pessoas donas-de-casas ... que eu tenho ligado essas pessoas que têm trabalhado comigo... inclusive a presidente da Associação das domésticas trabalha comigo também nessa questão de difusão do movimento ... nós não temos tempo de fazer reunião tá ... então a gente não ia reunir ... a gente ia falar por telefone ...

você fala com 16 estados ... são pessoas que você conhece por telefone?

são por telefone ... conheço algumas pessoalmente ... daquelas reuniões que a gente teve né ...em Brasília e São Paulo ...

vocês têm uma associação ... vocês têm um nome?

não ... não temos nome ... não temos associação ... não temos nada ... são pessoas assim ... vou dizer assim ... é uma coisa cívica um movimento popular assim espontâneo ... livre

- agora a senhora tá pensando em procurar o ministro Fernando Henrique ... também como falou com o ...

R: eu quero ver se falo pelo menos com algum assessor dele ... no sentido de uma coisa que eu quero pedir ... mas quero pedir mesmo com muita veemência ... é ... é essa questão que eu disse a você ... que é a divulgação dos produtos de safra porque eu vejo muita gente simples e pobre ... sem saber porque mas comprando porque tá

acostumado ... o tomate ... mas não tá na safra do tomate entende ... e o governo tem que explicar isso ... sabe... ninguém vai morrer se não comer tomate porque não tá dando na safra e tá um preço elevadíssimo mas como o brasileiro já perdeu o parâmetro do que é caro do que é barato ... entendeu ele perdeu a noção ... então eu acho que o governo tem a Obrigação o-bri-ga-ção de fazer isto ... porque aí ... aí já é um grande passo para que as famílias se alimentem melhor e não haja tanta especulaçao porque essa especulação existe porque ninguém sabe de nada tudo tá caro ... então ... cê viu na entrevista segunda-feira? por que tá caro? porque agora não é verão ... mesma coisa um aqui você pergunta aqui por que o tomate tá caro ah ... porque tá começando a esfriar ah ... porque secou ou choveu ... entende eles estão especulando porque eles tão é... é ... tendo um respaldo ... a ignorância popular que não teve condições de aprender isso ...

- que que a senhora sugere que a população faça ... que as donas-de-casa façam?

R: bem ... o que eu sugiro é isso ... que a gente resolveu em conjunto com esse grupo ...vamos comprar o mínimo tá ... nada de compras pro mês ...
vai dar um pouco de trabalho ... mas a gente tá tem que defender um pouquinho ... vão ... põe na caderneta popança ... põe em qualquer lugar aí o dinheiro e compra o mínimo ... se for possível é lógico ... que comprar pro dia a dia é meio difícil ... mas compra pra semana ...

e compra pelo preço e não pela marca ... pelo amor de Deus eu não tenho nada contra marketing ...eu não tenho nada contra propaganda mas pra mim ...eu acho que nós tamos num país muito pobre ... então essas diferenças pequenas que existem entre um produto e outro não compensam ... a gente fica sustentando o produto pela marca ... porque atrás de nós tem uma leva de gente que não tá comendo ... que diferença existe entre Doriana ... Becel ... margarina ... não sei que lá ... Primor ... eu não sei ... eu já experimentei todas ... não noto nada sabe ... sabão em pó ... tudo mentira que uma lava mais branco que o outro ... lavou lavou não é ... acabou ... vamos na marca mais barata.

HAIDO, Tereza M. de Carvalho. A reorganização discursiva em entrevistas jornalísticas.Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1996. 153 fl.mimeo. Dissertação de Mestrado em Lingüística.

RESUMO

A presente dissertação estuda os principais procedimentos utilizados pelo editor na reorganização decorrente da passagem da entrevista oral para a editada. Investigaram-se as pistas textuais-discursivas que possibilitam o entendimento dos cortes efetuados pelo editor face às imposições pragmáticas do veículo jornalístico, através do confronto entre as versões editadas e orais.

O estudo comparativo desenvolveu-se através de análise qualitativa dos dados e permitiu constatar que há alguns procedimentos recorrentes no processo de edição das entrevistas.

Evidenciaram-se, no desenvolvimento do trabalho, o caráter coesivo e icônico do processo de edição e os fatores discursivos e pragmáticos como determinantes básicos da estruturação global das entrevistas